

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS**

**EPÊNTESE DIANTE DO SEGMENTO [w] NO
ESPANHOL DO URUGUAI**

Clara da Silva

Orientadora: Prof^a . Dr^a . Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena

Pelotas

2000

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS**

**EPÊNTESE DIANTE DO SEGMENTO [w] NO
ESPANHOL DO URUGUAI**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Clara da Silva

Orientadora: Prof^ª . Dr^ª . Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena

Pelotas

2000

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus professores, porque acreditaram em minhas possibilidades, especialmente a professora Carmen, que me apoiou em todo momento; com seu exemplo e afeto ajudou-me a superar momentos difíceis, e, com rigor acadêmico, respaldou-me na procura de respostas. Também, á memória dos professores Armin Schläfrig, que despertou meu amor pela história da língua, e de José Pedro Rona, quem, na primeira aula, na universidade de Montevideú, nos disse: “ o professor Coseriu deixou uma mensagem para vocês: sempre perguntem por quê; os jovens da minha geração não perguntamos por que e quando acordamos o nazismo já tinha tomado conta de tudo”. Ao longo da minha vida tentei, e seguirei tentando, honrar esse recado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto de Lingüística da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidade Maior da República Oriental do Uruguai, na pessoa de seu decano Dr. Prof. Adolfo Elizaincín, a permissão para usar o *corpus* do Instituto, assim como os inventários temáticos das fitas e os roteiros das entrevistas. Também agradeço a generosidade ao me permitir usar e compartilhar os escassos recursos materiais com que conta a Faculdade, sempre relegada no orçamento da sucateada universidade pública uruguaia.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
SUMÁRIO	iv
LISTA DE TABELAS	viii
LISTA DE QUADROS	ix
LISTA DE GRÁFICOS	x
LISTA DE FIGURAS	xi
RESUMO	xii
RESUMEN	xiii
ABSTRACT	xiv
1 INTRODUÇÃO	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1 Da fonologia linear à não-linear	6
2.1.1 A fonologia autosegmental	8
2.1.2 Constituintes prosódicos	13
2.1.2.1 A hierarquia prosódica	15
2.1.3 Fonologia lexical	16
2.1.4 Fonologia Métrica	16
2.2 Fonologia da sílaba	17

2.2.1	Princípios universais	21
2.2.2	Teorias sobre a estrutura silábica e silabação	26
2.2.2.1	Uma teoria da sílaba baseada em princípios e parâmetros: Itô (1986)	31
2.2.3	A sílaba em espanhol	33
2.3	O modelo variacionista	35
3	METODOLOGIA	39
3.1	Os dados	39
3.1.1	Origem dos dados	39
3.1.2	A construção do <i>corpus</i>	40
3.1.2.1	A seleção de registros	42
3.1.2.2	O universo da amostra	43
3.1.2.3	Transcrição dos dados	44
3.2	Os informantes	45
3.2.1	O país dos informantes	45
3.2.2	Os sujeitos	48
3.2.3	A língua dos informantes	50
3.3	Método de análise	51
3.4	Definição das variáveis	56
3.4.1	Codificação das variáveis	59
3.4.1.1	Variáveis dependentes	59
3.4.1.2	Variáveis independentes	59
3.4.1.2.1	Variáveis lingüísticas	59
3.4.1.2.2	Variáveis extralingüísticas	61
4	DESCRIÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA	62
4.1	Variável dependente	62

4.2	Variáveis independentes	63
4.2.1	Nível zero.....	64
4.2.2	Nível 1	64
4.2.2.1	Contexto precedente	64
4.2.2.2	Consoante precedente quanto ao ponto de articulação	66
4.2.2.3	Consoante precedente quanto ao modo de articulação	68
4.2.2.4	Vogal precedente quanto ao ponto de articulação	70
4.2.2.5	Vogal precedente quanto à abertura	71
4.2.2.6	Vogal seguinte quanto ao ponto de articulação	73
4.2.2.7	Vogal seguinte quanto ao grau de abertura.....	75
4.2.2.8	Condição silábica.....	77
4.2.2.9	Escolaridade.....	78
4.2.2.10	..Idade	79
4.2.2.11	..Fechamento do nível 1	81
4.2.3	Nível 2	81
4.2.3.1	Fechamento do nível 2.....	82
4.2.4	Final	82
5	ANÁLISE FONOLÓGICA E DISCUSSÃO.....	83
5.1	As condições de boa-formação da sílaba espanhola	83
5.1.1	Condições para a formação da rima.....	90
5.1.1.1	Ditongos e hiatos	91
5.1.1.2	Um enfoque atual.....	95
5.1.1.3	Os ditongos em posição inicial absoluta.....	100
5.1.1.3.1	.O processo de consonantização dos glides espanhóis	109
5.2	Fatores que favorecem o aparecimento da epêntese	110

5.2.1	O fator nasal.....	111
5.2.2	O fator fricativa aspirada	112
5.2.3	O fator dorsal	112
5.2.4	O fator coronal.....	113
5.2.5	O fator líquida.....	114
5.2.6	As Variáveis Extralingüísticas.....	114
6	CONCLUSÃO.....	118
	BIBLIOGRAFIA.....	121

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Escala de sonância	23
TABELA 2 – Ocorrência da epêntese	62
TABELA 3 – Contexto precedente.....	65
TABELA 4 – Consoante precedente quanto ao ponto de articulação	67
TABELA 5 – Consoante precedente quanto ao modo de articulação	68
TABELA 6 – Vogal precedente quanto ao ponto de articulação	70
TABELA 7 – Vogal precedente quanto à abertura.....	72
TABELA 8 – Vogal seguinte quanto ao ponto de articulação	73
TABELA 9 – Vogal seguinte quanto ao grau de abertura	75
TABELA 10 – Condições silábicas	77
TABELA 11 – Escolaridade	78
TABELA 12 – Idade.....	80

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Exemplos da ocorrência /não ocorrência da epêntese	63
QUADRO 2 – Exemplos do condicionamento do contexto precedente.....	65
QUADRO 3 – Exemplos do condicionamento da consoante precedente quanto ao ponto de articulação.....	67
QUADRO 4 – Exemplos do condicionamento da consoante precedente quanto ao modo de articulação.....	69
QUADRO 5 – Exemplos do condicionamento da vogal precedente quanto ao ponto de articulação.....	71
QUADRO 6 – Exemplos do condicionamento da vogal precedente quanto à abertura.....	72
QUADRO 7 – Exemplos do condicionamento da vogal seguinte quanto ao ponto de articulação.....	74
QUADRO 8 – Exemplos do condicionamento da vogal seguinte quanto ao grau de abertura... ..	76
QUADRO 9 – Exemplos do condicionamento das condições silábicas.....	77
QUADRO 10 – Exemplos do condicionamento da escolaridade.....	79
QUADRO 11 – Exemplos do condicionamento da idade.....	80
QUADRO 12 – Peso relativo das combinações dos valores significativos no <i>output</i> do VARBRUL	81
QUADRO 13 – Ressilabação de ditongos decrescentes precedidos de consoante	101
QUADRO 14 – Ressilabação de ditongos decrescentes precedidos de vogal.....	102
QUADRO 15 – Ressilabação de ditongos crescentes precedidos de consoante	104

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Curva de sonância da seqüência /far.do/	24
GRÁFICO 2 – Curva de sonância com platô	25
GRÁFICO 3 – Curva de sonância da seqüência /gris/	25
GRÁFICO 4 – Curva de sonância da seqüência /jo.jo/	26
GRÁFICO 5 – Curva de sonância da seqüência /miel/	26
GRÁFICO 6 – Percentagem do aparecimento da epêntese no total de ocorrências	63
GRÁFICO 7 – Contexto precedente	66
GRÁFICO 8 – Consoante precedente quanto ao ponto de articulação	67
GRÁFICO 9 – Consoante precedente quanto ao modo de articulação	69
GRÁFICO 10 – Vogal precedente quanto ao ponto de articulação	71
GRÁFICO 11 – Vogal precedente quanto à abertura	73
GRÁFICO 12 – Vogal seguinte quanto ao ponto de articulação	74
GRÁFICO 13 – Vogal seguinte quanto à abertura	76
GRÁFICO 14 – Condições silábicas	78
GRÁFICO 15 – Escolaridade	79
GRÁFICO 16 – Idade	80
GRÁFICO 17 – Distância entre os segmentos permitidos nos ataques complexos em espanhol.	88
GRÁFICO 18 – Agrupamentos de alveolares dentais com líquidas	89

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Diagrama arbóreo mostrando a organização interna de um segmento (Clements e Hume, 1995: 249).....	10
FIGURA 2 – Representação, na geometria de traços, do segmento [w].....	12
FIGURA 3 – Representação, na geometria de traços, do segmento de contorno [tʃ]	13
FIGURA 4 – Representação da sílaba como estrutura plana	27
FIGURA 5 – Representação da sílaba inglesa segundo proposta de Selkirk (1982) (Collischonn, 1997: 38).....	27
FIGURA 6 – Silabação e projeção de estrutura silábica baseada na proposta de Levin (1985).....	30
FIGURA 7 – Representação da Condição da Sílaba Básica Universal.....	32
FIGURA 8 – Esquema representando a sílaba espanhola	34
FIGURA 9 – Fórmula de uma condição negativa	84
FIGURA 10 – Fórmula de uma condição positiva	84
FIGURA 11 – Fórmula da Primeira Condição do Ataque	87
FIGURA 12 – Fórmula da Segunda Condição do Ataque	87
FIGURA 13 – Estrutura silábica da palavra /puente/	98
FIGURA 14 – Silabação de /mi ermano/ e /tribu elitista/	99
FIGURA 15 – Formação da epêntese	106
FIGURA 16 – Representação da vogal dorsal /a/.....	113

RESUMO

Neste trabalho focaliza-se o processo de epêntese consonântica que se observa nas palavras iniciadas pela seqüência [w] + vogal, em espanhol. O caso é estudado do ponto de vista da silabação e das condições de boa-formação da sílaba na língua, assim como sua interação com o nível melódico. A epêntese constitui um dos recursos de que se utilizam as línguas para resolver sílabas mal formadas. Embora sua aplicação esteja prevista no nível lexical para atender ao Princípio de Preservação de Estrutura, as condições do contexto favorecem ou não a sua manifestação, na superfície. O aparecimento, ou não, da consoante epentética, nos casos em foco, constitui um fenômeno sujeito a regra variável. O estudo dessa variabilidade se fez mediante o programa de estatística VARBRUL. O uso desse programa permitiu avaliar o peso dos condicionantes lingüísticos e extralingüísticos que influem na variável lingüística analisada.

Comprovou-se que o fenômeno em foco é provocado pela interação de múltiplos fatores. Além dos fatores pertencentes ao domínio da sílaba, tais como as condições de boa formação da sílaba espanhola, as restrições específicas dessa língua pesa, também, o contexto fonético-fonológico.

Das variáveis selecionadas para a análise das condições favorecedoras ou não do aparecimento da epêntese, na superfície, apenas as referentes ao modo de articulação das consoantes precedentes, ao ponto de articulação das vogais seguintes, e seu grau de abertura, revelaram-se com um peso significativo.

RESUMEN

En este trabajo se focaliza el proceso de epéntesis consonántica que se observa en las palabras iniciadas por la secuencia [w] + vocal, en español. El caso se estudia desde el punto de vista de la silabificación y de las condiciones de buena-formación de la sílaba en la lengua, así como su interacción con el nivel melódico. La epéntesis constituye uno de los recursos de que se valen las lenguas para resolver sílabas mal formadas. Aunque su aplicación esté prevista en el nivel lexical, para atender al Principio de Preservación de Estructura, puede también estar presente en el nivel poslexical, constituyendo su aparición, o no, un fenómeno sujeto a regla variable. El estudio de esa variabilidad se hizo mediante el programa de estadística VARBRUL. El uso de ese programa permitió evaluar el peso relativo de las condicionantes lingüísticas y extralingüísticas que influyen en la variable lingüística analizada.

Se comprobó que el fenómeno en foco es provocado por la interacción de múltiples factores. Además de los factores pertenecientes al dominio de la sílaba, tales como las condiciones de buena formación de la sílaba española, las restricciones específicas de esa lengua en lo que atañe a esas condiciones, pesa, también, el contexto fonético-fonológico.

De las variables seleccionadas para analizar si favorecían o no la aparición de la epéntesis, sólo las referentes al modo de articulación de las consonantes precedentes, al punto de articulación de las vocales siguientes, y su grado de abertura, se revelaron con un peso significativo.

ABSTRACT

This work focuses on the consonantic epenthesis process that is observed in the words starting with the sequence [w] + vowel, in Spanish. The case is studied from the syllabification point of view and from the syllable wellformedness conditions in the language, as well as its interaction with the melody tier. The epenthesis is one of the resources used by other languages to solve the illformed syllables. Although its application is foreseen at the lexical level, to comply with the principle of Structure Preservation, it can also be present at the postlexical level. Its apparition or not is a phenomenon subject to a variable rule. The study of this variability has been done through the statistics program VARBRUL. The use of this program allowed the evaluation of the relative weight of the linguistic and extra linguistic conditions that are influencing the analysed linguistic variable.

It has been proved that the focused phenomenon is provoked by the interaction of multiple factors. In addition to the factors belonging to the domain of the syllable, such as the wellformedness conditions of the Spanish syllable, the language-specific constrains regarding those conditions, the phonetic – phonological context also weights.

From the variables selected to analyse whether they favoured or not the apparition of the epenthesis, only those referring to the manner of the articulation of the preceding consonants, to the place of articulation of the following vowels, and to their aperture degree, revealed with a significant weight.

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, interessa a língua como entidade sujeita a variações. O fenômeno a ser estudado pertence ao sistema fonológico do espanhol, abrangendo os *tiers* segmental e prosódico.

No espanhol, entre os muitos casos de variação que podem ser observados, há um fato que, tendo-se iniciado faz séculos, estando já documentado no início do século IV, ainda continua: a epêntese de [g] diante do segmento [w] quando seguido de vogal, em posição inicial. Assim, para a palavra *huevo*, (ovo), pode-se ouvir tanto ['weβo] como ['ɣweβo ~ 'gweβo], sendo as últimas variantes estigmatizadas. A literatura sobre o tema (Rueda Rueda, 1993: 363) registra que a variante com /b/ epentética, ['βweβo ~ 'bweβo], é pouco ouvida.

Nas palavras que contêm o grupo tautossilábico [wa], a situação parece fixada, ainda no latim vulgar, como se deduz dos casos da palavra de origem germânica *wardar*, que passou para *guardar*, deslocando a latina *vigilar*. Nos inícios do espanhol, a palavra germânica **wantos* deslocou a latina *manicas*, dando origem a *guante* (luva), por exemplo. De origem árabe, entraram, em espanhol e português, as palavras *alcahuete*, de

al-qawwād, (alcagüete), *guarismo* de Alḡ uwārizmî (algarismo), e outras. Tanto nos dialetos hispano-americanos, como no português brasileiro, aparece o nome de uma planta medicinal da flora regional, *huaco*, como *guaco* (guaco); também a palavra *huasca* [ˈɣwaska ~ ˈgwaska], (guasca); ou as palavras *guacho* (órfão) e *gaucho* (gaúcho), com origem provável na palavra quíchua, **wacho*, assim como muitos outros exemplos. Em todos os casos, a variante com [g] epentético aparece aceita pela norma padrão, embora o dicionário da *Real Academia de la Lengua Española* (RAE) registre as variantes sem [g]; por exemplo, *huacamayo* (ave da fauna de América Central), *huaca* (sepulcro dos antigos incas que guardam tesouros), *huaco* e *huasca* para *guacamayo*, *guaca*, *guaco* e *guasca*, respectivamente. De todo modo, o dicionário remete às formas com [g] inicial como sendo as preferidas.

Já no caso de [we] a situação é diferente. É aceito que, ainda no latim popular, se tinha iniciado a ditongação de /ɛ, o/, como consequência das mudanças do sistema vocálico latino. No início, pelo menos, houve a ditongação, nos casos de alongamento, ou seja, ante consoante simples, e, mais adiante, em qualquer posição. Foi um fenômeno comum a toda a România como testemunha a ditongação das línguas romanas, por exemplo: *buono*, *uomo*, (bom, homem), no italiano; *huit*, *roi*, (oito, rei), em francês, etc. No espanhol, parece que o nivelamento de todas as vogais, no que respeita à quantidade, aconteceu muito cedo, e, portanto, a ditongação apareceria originariamente nos dois tipos de sílaba, livre e travada. Também teria incidido, na ditongação, a diferença entre os dois sistemas vocálicos das línguas em contato: a falada pelos leoneses, astures, e cântabros, primitivos habitantes da

região do rio Ebro da Espanha, e do latim, falado pelos invasores da península (sec. III a.C.). O latim popular falado pelos legionários estava composto de sete vogais, /a, e, ε, i, o, o, u/, enquanto que o sistema dos nativos estava composto de cinco vogais /a, e, i, o, u/. Neste trabalho, a origem da combinação [we] não será considerada.

No que respeita à epêntese, tanto Rafael Lapesa (1985: 468) como Amado Alonso (1967 (b): 28) recolheram, de manuscritos dos inícios do século XV e XVI, testemunhos de que “la *w* de *huevo*, *hueso* se reforzaba con una *g* previa”, (o *w* de *ovo* reforçava-se com um *g* prévio), por exemplo, em manuscritos do Fuero Viejo de Castilla, assim como em Juan de Valdés, que, no seu *Diálogo de la Lengua* ([1535, ed. original], 1928: 65), registra, também, a pronúncia *güevo*, *güerto*, *güesso*, embora declare que “oféndeme el sonido y por esso tengo por mejor la *h*”, (ofende-me o som e por isso acho melhor o *h*). Ou Gonzalo Correas ([1626], 1954: 51), que um século mais tarde representava com a grafia *g*, sem nenhum tipo de ressalva, todas as palavras nas que aparecia a epêntese.

Para Alarcos Llorach (1971: 164), o fato de que a grafia *hu-* tenha que aparecer diante de /e/, no caso de *huelga*, (greve), enquanto diante das outras vogais aparece *gu-*, “é uma pura questão ortográfica: nos séculos clássicos abundam as grafias *güerto*, *güevo*, etc.

No entanto, o que o autor chama de “pura questão ortográfica” está ocultando várias outras questões, e muito intrincadas, como o *status* do segmento [w], e, por extensão, dos glides, no sistema fonológico do espanhol, o papel desse segmento na sílaba, a existência ou não de ditongos crescentes na subjacência, as condições de boa formação da sílaba em

espanhol, as violações dessas condições e as estratégias de preservação da estrutura e, finalmente, a estigmatização que pesa sobre as variantes epentetizadas.

Focalizou-se, nesta pesquisa, o estudo do caso do ponto de vista da silabação e das condições de boa-formação da sílaba em espanhol, assim como sua interação com o nível melódico, com respaldo teórico provido por fonologias não-lineares. O objetivo do trabalho é ter uma informação atualizada sobre o problema dos glides; contribuir para a descrição do espanhol falado no Uruguai e na pesquisa e o ensino do espanhol como língua materna e como língua estrangeira. Os objetivos específicos do trabalho são descrever a epêntese de segmentos precedentes ao glide [w], seguido de vogal, no espanhol do Uruguai; identificar os condicionamentos lingüísticos dessa epêntese; identificar os condicionamentos extralingüísticos do fenômeno; analisar a ocorrência desse caso de epêntese à luz da teoria autosegmental, a fim de esclarecer a relação entre o *tier* melódico e o *tier* prosódico.

A partir do estudo das teorias lingüísticas que sustentam o *constructo* da Lingüística como ciência, e das teorias da Fonologia referentes à sílaba e aos segmentos, formularam-se três hipóteses norteadoras do presente trabalho: o segmento [w] é a realização do fonema /u/ na subjacência; como consequência do espraiamento de traços do segmento complexo [w], ocorre uma epêntese consonantal; o aparecimento da consoante epentética estaria favorecido por condições silábicas e pelo contexto fonotático.

Esta pesquisa está organizada em seis capítulos, subdivididos, em sua maioria, em seções secundárias e terciárias.

O Capítulo 1 diz respeito à parte introdutória do trabalho, descrevendo-se as diferentes partes da pesquisa.

No Capítulo 2, aparece o suporte teórico que se utilizou para dar embasamento ao trabalho realizado.

No Capítulo 3, apresenta-se a metodologia empregada na pesquisa: os procedimentos seguidos na preparação do *corpus*, os critérios para a escolha dos informantes, as variáveis controladas e o método de análise utilizado.

O Capítulo 4 refere-se à descrição dos passos seguidos no uso do pacote computacional VARBRUL, ao qual foram submetidos os dados desta pesquisa, e à interpretação estatística dos resultados.

O Capítulo 5 concerne à discussão das condições e parâmetros que regulam a formação da sílaba em espanhol e de como incidem, em conjunção com o contexto fonético-fonológico, na formação da epêntese consonantal, foco deste estudo. Apresenta também a análise fonológica dos resultados estatísticos, especialmente, no referente às variáveis selecionadas como significativas.

No Capítulo 6 são apresentadas as conclusões.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão apresentadas, de forma resumida, as teorias fonológicas que respaldam o presente trabalho. Uma primeira seção está dedicada a expor, sucintamente, alguns dos conceitos básicos da Fonologia do segmento, especialmente, da Geometria de Traços, assim como os conceitos básicos que norteiam as pesquisas da Fonologia Lexical e Métrica. Uma segunda seção é dedicada a desenvolver temas referentes à Fonologia da Sílabas, com uma breve exposição sobre a estrutura da sílaba, a sua constituição, e uma descrição resumida da sílaba espanhola. Por fim, na terceira seção, apresentam-se os conceitos básicos da Teoria da Variação Lingüística, justificando o uso de procedimentos quantitativos, nesta pesquisa.

2.1 Da fonologia linear à não-linear

Segundo Mascaró (1990: 465-487), uma das primeiras abstrações sobre as quais se baseou a análise fonológica foi supor que o sinal acústico se podia segmentar em unidades estáveis, consecutivas, os *fonemas*. Um segundo passo, nesse processo de abstração, consistiu em analisar os fonemas como um conjunto de propriedades fonético-fonológicas simultâneas, os traços distintivos (sonoridade, ponto de articulação, nasalidade, etc.), com

uma relação bijectiva entre os segmentos e os traços distintivos. Esses subsídios sustentaram os modelos fonológicos estruturalistas até os anos sessenta, aproximadamente, e o modelo gerativo dos anos sessenta e setenta. Para Clements e Hume (1995: 245):

Feature theory has emerged as one of the major results of linguistic science in this century, and has provided strong confirmation for the view that languages do not vary without limit, but reflect a single general pattern which is rooted in the physical and cognitive capacities of the human species. (A teoria dos traços surgiu como um dos maiores resultados da ciência deste século, tem fornecido uma confirmação forte no sentido de que as línguas não variam sem limites, mas refletem um padrão geral com raízes nas capacidades físicas e cognitivas da espécie humana.)

A necessidade de levar em conta esses limites fisiológicos e cognitivos deslocou o centro de atenção, que nas fonologias estruturalistas estava nas abstrações feitas a partir da observação dos fonemas isolados na linearidade da cadeia falada, para os fenômenos de solapamento nessa mesma cadeia falada; mas, para descrevê-los, os modelos lineares não tinham explicação adequada ou eram insuficientes: os novos modelos atenderiam com maior capacidade explanatória as condições impostas pela “substância”.

Como explicam Clements e Hume (1995: 301), na nota de rodapé 2, embora já Harris, assim como Hockett, usassem o termo “não-linear” para estabelecer a oposição “successive (linear) phonemes” e “nonsuccessive” ou “non-linear phonemes”, como o acento, só nos últimos tempos essa expressão passou a designar um novo enfoque teórico. Para uma fonologia não-linear, como a fonologia autosegmental, os traços distintivos estão dispostos hierarquicamente em diferentes “tiers” ou camadas, que podem estender-se aquém ou além de um segmento, ligar-se a mais de uma unidade, como também funcionar isoladamente ou em conjuntos solidários (Hernandorena, 1999: 45).

Um dos pontos fortes do novo modelo é a possibilidade de explicar o solapamento ou encobrimento dos traços dos segmentos em contigüidade, acarretado pelos gestos

articulatórios, no plano fonético, mediante o espraçamento ou o desligamento de linhas de associação.

2.1.1 A fonologia autosssegmental

Os foneticistas descrevem a *co-articulação* (Borzzone de Manrique, 1980: 75) como a influência de um som ou segmento sobre outro, dito de outro modo, a influência do contexto fônico sobre um determinado segmento. Os movimentos musculares realizam-se como um fluxo de gestos que se superpõem, ou seja, os gestos necessários para produzir um som particular superpõem-se com os movimentos necessários para articular o som seguinte e precedente. Como consequência da co-articulação, produz-se o espraçamento de um traço de um som ou segmento para outro ou outros segmentos. Assim, nas sílabas com consoante nasal, as vogais geralmente se nasalizam por espraçamento do traço nasal além do segmento correspondente ao nasal, abrangendo o segmento vocálico. O traço pode se espraçar tanto sobre o segmento precedente como sobre o segmento seguinte, dado que o espraçamento é bidirecional. Na palavra espanhola *nata*, [ˈnãta], a nasalização do [ã] é um exemplo de espraçamento da esquerda para a direita. No sintagma *con pan*, o segmento nasal se articula como bilabial [komˈpan], antecipando o ponto de articulação do som seguinte, evidencia do espraçamento da direita para a esquerda. Segundo de Clerk *et al*, Putman, e McNeilage e Ladefoged, (*apud* Borzzone de Manrique, 1980: 76), o espraçamento seria explicável por limitações mecânicas dos articuladores que persistem por inércia nessa posição ou movimento, e, em parte, como estratégia de acomodação para suavizar as diferenças entre sons contíguos.

A fonologia autosegmental representa uma tentativa de sistematizar a transição entre as estruturas fonológicas discretas (convencionalmente, “fonológicas”) e a sua expressão em termos de parâmetros não-discretos, físicos ou psicológicos (convencionalmente, “fonéticos”). A preocupação sobre como expressar essa transição foi manifestada por Clements (1990: 283), um dos principais idealizadores desse modelo teórico. Tal tentativa constitui uma das contribuições mais produtivas da fonologia autosegmental. Entre as conseqüências dessa mudança de perspectiva, figura considerar que não se deve operar só com segmentos¹, ou com matrizes de traços como na fonologia gerativa clássica, mas com os traços isoladamente, como um *autossegmento*, o que justifica o nome de autosegmental.

Outra das mudanças de enfoque, também interessante, que apresenta esse modelo está em considerar que não há uma relação “bijetiva” (de um-para-um) entre o segmento e o conjunto de traços que o conforma. Esse modo de considerar o segmento explicaria o fato já mencionado de que um traço pode estender-se além ou aquém de um segmento e que o apagamento de um segmento não acarreta o desaparecimento de todos os traços que o caracterizam (Hernandorena, 1999: 45).

Para esse modelo, o segmento apresenta uma estrutura interna com hierarquização dos traços que o compõem, constituindo, segundo Clements e Hume (1995: 249-251), uma “geometria de traços”. Um nó articulador agrupa esses traços com base no articulador que os executa (Bisol, 1994: 128), através de configurações de nós hierarquicamente ordenados, em que os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços.

¹ Saussure já alertava: “Enquanto se supuser que *g* e *n* são quantidades homogêneas, não se compreenderá por que o contato *g-n* produzirá efeitos diferentes que *n-g*” (Saussure, 1999: 77).

A organização interna dos segmentos pode ser representada mediante um diagrama arbóreo como se mostra a seguir:

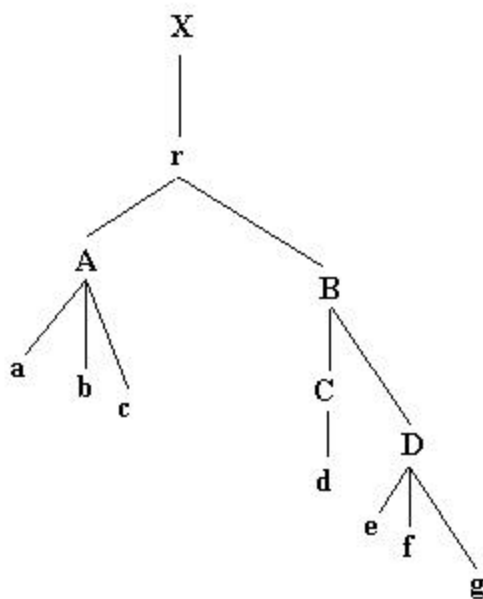


FIGURA 1 – Diagrama arbóreo mostrando a organização interna de um segmento (Clements e Hume, 1995: 249)

Nesse diagrama, **X** representa o tempo fonológico; a linha das unidades de tempo também é chamada de linha esquelética ou prosódica. O nó de raiz, **r**, é dominado por **X**, sendo constituído pelos traços maiores [soante], [aproximante] e [vocóide]; representa o segmento como uma unidade fonológica. Os nós são ligados por linhas de associação. A unidade temporal possibilita a definição de segmentos segundo o número de ligações estabelecidas entre **X** e **r**. Os nós **A**, **B**, **C**, **D** representam nós de classe, que dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós **C** e **D** são irmãos e ambos são dependentes de **B**. Os nódulos terminais **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g** são traços fonológicos (Hernandorena, 1999: 47-51).

Os três traços que compõem o nó de raiz (**r**) não podem ser desligados ou espraçados isoladamente. O nó *laríngeo* pode espraçar-se ou desligar-se levando os traços que estão sob seu domínio, [sonoridade], [aspiração]. Sob o nó *cavidade oral* estão o traço [contínuo] e o nó *ponto de consoante*, sob o qual se dispõem os traços [labial], [coronal], e [dorsal]. O nó *vocálico* domina os traços de *ponto* e de *abertura* das vogais, caracterizando os traços vocálicos como uma unidade funcional; também permite a representação das articulações secundárias de consoantes complexas, como [k^w, g^w] ou [tʃ], por exemplo (Hernandorena, 1999: *passim*).

Os segmentos são analisados em camadas ou *tiers*, ou seja, pode-se dividir parte do som e tomá-las independentemente. Assim, uma regra pode operar somente no *tier* [nasal] ou no *tier* [contínuo] ou no *tier* [aberto], por exemplo. Como consequência desse entendimento é que o “processo de assimilação” pôde ser visto como um espraçamento de traços (Hernandorena, 1999: 46).

Outro postulado desse modelo é que há princípios gerais que atuam autonomamente em cada nível e regras particulares, selecionadas e ativadas diferentemente em cada língua. Também o modelo postula que há uma representação subjacente para cada forma a ser analisada. A relação entre as representações subjacentes e as representações fonéticas se dá por meio de processos de derivação. Derivações devem seguir certos princípios definidos como “princípios de boa formação”. Esses princípios atuam em cada nível para que as derivações finais sejam bem formadas. Violações de princípios geram estruturas mal formadas (Cristófaró Silva, 1999: 205).

Com base na geometria de traços, distinguem-se três tipos de segmentos: simples, complexos e de contorno. Segmentos simples são [p] e [t], por exemplo, porque apresentam somente um nó de raiz e são caracterizados por, no máximo, um traço de articulação oral. Um segmento é complexo, quando apresenta um nó de raiz caracterizado por dois traços diferentes de articulação oral, como mínimo, ou seja, o segmento apresenta duas ou mais constrictões no trato oral (Hernandorena, 1999: 61). Por exemplo, o segmento [w] do espanhol possui duas articulações vocálicas [labial] e [dorsal]. A seguir, apresenta-se a representação do segmento [w] segundo a geometria de traços:

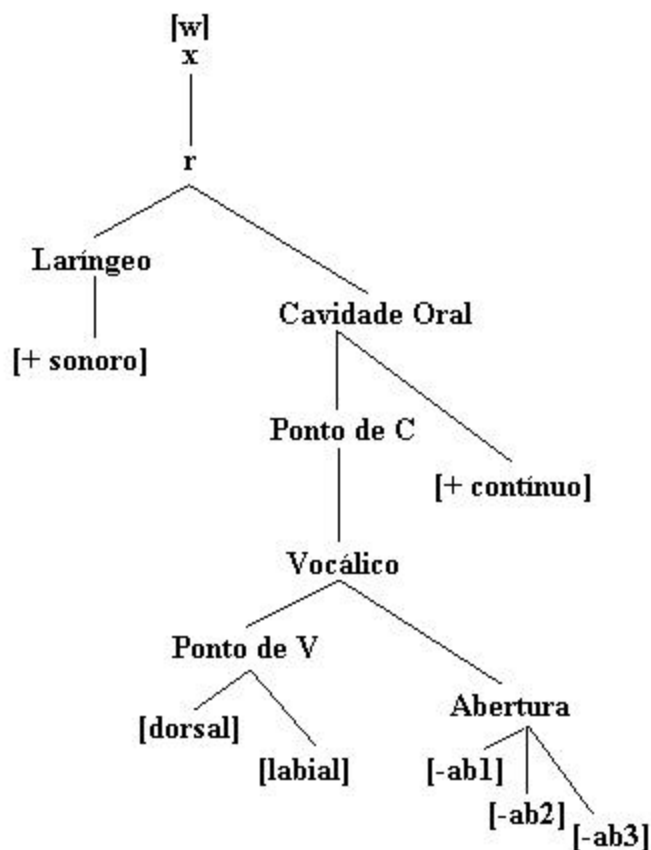


FIGURA 2 – Representação, na geometria de traços, do segmento [w]

Um segmento é de contorno quando contém seqüências (ou “contornos”) de diferentes traços, como as consoantes africadas e as plosivas pré e pós-nasalizadas. Elas teriam dois nós de raiz sob uma única posição no esqueleto, como, por exemplo, o segmento [tʃ] do espanhol:

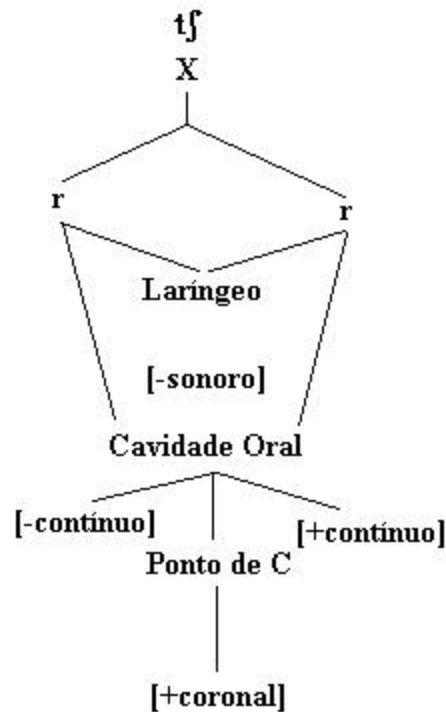


FIGURA 3 – Representação, na geometria de traços, do segmento de contorno [tʃ]

A nova representação formal que possibilita a fonologia autosegmental deve ser capaz de mostrar quais os traços que podem ser manipulados isoladamente ou em conjunto, facilitando a expressão de classes naturais (Hernandorena, 1999: 45).

2.1.2 Constituintes prosódicos

No estruturalismo norteamericano, liderado por Bloomfield (1964: 189), teve início o desenvolvimento da noção de constituintes imediatos, com base na característica da

linguagem humana que partindo da combinação de um número finito de fonemas faz possível o que esse autor chama de *formas lingüísticas* dotadas de *significado lingüístico*. Bloomfield classifica as unidades formais da língua em dois grupos: *formas livres* e *formas presas*. Formas livres são as que podem constituir uma seqüência que pode funcionar isoladamente, como por exemplo: *mover* (mover) ou *decir* (dizer); formas presas são as que só funcionam ligadas a outras, como por exemplo: *pro-* de *promover*, (promover); *pre-* de *predecir*, (predizer), etc.

A sucessão em linha, no tempo, dos signos lingüísticos provoca o estabelecimento de relações de vários tipos com a unidade que vem antes, com a unidade que vem depois ou com ambas simultaneamente. A unidade manifesta os padrões gramaticais pelos morfemas de que é constituída, sua ordem e posição. Estabelece-se assim, a estrutura nos diversos níveis (por ex.: palavra, locução, oração, período). Um nível sempre se estrutura no mínimo com uma unidade do nível inferior; por exemplo, a palavra tem que ser constituída, no mínimo, de um morfema (Scliar Cabral, 1979: 95).

Mattoso Câmara (1970: 70) introduz o conceito de forma “dependente” para abranger, em português, as partículas proclíticas e enclíticas; elas não podem funcionar livremente, mas também não são presas, porque podem se disjuntir da forma livre a que se acham ligadas.

O conceito de constituinte acarreta o conceito de estrutura hierárquica (Hockett, 1979: 152). Para Scliar Cabral (*Id.Ibid*), o estudo das hierarquias dos diferentes níveis em que podem ser estruturadas as línguas apresenta várias possibilidades, sendo de ressaltar que algumas diferenças residem no método empregado: analítico, quando o cientista parte do texto, dividindo-o sucessivamente; sintético, quando parte de unidades mínimas, expandindo-as até as mais amplas, ou ainda quando se parte de uma construção intermédia, a oração.

Bisol (1999a: 229-241) dedica o capítulo final da *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro* para caracterizar brevemente os constituintes prosódicos. Começa lembrando o que se entende, atualmente, por constituinte: uma unidade lingüística complexa, caracterizada por uma relação de dominante e dominado, portanto binária, entre seus componentes. Todo constituinte pressupõe um cabeça e um ou mais dominados. No entanto, constituinte fonológico e constituinte sintático ou morfológico têm, cada um deles, suas próprias regras e princípios.

Os constituintes prosódicos: sílaba, pé métrico, palavra fonológica, grupo clítico, frase entonacional e enunciado caracterizam-se por ser portadores de uma série de dados, fonológicos ou não-fonológicos, além de nem sempre coincidir com os constituintes de outras áreas da gramática, tais como morfema ou palavra (Bisol, *Id. Ibid*).

Os dados permitem definir os domínios de cada constituinte prosódico; assim, em português, a sílaba é o domínio de processos referentes aos segmentos e ao acento; a palavra, de neutralizações em favor da vogal alta; o pé métrico, do acento; a frase fonológica, do sândi (Bisol, *Id. Ibid*).

2.1.2.1 A hierarquia prosódica

Os constituintes prosódicos dispõem-se hierarquicamente na seguinte forma:

sílaba, σ ; pé, Σ ; palavra fonológica, ω ; grupo clítico, C; frase fonológica, Φ ; frase entonacional, I; enunciado, U (Nespor e Vogel, 1986).

A sílaba é a menor categoria prosódica. Como todo constituinte, tem um cabeça, que em português, e igualmente, em espanhol, é sempre uma vogal, e tem seus dominados, as consoantes ou glides que o cercam. A sílaba é a categoria basilar da hierarquia prosódica e

seu domínio é a palavra fonológica, ainda que intermediada pelo pé métrico (Bisol: 1999a: 231).

2.1.3 Fonologia lexical

Na Fonologia Lexical, o componente fonológico tem acesso não apenas às formas superficiais da sintaxe mas tem também um papel atuante no léxico, o que explica seu nome. Segundo essa proposta (Kiparsky, 1982, 1985), a língua está organizada em níveis que são os domínios para regras morfológicas e fonológicas; em cada estrato se aplicam tanto regras de formação de palavras (morfológicas) como regras fonológicas. A ordenação de níveis reflete a ordenação dos processos de formação de palavras (Hernandorena, 1999: 68-69).

Às raízes da língua, que estão na parte mais profunda do léxico, são incorporadas as informações fonológicas, morfológicas e semânticas através dos morfemas. As regras lexicais só podem ser aplicadas no léxico, enquanto as pós-lexicais se aplicam fora do léxico, em unidades maiores que a palavra. A ressilabação, por exemplo, acontece no nível pós-lexical. Têm sido enunciadas regras e princípios que regem a interação entre o nível lexical e pós-lexical. A nova maneira de focalizar as relações entre morfologia e fonologia é a maior contribuição da fonologia lexical.

2.1.4 Fonologia Métrica

A Fonologia Métrica tem por objetivo descrever e formalizar os padrões acentuais e de ritmo da fala. Utilizando a concepção hierárquica das estruturas lingüísticas, esse modelo teórico permitiu uma nova representação da sílaba e uma análise adequada do acento (Hernandorena, 1999: 74).

A Fonologia Métrica considera o acento uma propriedade da sílaba e não de um segmento. Nesse modelo (Lieberman e Prince, 1977; Halle e Vergnaud, 1987), o acento tem um caráter relacional; é uma proeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos: sílaba, pé, palavra fonológica. Portanto, para estabelecer o algoritmo acentual de uma língua é preciso saber como se dá a organização acentual de suas sílabas e qual é a posição do elemento dominante (sílaba forte) (Hernandorena, 1999: 76).

Outra noção que também tem um papel importante nesse modelo é a de peso silábico. Mediante essa noção pode ser expressa formalmente a relação entre constituintes silábicos e posições silábicas, avaliando o comportamento de sílabas leves e pesadas em relação ao estabelecimento de padrões acentuais e da construção do ritmo da fala. Sílabas pesadas têm duas ou mais posições associadas à rima, com rima ramificada (sílabas terminadas em consoante ou formadas por ditongo ou por vogal longa). Em muitas línguas, têm a propriedade de atrair o acento, por isso, diz-se que o acento é sensível ao peso silábico (Collischonn, 1999: 128).

2.2 Fonologia da sílaba

O estudo da sílaba e do processo que a constitui é fundamental na fonologia das línguas porque a sílaba é o domínio de muitas regras e processos fonológicos. A velarização de /l/ em português, por exemplo, que acontece antes de outra consoante ou no final de palavra, tem a sílaba como domínio. Para que o processo de velarização aconteça, é necessário que /l/ ocupe a posição de coda: mal para [maɫ], Malta [maɫ.ta]. Essa condição contextual pode ser expressa como: $l \rightarrow \text{ɫ} / \text{ ___ }]_{\sigma}$

A fonologia clássica já tinha apontado para a importância da sílaba e da estrutura silábica nos estudos fonológicos. Assim, entre outras afirmações, em três conferências de 1897 sobre *A Teoria da Sílaba*, recolhidas no *Curso de Lingüística General* ([1916] 1999: 65-89), Saussure afirma que o ouvido percebe, em toda cadeia falada, a divisão em sílabas, e, em toda sílaba, uma soante (*O. cit.:* 84). Sustenta que a sílaba aparece, inicialmente, mais diretamente do que os sons que a compõem; por isso, certas escritas primitivas assinalaram as unidades silábicas; só mais tarde foi que se chegou ao sistema alfabético (*O. cit.* 76). Também afirma que a ciência dos sons não adquire valor enquanto dois ou mais elementos não se achem implicados numa relação de dependência interna, pois existe um limite para as variações de um conforme as variações do outro; somente o fato de que haja dois elementos engendra uma relação e uma regra.

Saussure reduz a exposição sobre o fenômeno da sílaba a um jogo alternado de aberturas e fechamentos articulatórios, embora reconhecendo que essa teoria não esgota nem resolve todas as questões (*O. cit.:* 85).

Também propõe fundar uma Fonologia que tome como ponto de partida:

os grupos binários e as seqüências de fonemas [...]. Para nos darmos conta do que se passa nos grupos, necessário se faz fundar uma Fonologia onde eles seriam considerados como equações algébricas; um grupo binário implicaria certo número de elementos mecânicos e acústicos que se condicionariam reciprocamente; quando um variasse, essa variação teria, sobre os outros, uma repercussão necessária, que poderia ser calculada.

Se algo existe nos fenômenos da fonação com um caráter universal, que se anuncie como superior a todas as diversidades locais dos fonemas é, sem dúvida, essa mecânica regulada de que acabamos de falar (*O. cit.:* 77).

Acrescenta que a silabação constituiria “o único fato que a tal Fonologia poria em jogo de começo a fim”, em vez de se limitar “a dar regras para articular sons, elementos variáveis e acidentais das línguas” (*Id. Ibid.*).

Também para Trubetzkoy, a sílaba e a estrutura silábica tiveram uma grande importância. Esse autor classificou as particularidades fônicas distintivas em três classes: vocálicas, consonânticas e prosódicas (1973: 83). Quando descreve as particularidades prosódicas, afirma que essas particularidades concernem à sílaba, são particularidades de uma determinada parte da sílaba, e nunca de um fonema como acontece com as particularidades vocálicas e consonânticas (*O. cit.* 167).

Entre outros conceitos que desenvolve, afirma que as unidades prosódicas são unidades rítmico-melódicas (“musicais” no sentido mais amplo do termo”) (*O. cit.*: 85). Acrescenta que, inclusive do ponto de vista puramente fonético, a sílaba é fundamentalmente algo por completo diferente de uma combinação de vogais e consoantes. Dado que a unidade prosódica pode ser concebida como uma unidade “musical” (rítmico-melódica) ou, melhor dizendo, como um segmento de uma unidade “musical”, se deduz que “as particularidades prosódicas” se relacionam com as marcas específicas de cada um dos membros de uma melodia (intensidade, altura musical), ou com o modo de segmentação da melodia no processo fonatório do discurso humano (*Id. Ibid.*).

Define o *prosodema* como a unidade prosódica menor de uma língua determinada, ou seja, a sílaba, nas línguas silábicas, e a mora, nas línguas que contam moras (*O. cit.* 180). As particularidades de diferenciação permitem distinguir uns prosodemas de outros, o acento, nas línguas silábicas e a direção tonal, nas línguas tonais. Enquanto as particularidades distintivas consonânticas e vocálicas são usadas apenas para diferenciar palavras, as particularidades prosódicas servem não apenas para diferenciar significados de palavras, mas também para diferenciar significados de grupos de palavras e de frases (*O. cit.*: 200).

No que diz respeito à estrutura silábica, concentra-se no estudo dos centros silábicos; descreve-os, classifica as suas possíveis estruturas, assim como caracteriza seus componentes. Designa como *centro silábico* a parte da sílaba que, segundo as leis da língua de que se trata, apresenta particularidades prosódicas distintivas. Podem ser centro silábico, segundo a língua: a) uma vogal, b) um grupo vocálico polifonemático, c) uma consoante, d) um grupo polifonemático “vogal + consoante”.

Salienta Trubetzkoy que não há nenhuma língua na qual as vogais não possam funcionar como centro silábico. Na maioria das línguas, são os únicos centros silábicos possíveis (*O. cit.: 167*).

Das consoantes, só as chamadas “soantes”, as nasais e as líquidas, funcionam como centro silábico, seja em forma independente ou como membro do grupo “vogal + consoante”. Na mesma língua, um mesmo fonema pode aparecer umas vezes como centro silábico e outras em função “assilábica”. Na maioria dos casos, essas duas funções estão condicionadas pelo contexto (*O. cit.: 169*).

Tanto Saussure como Trubetzkoy sistematizaram os conhecimentos lingüísticos de seu momento histórico, enriquecidos por contribuições pessoais, assentando as bases para posteriores discussões e novos ordenamentos das hipóteses e teorias recebidas.

Na lingüística atual, muitos pesquisadores têm observado o cruzamento, nas línguas, entre a preferência por certas estruturas silábicas e determinados encontros entre segmentos. Também, tem-se observado que determinados tipos de sílabas são menos complexos ou menos marcados que outros, em línguas diferentes. Clements (1990: 283) se pergunta como e em qual nível essas tendências são expressas e explicadas dentro de uma teoria da linguagem. Uma das tentativas mais interessantes é através do estabelecimento dos princípios universais que regiriam a fonologia das línguas.

2.2.1 Princípios universais

A possibilidade de estabelecer uma gramática geral, comum a todas as línguas, tem sido uma meta perseguida com empenho durante os três últimos séculos (Alonso, 1961: 215). Essa preocupação já estava no título da gramática de Port Royal, do ano 1660, *Grammaire générale et raisonnée* (Chomsky, 1969: 115). Neste século, Hjelmslev ([1928]1976: 110) manifestou a mesma preocupação. Chomsky (1977: 42), que faz lembrar Hjelmslev em mais de um aspecto, propõe:

Definamos la gramática universal (GU) como el sistema de principios, condiciones y reglas que constituyen elementos o propiedades de todas las lenguas naturales, no por simple casualidad sino por necesidad (por supuesto biológica, no lógica). Así se puede considerar que GU expresa la “esencia del lenguaje humano”. (Definamos a gramática universal (GU) como o sistema de princípios, condições e regras que constituem elementos ou propriedades de todas as línguas naturais, não por simples casualidade, mas por necessidade (é claro que biológica, não lógica). Desse modo, pode-se considerar que GU expressa “a essência da linguagem humana”.)

Supondo que a GU subjaz a todas as línguas do mundo, as propriedades invariantes serão devidas a princípios universais, enquanto que variações nas línguas serão devidas a diferenças no estabelecimento de parâmetros (Mota, 1996: 67).

Através do estudo comparativo das línguas do mundo e do processo de aquisição da língua materna, tenta-se estabelecer os princípios da GU que governam a seleção de fonemas, conformando seus inventários, diferentes para cada língua. Do mesmo modo, procura-se estabelecer se há moldes silábicos universais. Aceita-se que o molde básico universal é CV, formado por uma consoante, no ataque, e uma vogal como núcleo. Diferentes ordenamentos dos elementos que compõem esse molde básico geram outros moldes, {VC, V, CVC, CCV, VCC, CCVCC}, que, junto com o molde básico, integram o inventário das línguas do mundo.

A Fonologia da sílaba opera com um conjunto de princípios: Princípio de Sonância (PS), Princípio do Licenciamento Prosódico (PLP) e Princípio de Preservação da Estrutura (PPE), entre outros.

Como salienta Clements (1990: 284), a idéia de ordenar os sons lingüísticos segundo uma escala de sonância tentando explicar por que determinados tipos silábicos eram mais freqüentes que outros, vem de longe. Entre os autores citados por Clements (1990: 284), figuram Whitney, que em 1865 teria feito uma proposta nesse sentido, Sievers, que em 1881 teria sido o primeiro a estabelecer o vínculo entre a estrutura da sílaba e a escala de sonância, sendo seguido por Jespersen, em 1904, Saussure, em 1914, e Grammont em 1933.

Sievers (*apud* Clements, 1990: 285) propôs que, em uma sílaba constituída por vários sons, o mais sonoro, chama-se de pico ou soante, e os outros, membros marginais ou consoantes.

Sobre uma base articulatória, indo da abertura mínima à abertura máxima, Saussure (1999: 70-75) classifica os sons em sete categorias, designadas pelos números 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6. Abertura zero: *oclusivas*; abertura 1: *fricativas*; abertura 2: *nasais*; abertura 3: *líquidas*; abertura 4: *vogais i, u, ü*; abertura 5: *vogais e, o, ö*; abertura 6: *a*, resultando esta escala: O > F > N > L > SV > V médias > V aberta. No que diz respeito ao grau de abertura 4, *i, u, ü*, Saussure afirma que o fechamento as aproxima das consoantes, “disso resultam certas conseqüências que justificam o nome de *semivogais* dado geralmente a esses fonemas” (*Id. Ibid.*).

Na fonologia autossegmental, a escala de sonância decorre da organização interna do segmento. Na geometria proposta por Clements e Hume (1995), o nó de raiz, dominando

todos os traços, tem um *status* especial porque é constituído pelos traços maiores: [soante], [aproximante] e [vocóide]. A ação conjunta desses três traços permite classificar os segmentos em grandes classes (obstruintes, nasais, líquidas e vogais) e identificar o seu grau de sonoridade, estabelecendo uma escala de sonância (Hernandorena, 1999: 51).

A escala proposta por Clements e Hume (1995: 269) existe em função dos valores positivos desses traços:

TABELA 1 – Escala de sonância

	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	Escala de sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vogal	+	+	+	3

Decorrente dessa ordenação, os segmentos com o grau maior de sonância, os vocálicos, podem ser centros silábicos e os segmentos com os valores mais baixos serão margens silábicas (ataque e coda); a sonância dos segmentos está, pois, correlacionada com a possibilidade de ocupar ou não determinada posição no interior da sílaba. No caso de seqüências de elementos dentro do ataque ou da coda, estas apresentam sonância crescente em direção ao núcleo. Desse modo, a seqüência [nt], de sonância decrescente, nunca pode constituir o ataque de uma sílaba, mas pode constituir a coda. Por outro lado, a seqüência [pr], de sonância crescente, pode constituir ataque, mas não pode constituir coda (Collischonn, 1999: 101).

Na representação gráfica da escala de sonância, podem-se visualizar as curvas que a representam. A escala numérica usada parte de 0, o ponto mais baixo na escala de sonância, até chegar no ponto mais alto da escala. Dentro da classe das obstruintes, bem como na classe das vogais, aparecem ordenadas as subclasses:

0. Obstruintes (oclusivas, africadas, fricativas); 1. Nasais; 2. Líquidas; 3. Glides; 4. Vogais (altas, médias, baixas).

Exemplifica-se o funcionamento dessa escala em algumas palavras do espanhol, explicitando-se, em gráficos, a sua representação:

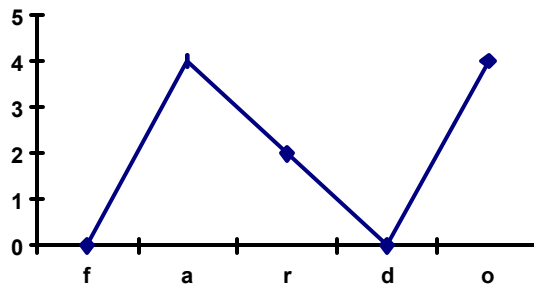


GRÁFICO 1 – Curva de sonância da sequência /far.do/

No primeiro exemplo, o dissílabo /far.do/ tem a primeira sílaba travada e a segunda, livre. Como mostra o gráfico 1, a consoante obstruinte, da margem silábica, da primeira sílaba, ocupa o ponto mais baixo da escala; a linha do gráfico sobe até chegar no ponto máximo, correspondente ao pico silábico, ocupado pela vogal /a/. A curva de sonância desce para o ponto 2 da escala, pela presença de uma consoante líquida, /r/, na margem silábica, a pós-nuclear. Na sílaba seguinte, começa uma nova curva ascendente. No caso de /far.do/, sendo a segunda, uma sílaba aberta, a curva não torna a descer.

No gráfico 2 da seqüência /pas.to/, ilustra-se um caso de sonância com platô:

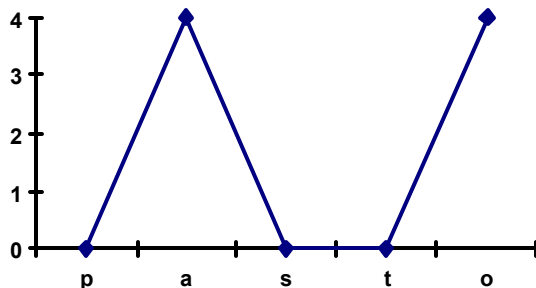


GRÁFICO 2 – Curva de sonância com platô

No dissílabo /pas.to/, não há distância entre os pontos correspondentes à coda da primeira sílaba e o ataque da segunda; ambos os segmentos, /s, t/, ocupam o ponto zero na escala de sonância. Por isso, fala-se em platô. Tanto no português como no espanhol, esse encontro é possível no contorno silábico mas nunca no interior da sílaba.

Outras curvas de sonância podem ser observadas na representação gráfica das palavras *gris* (cinza), *ñoño* (sem graça) e *miel* (mel):

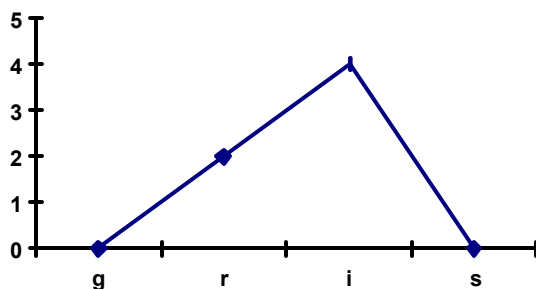


GRÁFICO 3 – Curva de sonância da seqüência /gris/

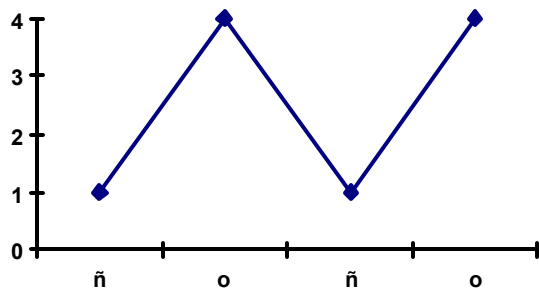


GRÁFICO 4 – Curva de sonância da sequência /no.no/

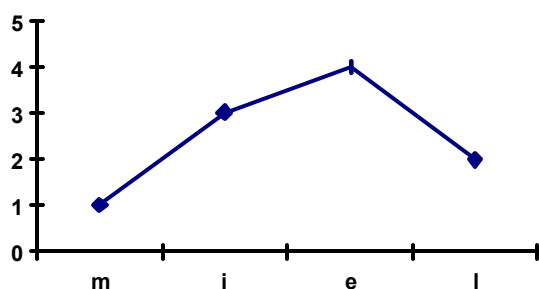


GRÁFICO 5 – Curva de sonância da sequência /miel/

2.2.2 Teorias sobre a estrutura silábica e silabação

A necessidade de explicar a interação entre processo de silabação e estrutura silábica tem provocado o aparecimento de diversas propostas, com os conseqüentes debates entre os pesquisadores.

Na teoria não-linear, há uma linha que considera a sílaba como um nó σ ao qual se ligam diretamente os segmentos. Nessa proposta, não há uma estrutura de constituintes, já que cada segmento se subordina diretamente à sílaba e não forma, com outros segmentos, subconstituintes da mesma. A proposta pode ser visualizada mediante este esquema:

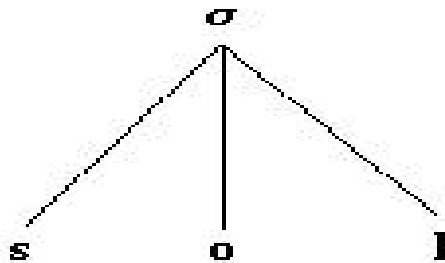


FIGURA 4 – Representação da sílaba como estrutura plana

Para os defensores dessa teoria, uma estrutura plana da sílaba seria suficiente para expressar as restrições fonológicas entre segmentos no interior da sílaba ou para explicar a relação entre a estrutura silábica e o acento. Para os que contestaram a proposta, essa estrutura não seria suficiente, justamente porque não permitiria mostrar a correlação entre peso silábico e organização interna. Selkirk (1982), portanto, propõe uma sílaba constituída de ataque, rima, pico e coda, fazendo parte de uma estrutura hierárquica maior. Por outra parte, a existência do constituinte rima permite explicar a relação entre peso silábico, estrutura e acento. A sílaba leve, CV, tem rima simples, não ramificada, e a sílaba pesada, CVC ou CVV, tem rima complexa ou ramificada. Propõe, também, que as estruturas possíveis, ou não, da sílaba dependem de um conjunto de condições de boa formação, dispensando a regras de construção de sílabas.

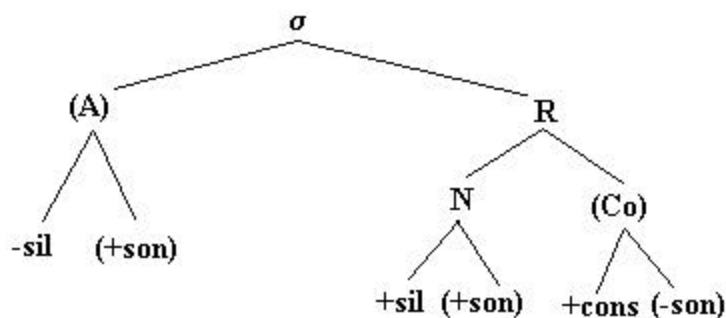


FIGURA 5 – Representação da sílaba inglesa segundo proposta de Selkirk (1982) (Collischonn, 1997: 38)

Para superar os questionamentos, os defensores da estrutura plana tiveram de propor a existência de um nível intermediário entre o nível dos segmentos e o nível silábico: o esqueleto CV. As categorias C e V não têm conteúdo fonético, apenas distinguem posições funcionais na sílaba, picos e não-picos, e definem as unidades de tempo na representação fonológica. Essas categorias permitem a representação de vogais longas e de consoantes geminadas, que correspondem a dois elementos no nível CV, ao passo que segmentos simples correspondem a uma unidade. Também foi introduzida uma categoria núcleo, necessária para diferenciar sílabas pesadas de leves. Essa teoria é conhecida como o modelo CV (Collischonn, 1997: 33-48).

Por um lado, os defensores do modelo CV, propõem-se especificar as condições de boa formação da sílaba, os parâmetros e as regras que regem a silabação, assim como explicar a interação entre processos fonológicos e estrutura silábica (Cristófaró Silva, 1999: 203); por seu lado, os defensores de uma estrutura mais complexa da sílaba esperam responder perguntas tais como: que aspetos da estrutura silábica fazem parte da gramática universal? e quais regras e princípios determinam cruciais variações nos tipos silábicos? (Levin, 1985: 11).

Também a interpretação de como se faz a divisão de uma seqüência de segmentos em sílabas tem dividido os pesquisadores que trabalham com modelos fonológicos derivacionais, originando dois enfoques: mediante regras ou mediante condições e parâmetros. Segundo a Teoria da Otimidade (TO), teoria não-derivacional, a constituição da sílaba é regida pelo ordenamento de restrições universais violáveis.

Para a proposta de que a silabação é feita por meio de regras sucessivas e ordenadas entre si, primeiro cria-se o núcleo, depois o ataque e, finalmente, a coda. Esse é o enfoque

de Harris (1983) na descrição da sílaba espanhola. Esse autor complementa a sua descrição com as restrições e filtros operantes nessa língua.

Levin (1985: 56, 78, 105, 132), por sua vez, propõe a caracterização universal da silabação em termos de constituintes métricos; esses constituintes são gerados via uma primitiva versão da teoria X-barra. A sílaba é uma projeção da categoria primitiva “núcleo”, representada por N. A coda é definida como “complemento” e ambos são dominados pela projeção N’. O ataque é dominado pela projeção máxima N’’. Os elementos do esqueleto não são especificados como C ou V, mas, sim, como X, ou seja, indistintos quanto à silabidade. Cada X representa uma unidade de tempo, mas é intrinsicamente destituído de traços; evita-se, desse modo, a redundância de informação entre os três níveis de representação. Os constituintes da sílaba, ataque, núcleo e coda, vão sendo construídos gradativamente, sempre obedecendo às condições específicas da língua; essa gradação permite a existência de elementos não silabados sobre os quais podem operar regras (Collischonn, 1997: 44-48).

Harris (1999: 132) aplica a proposta de Levin na descrição da sílaba espanhola. A seguir, mostra-se, com a silabação da palavra *descargo* (descarga; desculpa; desencargo), como opera essa proposta:

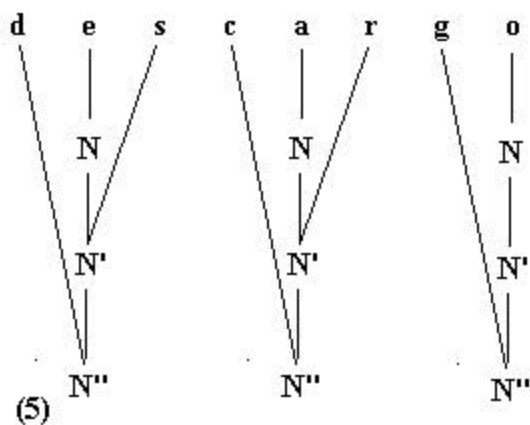
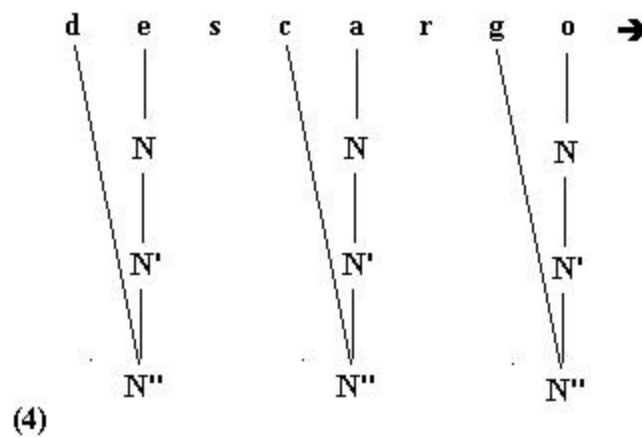
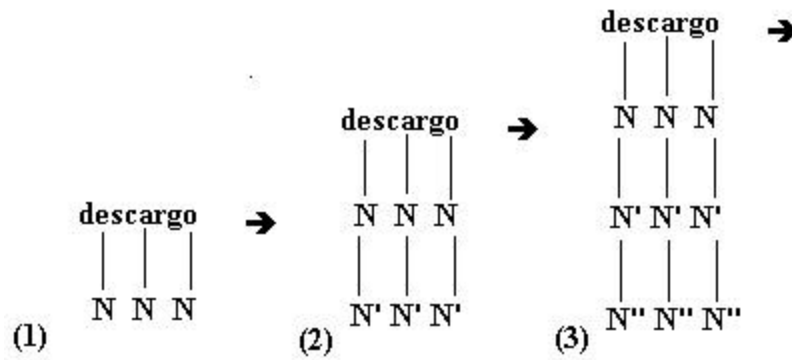


FIGURA 6 – Silabação e projeção de estrutura silábica baseada na proposta de Levin (1985)

No momento (1), a seqüência de morfemas ainda está sem silabar. No passo (2), são identificados os núcleos silábicos, os segmentos mais sonoros [+voc]. Uma vez

identificado o núcleo N, projeta-se a rima, N', e conseqüentemente a sílaba, N'', representadas no passo (3). No passo (4), a sílaba ramifica-se para a esquerda, mapeando a consoante (ou consoantes) adjacente mais próxima, formando o ataque, e, finalmente, no passo (5), procede-se ao mapeamento da coda.

Por seu lado, o enfoque das condições e parâmetros considera que a silabação é um processo automático que obedece a determinadas condições, não ordenadas entre si. As condições podem ser universais, as mesmas para todas as línguas, como o Princípio de Sonância, o Princípio de Licenciamento Prosódico, o Princípio de Preservação de Estrutura, por exemplo; ou paramétricas, que são condições que prevêm diversas possibilidades, dentre as quais cada língua faz escolhas. Entre as condições paramétricas figuram o molde silábico e os filtros; esses últimos são as restrições que cada língua utiliza para excluir as seqüências de segmentos não aceitas, no interior de cada constituinte silábico. Esse conjunto de parâmetros específicos conformam as Condições de Boa Formação; é o enfoque de Itô (1986), por exemplo.

Para os epistemólogos, a vantagem das hipóteses baseadas em princípios é que os princípios são enunciados nomológicos mais gerais já confirmados (Bunge, 1979: 24-25).

2.2.2.1 Uma teoria da sílaba baseada em princípios e parâmetros: Itô (1986)

Segundo a teoria baseada em princípios e parâmetros, na versão de Itô (1986: 02-13), o processo de silabação é regido pelo molde silábico, as condições de silabação, específicas para cada língua, e três princípios prosódicos básicos: Licenciamento Prosódico, Localidade e Direcionalidade.

Segundo o Princípio de Licenciamento Prosódico, toda unidade fonológica deve estar prosodicamente licenciada, ou seja, deve fazer parte de uma estrutura prosódica

superior. Os segmentos devem pertencer a uma sílaba, uma sílaba a um pé métrico, um pé métrico a uma palavra. As aparentes exceções a esse princípio são explicadas pela teoria da Extraprosodicidade. Segundo essa teoria, pode haver, nos sistemas acentuais, sílabas finais que não são contadas pelas regras métricas. Para a silabação, as condições são diferentes para limites de palavra e para limites internos. Podem aparecer segmentos, nos limites, que não respeitam a sonoridade silábica e diferentes tipos de ataques complexos ou codas finais complexas.

O Princípio de Localidade estabelece que a boa-formação de uma estrutura prosódica é determinada localmente. Conseqüentemente, a boa formação de uma unidade prosódica (sílaba, pé, palavra fonológica) é determinada dentro da própria unidade e é independente de informações externas. Esse princípio proíbe que condições de boa formação sejam formuladas de modo de atingir seqüências de elementos heterossilábicos.

O Princípio de Direcionalidade estipula que o mapeamento procede segundo uma direção: da esquerda para direita, ou da direita para esquerda. Contém as Condições de Maximização do Ataque e de Maximização de Coda. A Condição de Maximização do Ataque estabelece que a seqüência CV seja escandida como tautossilábica, constituindo-se em padrão universal. É uma Condição da Silaba Básica Universal:

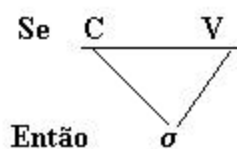


FIGURA 7 – Representação da Condição da Sílaba Básica Universal

Se bem que o molde determine o número máximo de elementos CV que podem estar associados a um único elemento σ , não é suficiente para explicar todos os fatos

decorrentes da distribuição dos segmentos na sílaba, nem das restrições de co-ocorrência. Por isso, são necessárias as Condições de Boa Formação da sílaba que regem a associação entre o esqueleto CV e o nível melódico. O molde e as Condições de Boa Formação determinam o processo de silabação, ou seja, o modo como uma seqüência de segmentos será silabada. Para que essa operação se realize deve ser liberada pelo Princípio de Licenciamento Prosódico.

Parte-se do axioma de que a silabação seja um processo próprio do nível Lexical, sendo o mapeamento do molde um processo contínuo. Ao final de cada ciclo, os elementos CV que não foram associados a nenhum nóculo σ são apagados pelo processo de Apagamento de Elemento Perdido.

2.2.3 A sílaba em espanhol

Com base no trabalho de Bisol, sobre a sílaba do português, *A sílaba e seus constituintes* (1999b), e da análise das descrições da sílaba espanhola feitas por Harris (1975: *passim*, 1983: *passim*, 1999: *passim*), pode-se concluir, a respeito da estrutura, que:

⇒ a sílaba espanhola pode ser representada como uma estrutura binária constituída por ataque, núcleo e coda, representável segundo o seguinte esquema:

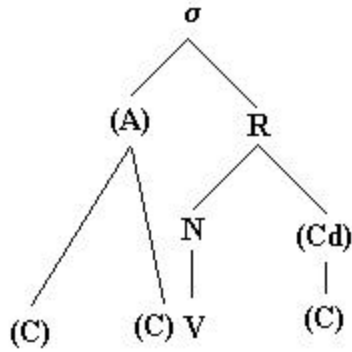


FIGURA 8 – Esquema representando a sílaba espanhola

Esse esquema representacional está significando que:

- ⇒ a rima, R, é um constituinte obrigatório, entretanto que o ataque, (A), é opcional;
- ⇒ a rima espanhola está formada por núcleo, N, e coda, (Cd);
- ⇒ o núcleo, obrigatório, é sempre uma vogal, a coda é opcional.

A respeito do processo de silabação, pode-se afirmar que:

- ⇒ a sílaba ramifica para a esquerda, mapeando a consoante adjacente mais próxima para formar o ataque, de acordo com o molde silábico universal CV;
- ⇒ os ataques podem ser simples ou complexos;
- ⇒ o ataque complexo acontece como consequência da Condição de Maximização do Ataque, que diz que, enquanto houver consoantes para serem mapeadas à esquerda, a escansão deve continuar;
- ⇒ a coda é opcional; anexam-se à rima as consoantes adjacentes que estejam ainda sem silabar, de acordo com o Princípio de Licenciamento Prosódico, conformando, desse modo, uma rima ramificada.

2.3 O modelo variacionista

Nas décadas dos anos setenta, assistiu-se, nos meios acadêmicos, a um confronto entre um enfoque que preconizava que o objeto dos estudos lingüísticos era a competência lingüística de um falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade lingüisticamente homogênea, e outro enfoque que questionava a existência desse falante-ouvinte ideal e afirmava que a língua é variação e que, portanto, as comunidades falantes são heterogêneas e diversificadas. Essa nova corrente desenvolveu um modelo teórico-metodológico conhecido como teoria da variação lingüística.

O sociolingüista Fernando Tarallo (1994: *passim*) expôs, com clareza e rigor, essa teoria em *A pesquisa sociolingüística*. O lingüista norte-americano William Labov é o responsável pela primeira aplicação e até a criação do modelo descrito, que também é chamado de "sociolingüística quantitativa", porque opera com dados mensuráveis, que, após medidos, são operacionalizados e podem ser submetidos a tratamento estatístico.

O ponto de partida desse modelo de análise é a relação entre língua e sociedade, posição que gerou enfrentamentos com a escola gerativo-transformacional, que ignora as variáveis lingüísticas que dependem do contexto social dos falantes, tais como faixa etária, sexo, classe social, etnia, nível de escolaridade, história da comunidade, etc.

O novo modelo teórico-metodológico baseia-se no processamento, na análise e na sistematização da língua falada no dia-a-dia, na interação social frente a frente, no vernáculo, que se caracteriza por ser uma realidade heterogênea, aparentemente dominada pela desorganização.

Em toda comunidade de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação. Essas formas em variação recebem o nome de variantes. Para Tarallo (1994: 8), variantes

lingüísticas são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. Um conjunto de variantes recebe o nome de variável lingüística.

A relação em que as diversas variantes de uma comunidade falante se encontram é sempre de concorrência: padrão *versus* não-padrão; conservadoras *versus* inovadoras; de prestígio *versus* estigmatizadas. Na maioria das vezes, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e a que tem prestígio na comunidade falante. As variantes inovadoras são quase sempre não-padrão e estigmatizadas por alguns dos membros da comunidade. Mas nem sempre se constata que a variante padrão é aquela que tem prestígio ou que o prestígio de uma variante é inamovível. Os estudos de Labov sobre o inglês falado em Nova Iorque mostram a inconstância dos valores prestigioso – estigmatizado.

Para traçar o perfil da variável, é preciso considerar todas as variantes possíveis que a conformam, analisar os possíveis fatores condicionadores (lingüísticos ou extralingüísticos); fazer o encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade; fazer a projeção diacrônica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade. Segundo Tarallo, variação não implica necessariamente mudança lingüística, embora a mudança pressuponha um estado de variação anterior, com a perda de uma das variantes.

Para sistematizar todos os fenômenos que ocorrem na língua falada, é necessário fazer um inventário minucioso de dados da língua falada, cuidando que esses dados sejam autênticos da comunidade em estudo. O tamanho da amostra vai depender do tipo de variante lingüística pesquisada; se a variante é fonológica, a amostra pode ser pequena, mas se for sintática, o número de casos necessários para se fazerem observações pertinentes precisa ser maior.

O modelo proposto abrange os aspectos sincrônicos e diacrônicos da língua, responde as perguntas de como é feita a transição de um estado de língua para outro, e por que, quando e onde acontecem determinadas mudanças pela implementação das variantes atuantes. Permite comparar a ocorrência de um mesmo fenômeno em línguas diferentes, melhorando a projeção dos rumos prováveis da sua evolução.

A coleta de dados para preparar o *corpus*, o material selecionado para a análise, leva-se a cabo mediante a entrevista sociolinguística. Para que esse recurso seja usado com sucesso, deve-se respeitar uma série de condições: o pesquisador deve agir com naturalidade, engajando-se na comunidade, e os informantes serão selecionados segundo amostragem aleatória entre os nascidos na comunidade em questão ou que se tenham incorporado a ela até os 5 anos de idade; são necessários pelo menos 5 informantes por cada combinação dos fatores extralingüísticos que vão ser estudados, também chamadas de células sociais, seja idade, sexo, etc.; podem-se formular roteiros de perguntas para homogeneizar os dados e facilitar a posterior comparação ou controlar os tópicos; pode-se provocar narrativas de experiência pessoal, tão envolventes emocionalmente, que o falante perde a noção de *como* ele está falando, entusiasmado pelo *que* fala.

A avaliação dos fatores sociais é mais difícil. Quanto maior for o número de fatores extralingüísticos pesando na análise, maior número de dados serão necessários para garantir a representatividade da amostra. Outra situação experimental que permite obter informações são os testes sociolinguísticos, nos quais os falantes avaliam as variantes. De acordo com a natureza da variável estudada, serão os testes. Os informantes podem ter de resolver um teste de aceitabilidade ou não de certas variantes que estão contidas numa bateria de provas, misturadas as padrão e as estigmatizadas, fazendo a escolha da melhor opção. Com um teste de produção da variável, o informante será induzido a usar uma ou

outra variante, a padrão e a não-padrão. Os resultados se comparam com os ganhos no teste anterior. Partindo dos resultados formular-se-ão as regras da língua falada que serão variáveis, pois o aparecimento de uma variante e não de outra está sujeito a condicionamentos lingüísticos internos e a fatores externos ao fato lingüístico, como a faixa etária, a classe social, o nível de escolaridade, etc. O modelo proposto demonstra que um fenômeno lingüístico varia condicionado pela probabilidade de aparecimento associada ao peso dos diferentes fatores.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados o modo como foi constituído o *corpus*, os informantes, seu país e seu modo de falar, o método de análise e a definição das variáveis relevantes neste estudo.

3.1 Os dados

3.1.1 Origem dos dados

Os dados para o presente estudo foram levantados das gravações feitas por uma equipe do Instituto de Lingüística da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidade da República do Uruguai, que integram o *corpus* de um projeto de pesquisa sobre o espanhol e o português falados nesse país, sob a responsabilidade do Dr. Adolfo Elizaincín.

O levantamento de dados para o atlas lingüístico do Uruguai levou vários anos; os dados usados nesta pesquisa foram recolhidos no decorrer do ano 1990.

O instrumento usado pela equipe do Instituto de Lingüística para obter as gravações consistiu em um questionário sobre vocabulário pertencente a campos léxicos referentes às

atividades rurais, fauna, flora, costumes, crenças, tradições, músicas, brincadeiras, o que oportunizava os informantes ampliarem a produção linguística com descrições e anedotas; leitura de um texto; perguntas de múltipla escolha sobre temas morfossintáticos e conversação espontânea. Para conformar o *corpus* da presente pesquisa foram usadas apenas as respostas sobre léxico, que sempre motivaram relatos de anedotas e experiências pessoais. Cada entrevista foi iniciada com o pedido de dados pessoais do informante: nome, idade, onde nasceu, quanto tempo havia que morava nesse lugar, onde nasceram os pais, se tinha viajado para outros lugares, por quanto tempo, estudos, ofício, entre outros.

Embora o *corpus* da Faculdade de Humanidades cubra o Uruguai todo, e para fazer a escolha dos dados desta pesquisa foram ouvidas gravações de outras regiões do Uruguai, para o presente trabalho escolheu-se o pequeno povoado de Puntas del Sauce.

Um dos pontos críticos do trabalho foi a dificuldade para recolher os dados. Se bem que o *corpus* do Instituto de Lingüística seja amplo e rico, o número de ocorrências do caso objeto de estudo, na presente pesquisa, não foi o esperado porque o inventário de palavras em que se dá o fenômeno analisado não é muito extenso.

3.1.2 A construção do *corpus*

Preparou-se um inventário prévio de registros em que o fenômeno aqui objeto de estudo pode aparecer, para selecionar, do total do *corpus* do Instituto de Lingüística, aqueles lugares onde os temas trabalhados pelos pesquisadores ofereciam mais chances de sucesso. Foram registradas as palavras vernáculas do espanhol que são usadas nos dialetos do Uruguai, nas quais aparece o ditongo *we* (Alberti, Eugenia B. *et al*, 1971; Bouton, Roberto, 1968; Granada, Daniel, 1957), obtendo-se a seguinte lista: *hueco*, (oco); *hueso*, (osso); *huevo*, (ovo); *huelga*, (greve); *huella*, (pegada, sinal, pista, marca); *huérfano*,

(órfão); *huerta*, (horta); *huerto*, (horto); *huésped*, (hóspede); *hueste* (registro culto), (hoste); *huero*, (vazio) (registro culto: *palabras hueras*, palavras vazias, palavras vãs), (goro, ovo choco, frustrado).

O dicionário da RAE registra 22 vocábulos a mais com *wa*, *we* ou *wi* inicial, procedentes do quíchua, do aimara ou do araucano. No espanhol do Uruguai, são de uso comum: *huaco* ~ *guaco*, (planta medicinal); *huasca* ~ *guasca*, (tira ou correia de couro cru); *huemul* (registro culto: nome de uma editora de livros; espécie de cervo, habita os Andes), que também passaram a integrar a lista de registros esperados.

Ainda a RAE registra vocábulos que, embora sejam de origem latina, não são utilizados na variante rio-platense do espanhol, mas são conhecidos através de textos literários ou científicos². As palavras que designam lugares geográficos de Espanha e os adjetivos gentílicos podem aparecer tanto nos jornais como no idioleto de qualquer rio-platense, por exemplo: *Huelva* e *huelveño*, natural de Huelva; assim como *Huete* e *hueteno*, natural de Huete e outras. As palavras que integram o grupo descrito acima não foram incluídas na lista de registros esperados. Também não se incluiu, no inventário prévio, o verbo *huir* (do latim **fugĭre*, de *fugĕre*), (fugir), porque no dialeto rio-platense é deslocado, na língua oral *standard*, para *escapar* ou *disparar*. Atribuem-se à fala rural as variantes “juir”, *huir*, [xwír], “juído”, *huido*, (fugido) [xwíðo ~ xwiðo], “juyendo”, *huyendo*, (fugindo) [xuʃéndo ~ xuʒéndo], que acrescentam uma fricativa contínua dorsal [x] diante do segmento [w]. Nos dados do *corpus* não apareceram registros dessas palavras.

² Essas palavras são: *huebra*, (espaço de terra que se ara em um dia); *huélfago*, (doença dos animais que os faz respirar com dificuldade e pressa); *huelgo*, (bafo, hálito, respiração); *huerca*, (*germania*: jargão que usavam os ladrões e rufiões na Espanha, a justiça); *huesa*, (cova para enterrar um cadáver).

Também se incluiu, no inventário prévio, uma série de empréstimos procedentes do inglês e outras línguas germânicas. No espanhol do Uruguai, são de uso comum nomes próprios como *Walter, Wilson, Washington, Wilfredo, Walkiria, Walconda*, entre outros; assim como palavras que designam os mais diversos objetos como *winchester, whisky, water ~ watercló*, (vaso sanitário), etc. No jargão juvenil, ouve-se *walkman, walkie-talkie* e muitas outras. Através da informática entraram *Windows, Word, web* e uma longa lista de vocábulos referentes a essa área.

Foram incluídas, entre os registros selecionados para análise, as palavras *guacho, guampa, guante, guapo, guarango, guardar* e seus derivados. Além de todas elas serem empréstimos com o segmento [w] em posição inicial, em suas línguas de origem, em todas aparece o segmento [g] acrescentado diante de *wau*, já aceito pela norma padrão do espanhol; mas aparece também a variante sem epêntese (Malmberg, 1950: 85-95; Martinet, 1955: 81-85; Navarro Tomás, 1963: 139; Gili Gaya, 1971: 136; Alarcos, 1971: 165).

3.1.2.1 A seleção de registros

Foram ouvidas 32 fitas de aproximadamente duas horas cada uma, sem contarem-se as fitas correspondentes a outros departamentos do Uruguai, não somente do local objeto de estudo: 1 hora e meia de gravação correspondente a Sarandí de Navarro (povoado do departamento de Río Negro, 1.500 hab.), 2 horas de gravações correspondentes à cidade de Fray Bentos, capital de Río Negro, 2 horas de gravação da cidade de Durazno, capital do departamento do mesmo nome, sem aparecimento de caso nenhum do fenômeno estudado.

Também foram ouvidas 2 horas de gravações correspondentes à cidade de Las Piedras, do departamento de Canelones. Se bem que apresentassem registros do caso em

estudo, foram descartadas porque, por obstáculos de índole técnica, não foi possível escutarem-se as restantes gravações da mesma cidade³. Para evitar o enviesamento dos dados, desconsideraram-se essas gravações para assegurar uma escolha aleatória dos informantes. Entretanto, essa audição contribuiu muito para a compreensão do fenómeno estudado. Também foram escutadas 3 horas de gravações correspondentes à cidade de Artigas, nas quais também apareciam registos do fenómeno a estudar. Mas, sendo Artigas um departamento fronteiro com Brasil, descartou-se esse material porque haveria que controlar outras variáveis, decorrentes da provável influência do português no espanhol dessa região, que não estão no intuito do presente trabalho. Pelos mesmos motivos, descartaram-se as gravações correspondentes a Mataojo, pequeno povoado de Salto, localizado perto dos limites “contestados” com o Brasil, das quais se escutou uma hora e meia de gravação, assim como de Tranqueras, pequena cidade do departamento de Rivera, das que se ouviram 2 horas de gravações.

3.1.2.2 O universo da amostra

Foi analisado o universo da população da pesquisa, sendo essa constituída de todos os registos produzidos pelos moradores de Puntas del Sauce. Foram desconsiderados 8 registos pouco audíveis. O total de registos do fenómeno objeto de estudo foi de 154 casos.

³ Nem todas as fitas foram gravadas com o mesmo tipo de aparelho, de modo que foi impossível ouvir todas as gravações correspondentes á cidade de Las Piedras por carecer de aparelho adequado. Aliás, sendo as fitas propriedade do Instituto de Lingüística, não era possível retirá-las do local para sua audição.

3.1.2.3 Transcrição dos dados

Uma vez ouvidos os dados, as ocorrências a serem analisadas foram transcritas foneticamente. Usou-se uma transcrição fonética ampla, criando-se desse modo os protocolos iniciais.

Os dados transcritos foram codificados nos protocolos mediante a atribuição de um número a cada variável e de um símbolo especial a cada variante de cada variável que seria levada em consideração na pesquisa. Como os dados seriam processados mediante um programa computacional, usaram-se símbolos do código ACSII⁴. Catalogados, codificados e convertidos os dados em documentos informatizados, os arquivos criados foram tratados pelo pacote computacional VARBRUL.

⁴ Somente são permitidos aqueles signos que não mudam quando um documento escrito em um processador de texto como WORD é arquivado como texto MS-DOS. Por isso, não se podem usar nem os caracteres de controle, os primeiros 32 signos do código ACSII, nem os caracteres estendidos. Também não foram usados os símbolos de ponto (.), barra inclinada para a direita / e de abre parêntese (Também não se usou o símbolo de fecha parêntese), tal como recomendado na literatura consultada.)

3.2 Os informantes

3.2.1 O país dos informantes⁵

Os sujeitos da pesquisa são habitantes do Uruguai, país que tem uma ampla fronteira com o Brasil e a Argentina. O Uruguai é uma república unitária governada por três poderes, executivo, legislativo e judiciário, todos eles de jurisdição nacional. Está organizado administrativamente em 19 departamentos, com autonomia parcial, econômica e política (Enciclopedia Larousse, 1995: 1623-1624). Os temas de interesse geral: educação, saúde, economia, trabalho, previdência social, defesa, ordem interior, etc. são nacionais, dependem do executivo e dos *entes autónomos*, mas as *intendencias departamentales* regulam a vida dos departamentos no referente a trânsito, edificação, construção de estradas internas, desenvolvimento da cultura (mas não regulam nada com relação à educação formal), e outros assuntos, sempre de alcance local.

A economia do país baseia-se no turismo e na produção agrícola e pecuária. Houve, em décadas passadas, uma tentativa de desenvolvimento industrial aproveitando esses

⁵ A parte maior das informações que aparecem a seguir fazem parte da cultura geral de um uruguaio mais ou menos informado. Dentre as fontes mais conhecidas, figura uma série de fascículos ilustrados em que um grupo de intelectuais uruguaios coordenados por Ángel Rama reflete sobre o país, sua história, suas características sociais, seu presente: ENCICLOPEDIA URUGUAYA. Montevideo: Arca: 1968. Outra série, composta de 120 fascículos, trata da história da literatura uruguaia contextualizada na história regional e mundial: CAPÍTULO ORIENTAL. Montevideo: CEDAL: 1970. Ambas as coleções tinham como característica que cada fascículo de análise era acompanhado de um pequeno livro de brinde. Assim, os fascículos N° 36 e 37 de CAPÍTULO ORIENTAL foram acompanhados de *El Uruguay visto por los uruguayos* (Vol. I e II), uma seleção de análises do Uruguai do ponto de vista social, econômico, geográfico, enfim, dos pontos de vista mais diversos, que talvez sejam a origem de várias das opiniões aqui vertidas. Também faz parte dessa cultura comum uma série de fascículos intitulada LOS DEPARTAMENTOS. Montevideo: Nuestra Tierra, 1970, em que um grupo de especialistas de cada *departamento* (estado) analisa e explica seu “pago”. No que respeita ao mundo rural, são fundamentais os trabalhos de divulgação feitos pela Universidade da República através de *Paso de las Flores: vida de seis familias en el Uruguay rural*. Montevideo: Signo: 1968 e *Los rancheríos y su gente: tareas, costumbres, historias de vida*. Montevideo: FCU: 1968. Outra fonte, porém mais atualizada, é a *Guía del mundo: 1999-2000*. INTERNET <http://chasque.chasque.apc.org/guia99/PAISES/Uruguay7index.html> (Essa publicação está respaldada pela edição em papel da editora Tercer Mundo, Montevideo.)

recursos primários, o que explica que, nos anos quarenta e cinquenta, houvesse uma indústria têxtil florescente, assim como uma indústria do couro, de carnes processadas e de alimentos em geral. Hoje, por fatores múltiplos, externos e internos, o país perdeu uma parte de suas indústrias.

Se bem que o país seja pequeno e muito homogeneizado, social e culturalmente, diferenciam-se os departamentos do Norte e do Sul, separados geograficamente pelo Rio Negro, que atravessa o país do leste ao oeste.

Entre os departamentos do Norte, distinguem-se os departamentos do litoral, os *litoraleños*, com costas sobre o rio Uruguai, fronteira natural com a Argentina: Salto, Paysandú, e Rio Negro, dos chamados propriamente *norteños*: Artigas e Rivera que, no imaginário popular, aparecem mais virados para o Brasil, mais *abrasilerados*, em razão do sotaque característico do espanhol falado nesses departamentos, pelo contato com o português (Elizaincín: 1992). As razões dessas características, além das históricas, complexas e sujeitas a discussão, também são geográficas. Não há acidentes geográficos que, oficiando de limites naturais, impeçam a livre circulação das pessoas e, com elas, da língua e da cultura de um lado e do outro. Tacuarembó, o departamento maior em extensão, um pouco mais “central”, não tem fronteiras exteriores.

Entre os departamentos do Sul, estão Soriano, e Colonia, esses dois também litorâneos; Flores, Florida, Lavalleja, Durazno, departamentos sem fronteiras exteriores; San José, Canelones e Montevideo, com costas e praias sobre o Rio da Prata, e, por fim, Maldonado, com costas sobre o Rio da Prata e o oceano Atlântico, departamento famoso pelas praias.

Finalmente, também ao sul do rio Negro, estão Cerro Largo, Treinta y Tres e Rocha. Cerro Largo e Rocha compartilham com o Brasil cidades como Ríó Branco ~ Jaguarão, Chuy ~ Chuí e a lagoa Merín ~ Mirim, que também é compartilhada por Treinta y Tres. Rocha

também tem costas e praias sobre o oceano Atlântico. Apesar de ter fronteiras com o Brasil, aparentemente, não há evidências de que o contato com o português tenha deixado marcas tão salientes, nos campos fonético e fonológico, no espanhol desses três departamentos, como acontece nos departamentos *norteños*. As possíveis explicações dessa situação diferenciada estão, novamente, nas razões históricas e geográficas (Elizaincín *et al*, 1987). Há barreiras naturais, serras e a lagoa Mirim, no caso de Cerro Largo; a lagoa Mirim, no caso de Treinta y Tres; a Angostura, um areal com pântanos, e, do lado brasileiro, há a zona do Taim, um vasto ecossistema de lagoas da região, no caso de Rocha. Do ponto de vista militar, dois fortes, São Miguel e Santa Teresa, testemunham a colaboração humana com a natureza no controle dessa fronteira.

No imaginário popular, os habitantes de Rocha são tidos como muito zelosos de sua identidade e como os uruguaios que falam “melhor”, porque usam o *tú* e conjugam os verbos na forma correspondente, além de usar algumas palavras “castiças” que no resto do Uruguai já foram trocadas por outras. Por outro lado, seu espanhol não teria marcas, evidentes, do contato com o português. Hoje, os lingüistas e os sociólogos desvendaram o mistério da particularidade lingüística dos *rochenses*. Trata-se de uma comunidade pequena, que até os anos cinquenta e sessenta esteve isolada, sem atrativos para oferecer aos potenciais visitantes, até que suas praias, menosprezadas nas décadas anteriores por carecerem de uma infra-estrutura sofisticada, graças às mudanças nos gostos turísticos, passaram a ser oferecidas como “naturais” e valorizadas por intelectuais, artistas e jovens que gostam de quebrar, transitoriamente, algumas das normas da vida na cidade, assim como por pessoas que sempre gostaram da vida simples e ao ar livre. Hoje, a intensa passagem de turistas, tanto da capital quanto de estrangeiros, sobretudo argentinos, bem

como o melhoramento da estrada que comunica com Montevidéu, está mudando rapidamente o modo de falar da comunidade.

Embora Tacuarembó seja um departamento sem fronteiras com o Brasil, no imaginário popular é percebido como um departamento com marcas reveladoras do contato com a cultura e a língua do Brasil, sobretudo no léxico, não no fonético. Esse contato com a cultura brasileira poderia ser explicado, talvez, através do fluxo migratório das populações rurais dos departamentos de Rivera, Cerro Largo e da zona de limites “contestados” do departamento de Salto, que são os três departamentos que limitam com Tacuarembó, e por razões históricas (Elizaincín, A; Behares, L; Barrios, G., 1987: 33-39; Elizaincín, 1992).

Um dos objetivos de uma pesquisa que está sendo desenvolvida pelo Instituto de Lingüística da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação de Montevidéu é procurar saber, objetivamente, até onde se podem achar rastros, no país, do contato entre as duas línguas (Elizaincín, 1992).

3.2.2 Os sujeitos

Os informantes do presente trabalho são 23 habitantes de um pequeno povoado, Puntas del Sauce, localizado a 170 quilômetros de Montevidéu, capital do Uruguai. Os registros de 20 desses informantes apresentavam ocorrências do fenômeno estudado.

Moram no povoado 49 pessoas de mais de 10 anos, segundo o censo de 1985. É uma região rural, que pertence ao departamento de Flores, dedicada a atividades principalmente pecuárias e, em menor grau, agrícolas.

O povoado tem, aproximadamente, cento e cinquenta anos de vida. Não dispõe de serviços básicos de saúde, como hospital ou médico, nem água encanada, rede de esgoto, nem serviços públicos de limpeza. Também não dispõe de bancos, igreja, nem cinema ou teatro.

Tem uma delegacia de polícia, central telefônica nacional e internacional (agora tem discagem direta) e um comércio de “ramos gerais”. Só as famílias que moram à margem da estrada podem usufruir da energia elétrica rural; o custo da instalação é tão caro que as famílias que moram mais longe não a conseguem. Dispõe de serviço de ônibus diário, que une Ismael Cortinas com a capital de departamento; o ônibus vai e volta no mesmo dia. Perto há uma escola agrária, a 6 km., mas que não tem influência na vida do povoado.

Também conta com uma escola de primeiro grau. Na escola há 18 alunos e uma professora. Para continuar os estudos de segundo grau os estudantes devem-se transladar à cidade mais próxima, Ismael Cortinas (aproximadamente 20 km.), ou à capital do departamento, a cidade de Trinidad (aproximadamente 50 km.). Para os estudos de terceiro nível, sendo o Uruguai um país definido pelos sociólogos como “macrocefálico” (Vidart, 1967: 115), os estudantes do interior devem se transladar para a capital do país, onde estão os centros universitários.

Todos os moradores são pequenos proprietários; algumas das famílias diversificam suas responsabilidades: enquanto alguns membros são funcionários da empresa telefônica estatal, outros continuam nas atividades agrícolas e pecuárias; outras famílias estão constituídas pelos donos do comércio de “ramos gerais”, também dedicados às tarefas pecuárias.

A vida comunal se desenvolve ao redor do comércio e da escola. O momento de fazer as compras é a oportunidade para “prosear” com os outros vizinhos. Nos domingos à tarde, os homens costumam se reunir no armazém para tomar uma “cañita” e jogar baralho com os vizinhos, enquanto falam dos temas comuns: as colheitas, doenças de animais, histórias de pessoas, de sucedidos e personagens folclóricos da região misturadas com histórias de “aparições”, receitas milagrosas para curar doenças e as inevitáveis fofocas

sobre os próximos. A escola oportuniza os momentos de festa para toda a família, em que as crianças e as mulheres se sentem protagonistas. Outra oportunidade para a diversão são as festas rurais, carreiras de cavalos, chamadas de “cuadreras” e as “domas” (pequenos rodeios), com espetáculos de domas e “jineteadas”. As famílias ainda costumam se visitar nos domingos, e qualquer fato familiar, como batismo, casamento, ou aniversário é uma boa justificativa para fazer uma festa com os vizinhos e convertê-lo em um acontecimento social que vai dar “pano” para muita conversa (Sosa *et al*, 1968).

3.2.3 A língua dos informantes

O espanhol falado pelos informantes corresponde à uma das variantes dos dialetos rio-platenses (Malmberg, 1950; Rosenblat, 1971; Lope Blanch (org.), 1977; Pedretti de Bolón, 1983; Lipsky, 1987; Herranz (comp.), 1990; Fontanella de Weinberg, 1981, 1989, 1994). A variante rio-platense falada no Uruguai se caracteriza, entre outros fenômenos, pela aspiração do fonema /s/ em posição implosiva; tendência à queda do segmento /s/ como marca de plural; a consonantização do glide *jod*, [j], em posição de ataque quando seguido de vogal, gerando as variantes fricativas [ʃ ~ ʒ]; queda do fonema /d/ final. No plano morfossintático, o uso do pronome “vos” no lugar de “tú” como forma de tratamento para a segunda pessoa de singular. A mudança de acento, nas formas verbais correspondentes à segunda pessoa de singular, *vos sabés* para *tú sabes*, o que acarreta conseqüências na conjugação dos verbos irregulares, *vos tenés*, sem ditongação, para *tú tienes*, por exemplo. O uso dos casos oblíquos *lo*, *los* e *la*, *las* dos pronomes pessoais de terceira pessoa, para o acusativo, e dos casos oblíquos *le* e *les* para o dativo. Entre os registros do presente *corpus*, aparece a forma verbal “haiga” em lugar de “haya”, 1ª ou 3ª

pessoa singular, presente de subjuntivo de “haber”, que caracteriza as variantes populares, estigmatizadas, do espanhol. Também aparecem, amostras da queda do segmento /d/ intervocálico, com posterior ditongação do hiato formado, por exemplo, [domádo >domáo>domáu]. As distintas etapas do processo estão amplamente registradas, em todos os âmbitos do espanhol, sendo muito estigmatizada, ainda, no Rio da Prata. No restante, coincide com o espanhol americano na neutralização da oposição /θ//s/, e, no plano morfossintático, no uso das formas de tratamento da segunda pessoa de plural, *ustedes*, para a forma *vosotros*, da variante peninsular.

3.3 Método de análise

Os dados selecionados foram analisados por um conjunto de programas conhecidos como pacote VARBRUL, na segunda versão de 1992. Segundo Scherre (1993: 01):

Os programas VARBRUL foram desenvolvidos com o objetivo de implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos sob a perspectiva da teoria da variação laboviana.

O respaldo estatístico desses programas baseia-se na distribuição binomial (Daniel: 1977: 66-76), em que apenas se podem produzir dois resultados, mutuamente excludentes, que são conhecidos como ensaios de Bernoulli⁶. Um dos resultados do ensaio costuma ser chamado de “sucesso” e o outro de “fracasso”. Podem ser simbolizados como a probabilidade p de que ocorra um sucesso (1) e de $1-p=q$ (0), a probabilidade de que ocorra um fracasso. (0) e (1) são expressões matemáticas da linguagem binária que correspondem a “não” e “sim”⁷. O modelo logístico que serve de base a VARBRUL substitui os modelos

⁶ O matemático suízo Jakob Bernoulli (1654-1705) foi um dos fundadores da teoria da probabilidade.

⁷ No *hardware* significa, 0 “desligado”, (1) “acesso”, que, combinado com as “tabelas da verdade” da lógica, permite traduzir qualquer linguagem computacional para linguagem máquina.

aditivo, de probabilidade de não-aplicação multiplicativa e de aplicação multiplicativa. Esse modelo logístico calcula as possibilidades de acordo com a seguinte fórmula:

$$\left(\frac{p}{1-p}\right) = \left(\frac{p_0}{1-p_0}\right) \times \left(\frac{p_i}{1-p_i}\right) \times \left(\frac{p_j}{1-p_j}\right) \times \dots \times \left(\frac{p_k}{1-p_k}\right)$$

Essa fórmula permite a aplicação de probabilidades e a não-aplicação de probabilidades, diferentemente de modelos anteriores. Também é suscetível de uma análise *knockout* para características segundo as quais a regra é categórica. Deve ser levado em consideração que, quando p_i está próximo de 1 ou de 0, esse modelo se reduz a algum dos modelos anteriores, e, quando está próximo de 0,5, se comporta como um modelo aditivo.

VARBRUL consta de um conjunto de 10 programas. Desses dez programas, os necessários para uma análise de regra variável são CHECKTOK, READTOK, MAKECELL e IVARB (ou TVARB ou MVARB). Como bem assinala Scherre (1993: 06):

todo e qualquer programa de computador trabalha com parâmetros. Sendo assim, todas as informações a serem fornecidas aos programas (dados de entrada e dados de controle) devem ser codificadas segundo normas específicas.

Descrevem-se a seguir os passos dados na sua aplicação:

Primeiro passo: Criou-se um arquivo com os registros selecionados, no processador de texto WORD com a extensão **.doc**. Foi utilizado o WORD para poder-se usar o alfabeto fonético na transcrição dos dados. O programa original foi desenhado para DOS, ocupando pouca memória e rodando muito rápido. Segundo a proposta de Amaral (1998), os dados poderiam ser diretamente digitados no Microsoft Access, facilitando a tarefa para aqueles usuários não familiarizados com DOS e eliminando passos.

Segundo passo: Transformou-se o arquivo **.doc** em arquivo de tipo **.txt**, salvando-o como texto para DOS com extensão **.dat**.

Terceiro passo: Criou-se um arquivo de especificações no editor de DOS. O arquivo foi salvo com a extensão **.esp**. Nesse arquivo, foram especificadas e codificadas as variantes da variável dependente, sendo que a ocorrência da epêntese consonantal foi atribuído o número '1' e a não-ocorrência de epêntese consonantal foi atribuído '0'. Atribuiu-se, também, para cada coluna dos fatores das variáveis independentes, um símbolo específico para cada variante. Tanto nos arquivos **.dat** como nos arquivos **.esp** foram intercalados títulos e comentários, cuidando-se que estivessem anteceditos por um espaço.

Quarto passo: Usando os arquivos **.dat** e **.esp**, o programa CHECKTOK gerou como saída um arquivo **.cor**, já corrigido. O programa CHECKTOK conferiu se os dados foram codificados segundo o estabelecido no arquivo de especificações. Quando houve discordâncias, o programa CHECKTOK devolveu uma mensagem como a seguinte:

```
* ERROR #16 IN FILE c:\1\trab10.dat *
LINE # 65,   TOKEN # 59
TOKEN = (0vkkbeGI0&$ 59-[uno toma kɔka kɔda, el ɔtro (0(wi(ki) <f5>
ILLEGAL FACTOR IN GROUP 9: 0
      Errado:(0vkkbeGI0&$ 59-[uno toma kɔka kɔda, el ɔtro (0(wi(ki) <f5>
      Corrigido:(0vkkbeGI0&$ 59-[uno toma kɔka kɔda, el ɔtro (0(wi(ki) <f5>8
```

Isso significa que, na linha Nº 65 do arquivo **trab10.dat**, havia um erro. Na coluna 9, foi colocado um zero que não era adequado, segundo o arquivo de especificações, porque nessa coluna somente poderia aparecer um “o”, um “s” ou “!”⁹. Muda-se, então, o “0” pelo “o”.

Quinto passo: Com o arquivo **.cor** como entrada, o programa READTOK gerou um arquivo de saída com extensão **.oco**, contendo somente os códigos das ocorrências que serviriam como entrada do MAKECELL.

⁸ Observe-se que os símbolos da linguagem fonética foram trocados pelo VARBRUL para símbolos do DOS.

⁹ Note-se que se o erro tivesse sido “s” ou “!”, o programa teria aceito. Ou seja, os métodos de correção, tanto de Checktok como de ACCESS, são falíveis e necessitam de uma revisão “humana”, manual e meticulosa.

Sexto passo: No editor de texto de DOS, criou-se um arquivo com as condições. A extensão do arquivo é **.con**. O arquivo se iniciou com um abre parêntese. Em cada uma das linhas seguintes, digitaram-se os números das variáveis, as que deviam aparecer entre parênteses. Na última linha, digitou-se um fecha parêntese. Acrescentaram-se títulos e comentários, iniciando sempre com ponto e vírgula cada linha que não devia ser lida pelo programa.

Sétimo passo: Com o executável MAKE3000 do programa MAKECELL, os arquivos **.oco** e **.con**, usados como entrada, deram como saída um arquivo **.cel**.

Oitavo passo: No editor de texto de DOS, criou-se um novo arquivo de condições eliminando os fatores “k” das colunas 3, 4, 5 e 6, que correspondiam a “não se aplica”. Também foram eliminados os fatores “i” e “I”, das colunas 6 e 8, “vogais precedentes e seguintes quanto ao ponto de articulação”, por ter menos de 5 ocorrências, e o “I” também, por ser *knockout*. O fator “k”, símbolo (/) “permite especificar se os critérios definidores dos fatores de uma dada variável não são pertinentes para um determinado dado” (Scherre, 1993: 11) Na presente pesquisa, por exemplo, se houver uma consoante no contexto precedente, não é adequado preencher os espaços correspondentes aos fatores “ponto de articulação” e “grau de abertura das vogais precedentes”. Do mesmo modo, se houver uma vogal, não é adequado preencher os espaços correspondentes aos fatores “ponto e modo de articulação das consoantes precedentes”. E se houver pausa, não é adequado preencher os espaços correspondentes aos dois grupos de fatores mencionados anteriormente. Portanto, considerou-se que os fatores “k”, “não se aplica ou não corresponde”, usados tanto nos protocolos iniciais como no primeiro arquivo de condições para ficarem preenchidos todos os espaços correspondentes, deviam ser eliminados. Os fatores “k” são

necessários, no início, porque, se aparecer um espaço no arquivo de dados, o programa interpreta que ali acabou a codificação dessa ocorrência. Se assim acontecer, CHECKTOK devolveria uma mensagem de erro pelo fato de o dado conter um número menor de fatores que aquele estabelecido no arquivo de condições. Entretanto, não foi necessário inserir variantes “k” no contexto seguinte porque o segmento wau sempre aparecerá seguido de uma vogal. Para eliminar os fatores e grupos de fatores enumerados, criou-se o arquivo de condições seguinte:

```
;O caso do segmento wau
;UCPel
;Arquivo de condicoes
(
(1)
(2)
(3 (/ (or (col 3 k))))
(4 (/ (or (col 4 k))))
(5 (/ (or (col 5 k))))
(6 (/ (or (col 6 i) (col 6 k))))
(7)
(8 (/ (or (col 8 l))))
(9)
(10)
(11)
)
```

Nono passo: Nova rodada do MAKE3000 com o novo arquivo de condições.

Décimo passo: Uma vez conseguido um arquivo de células admissível para rodar o IVARB, ativou-se o executável VAR2000. O programa IVARB faz uma análise binomial da regra variável. Usa-se quando a variável dependente apresenta duas variantes¹⁰. Esse programa dá como saída um arquivo com percentagens, o peso e a significação dos fatores

¹⁰ Em caso de aparecerem mais variantes na variável dependente, podem ser usados os programas TVARB ou MVARB, que permitem análises multinomiais.

no aparecimento da variável dependente. O programa trabalha com um limite de significação de 0,05, ou seja, “se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos” (Scherre, 1993: 27). Como o programa trabalha com níveis diversos de análises, efetua uma série de passos para cima, *stepup*, para selecionar as variáveis independentes significativas e as compara. No nível 1, compara todas as variáveis independentes com a variável dependente. Partindo desse nível 1, o programa seleciona as variáveis significativas e as combina com as restantes, nos níveis seguintes, 2, 3, etc., segundo o número de variáveis usadas, para comprovar se aparecem combinações significativas. Realiza também um outro processo, chamado de *stepdown*, que consiste em uma série de passos inversos, do último nível ao nível 1, para descartar as variáveis que não têm significação.

3.4 Definição das variáveis

Uma língua falada, uma língua que sirva para a comunicação entre os membros de uma comunidade, é heterogênea, está sujeita a variações, tanto no plano fonético-fonológico como morfossintático e léxico. Essa variação é sistematizável, tanto para a comunicação entre os falantes como para seu estudo pelos lingüistas. As formas em variação recebem o nome de “variantes”.

“Variantes lingüísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável lingüística” (Tarallo: 1994).

No presente trabalho, a variável a ser estudada é a epentetização consonântica diante do segmento [w]. É chamada de variável dependente porque seu aparecimento ou não-

aparecimento depende do peso e da significação das variáveis independentes. As variantes da variável dependente são: ocorre a epêntese ~ não ocorre. À ocorrência da epêntese consonantal foi atribuído o número '1' e à não-ocorrência de epêntese consonantal foi atribuído '0'. O aparecimento ou o não-aparecimento da epêntese vai depender do peso das condicionantes lingüísticas e extralingüísticas, ou seja, das variáveis independentes. Como variáveis independentes, figuram os fatores internos tais como ponto de articulação da consoante precedente, modo de articulação, grau de abertura da vogal precedente ou seguinte, por exemplo. Também figuram os fatores externos, já que “o ser humano, enquanto usuário normal da língua —língua falada, língua escrita e impressa—, está constantemente ligado aos demais mediante normas de conducta compartilhadas” (Fishman, 1995: 33). Daí a necessidade de controlar-se a incidência de fatores sociais tais como idade, classe social, escolaridade, estilo de fala, relações de hierarquia entre os falantes, etc. (Gumperz, 1993; 1995).

Para levantar as hipóteses sobre os possíveis condicionadores lingüísticos e extralingüísticos que influem na variável lingüística a ser estudada, foi necessário observar o *corpus* tendo como marco uma teoria (Bunge *et al*: 1979). Como já explicou Saussure (1999: 37), a linguagem “é um objeto multiforme e heteróclito”, portanto, para estudar uma língua, não basta, apenas, uma única teoria. Neste trabalho, os dados foram analisados seguindo a teoria variacionista de Labov; sendo que os subsídios para a interpretação fonológica foram fornecidos pela teoria autosegmental, teorias da sílaba e a fonologia lexical.

Foram selecionadas 8 variáveis independentes lingüísticas, com um total de 28 fatores: contexto precedente, consoante precedente quanto ao ponto de articulação, consoante precedente quanto ao modo de articulação, vogal precedente quanto ao ponto de

articulação, vogal precedente quanto ao grau de abertura. No contexto seguinte, foram selecionadas vogal seguinte quanto ao ponto de articulação e vogal seguinte quanto ao grau de abertura. Também foi selecionada a variável condições silábicas. Não foi considerada a variável acento porque, sempre, o acento primário cai na vogal que segue ao segmento [w] : [ˈwerto], [ˈgwaska], ˈwiski], [ˈwor]. Por essa razão, se tivesse sido integrado, o programa VARBRUL o teria eliminado como *knockout*.

As variáveis independentes selecionadas já foram usadas em pesquisas anteriores, entre outras em Bisol (1981), e Amaral (1996), tendo se mostrado como significativas.

Como variáveis independentes extralingüísticas foram escolhidas a escolaridade e a idade. Dentro do grupo escolaridade, foram consideradas duas células: escolaridade alta: primeiro grau completo e escolaridade baixa: primeiro grau incompleto. Dentro do grupo idade, foram consideradas duas células: informantes com idade até quarenta anos e informantes com idade superior a quarenta anos. As combinações possíveis são: 1) escolaridade alta - idade até 40 anos; 2) escolaridade alta - idade superior a 40 anos; 3) escolaridade baixa - idade até 40 anos; 4) escolaridade baixa - idade superior a 40 anos, o que dá um total de 4 células sociais. Em cada uma das células sociais são necessários pelo menos cinco informantes (Tarallo, *O. cit.* 28-30). No caso de Puntas del Sauce, não há informantes das células sociais: escolaridade alta - idade superior a 40 anos. No Uruguai rural das décadas dos anos 30, 40 e 50, só conseguiam uma escolaridade alta os membros das classes sociais com recursos econômicos suficientes. Não havia uma rede adequada de estradas nem bons serviços de transporte. A escola rural oferecia uma educação básica de três anos, quatro, posteriormente. Para completar os estudos, era necessário viajar às capitais de *departamento* ou a Montevideu, o que somente era possível para quem podia

pagar a estada dos filhos nessas cidades. Os membros dessas células sociais hoje moram nas capitais, seja do departamento ou do país. Se procurados para completar o número de informantes recomendados pelo método quantitativo, os dados não teriam valor, porque essas pessoas não compartilham o dia-a-dia da comunidade Puntas del Sauce, integram uma outra comunidade. Por essa razão, a presente pesquisa estuda três células sociais.

3.4.1 Codificação das variáveis

Como há duas possibilidades na variável dependente, ‘ocorre ~ não ocorre’, usou-se o programa IVARB que faz uma análise de regra variável, binomial.

Resumidamente, a codificação das variáveis ficou assim:

3.4.1.1 Variáveis dependentes

D. epentização consonântica diante do segmento [w]:

1- ocorre a epêntese, conseqüentemente podem aparecer as consoantes [g], [ɣ], [b] ou [β];

0 - não ocorre a epêntese.

3.4.1.2 Variáveis independentes

3.4.1.2.1 Variáveis lingüísticas

1. Contexto precedente:

v - vogal

t - consoante

- - pausa

2. Consoante precedente quanto ao ponto de articulação:

l - [labial]

c - [coronal]

d - [dorsal]

k - não existe

3. Consoante precedente quanto ao modo de articulação:

p - plosiva

f - fricativa não aspirada

h - fricativa aspirada

j - africada

n - nasal

q - líquida

k - não existe

4. Vogal precedente quanto ao ponto de articulação:

g - coronal

b - dorsal

k - não existe

5. Vogal precedente quanto à abertura:

i - [- abertura 1], [-abertura 2]

e - [-abertura 1], [+abertura 2]

a - [+abertura 1], [+abertura 2]

k - não existe

6. Vogal seguinte quanto ao ponto de articulação:

G - coronal

B - dorsal

7. . Vogal seguinte quanto à abertura:

I - [- abertura 1], [-abertura 2]

E - [-abertura 1], [+abertura 2]

A - [+abertura 1], [+abertura 2]

8. Condições silábicas:

o - Ataque inicial absoluto

! - Ataque dentro da palavra

s – Sandi silábico

3.4.1.2.2 Variáveis extralingüísticas

9. Escolaridade

& - alta (1º grau completo)

- baixa (1º grau incompleto)

10. Idade

\$ - até 40 anos

% - superior a 40 anos

4 DESCRIÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

No presente capítulo, serão feitas as descrições dos dados da pesquisa processados pelo VARBRUL. Serão incluídos o número de casos, as percentagens, e o peso relativo de cada fator favorecendo ou não o aparecimento da variável dependente. Também será incluído o valor de p , o valor da significação, porque, sem essa informação estatística, a leitura dos números das tabelas poderia conduzir a uma interpretação errada.

4.1 Variável dependente

Confrontadas as duas variantes da variável dependente “ocorre ~ não ocorre” epêntese do segmento [g ~ γ]¹¹ diante do segmento [w], pode-se observar, na Tabela 2 e no Gráfico 6, as percentagens correspondentes às variantes da variável dependente. A epêntese ocorreu na metade dos casos analisados.

TABELA 2 – Ocorrência da epêntese

	FREQÜÊNCIA	PERCENTAGEM
OCORRE	79/154	51
NÃO OCORRE	75/154	49

¹¹ [b ~ β] não ocorreram.

QUADRO 1 – Exemplos da ocorrência /não ocorrência da epêntese

<p>Ocorre:</p> <p>[sópa de fi'ðeo koŋ 'gweβo] <f1>¹²</p> <p>Não ocorre:</p> <p>[la 'Øwerta] <f1></p>

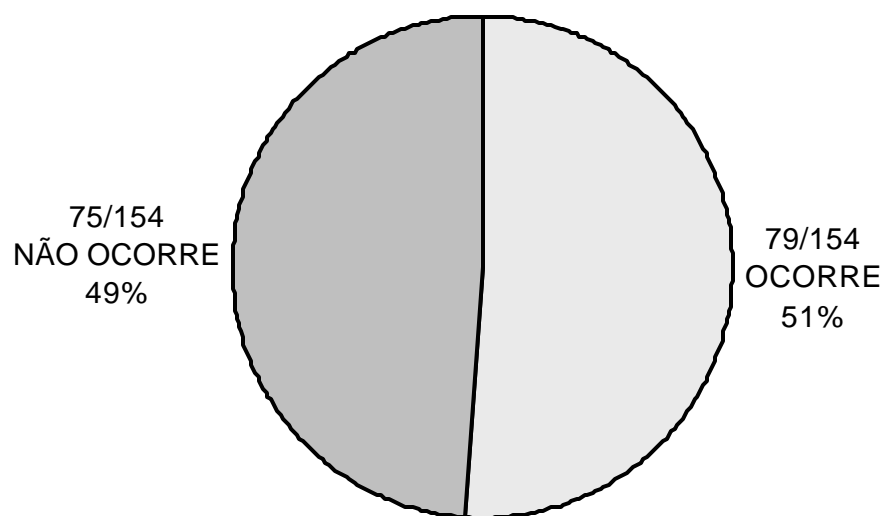


GRÁFICO 6 – Percentagem do aparecimento da epêntese no total de ocorrências

4.2 Variáveis independentes

Descreve-se, a seguir, a aplicação da regra variável no estudo das variáveis independentes, realizado com o programa IVARB.

¹² <fn> simboliza o número de informante.

4.2.1 Nível zero

No nível zero, o *input* da regra se considera como “a probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro” (Scherre, 1993: 27). Na presente pesquisa, esse *input* é de 0,52, e seu *log likelihood* é de -106,693, demonstrando a significação global, claramente confiável, do trabalho.

4.2.2 Nível 1

Neste item, serão confrontadas as variáveis independentes com a variável dependente, para saber-se o peso que tem cada um dos fatores na ocorrência da variável dependente, e a significação desse peso. O peso somente será levado em consideração quando o valor no nível de $P \leq 0,05$; porém serão apresentadas todas as tabelas e gráficos correspondentes ao nível 1 do *output* do Varbrul, porque permitem uma visão global do problema.

Observa-se que, no contexto precedente, a única variável significativa é o modo de articulação da consoante precedente, ($P = 0,010$), enquanto que, no contexto seguinte, são o ponto de articulação, ($P = 0,000$), e grau de abertura da vogal seguinte, ($P = 0,000$).

As variáveis extralingüísticas não se apresentam como significativas em caso algum.

4.2.2.1 Contexto precedente

O contexto precedente não se mostra significativo, como se observa na Tabela 3, ($P = 0,751$). A falta de significação é dada pelos pesos relativos neutros. Diz-se que um peso relativo é neutro quando se aproxima de 0,50.

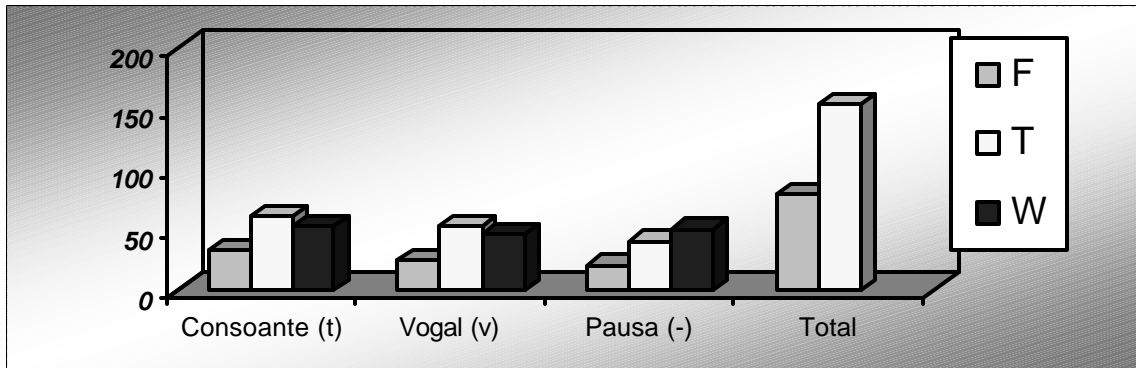
TABELA 3 – Contexto precedente

FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM de sucessos	PESO RELATIVO
Consoante (t)	33/61	54	0,53
Vogal (v)	25/53	47	0,46
Pausa (-)	21/40	52	0,51
Total	79/154	51	

P = 0,751 (Não significativo)

QUADRO 2 – Exemplos do condicionamento do contexto precedente

<p><u>Consoante:</u></p> <p>le rompés [uŋ 'gweβo] <f1></p> <p>le [de'simo^h 'werfano] <f1></p> <p><u>Vogal:</u></p> <p>también [po'trifo 'watfo] <f1></p> <p>se ['kria 'ɣwatfo] <f1></p> <p><u>Pausa:</u></p> <p>['watfo] le decimos <f1></p> <p>['ɣweβos] <f1></p>



Notas: F.= Frequência de sucessos¹³ T.= Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 7 – Contexto precedente

Note-se que, na representação gráfica, o peso relativo foi aumentado 100 vezes. O peso relativo é uma magnitude que vai de zero a um, enquanto que as frequências e os totais, neste trabalho, são magnitudes que vão de 2 a 149. Se não for usado o artifício de multiplicar o peso relativo por 100, quando representado, a coluna correspondente seria quase invisível, impedindo a comparação com as restantes colunas. (Conferir o Gráfico 14, onde a Frequência do fator ataque dentro de palavra é 2, muito maior que qualquer peso relativo).

4.2.2.2 Consoante precedente quanto ao ponto de articulação

Na Tabela 4, observa-se que os fatores dessa variável também não são significativos ($P = 0,421$). A falta de significação está dada por pesos relativos que são neutros.

¹³ Frequência de sucessos. Nos ensaios de Bernoulli, denomina-se “sucesso” uma das variantes da variável dependente, nesse caso, o aparecimento da epêntese.

TABELA 4 – Consoante precedente quanto ao ponto de articulação

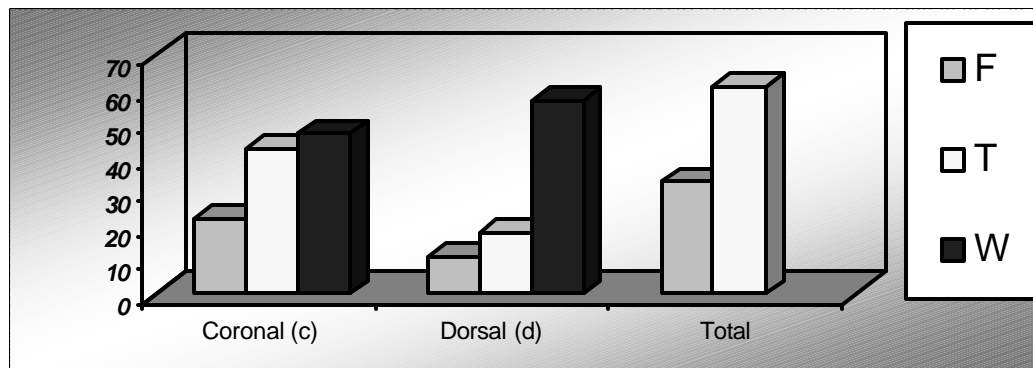
FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM de sucessos	PESO RELATIVO
Coronal (c)	22/43	51	0,47
Dorsal (d)	11/18	61	0,57
Total	33/61	54	

P = 0,421 (Não significativo)

QUADRO 3 – Exemplos do condicionamento da consoante precedente quanto ao ponto de articulação

<u>Coronal:</u>	se acostumbra a [ðe'sir 'werfano] <f2>
<u>Dorsal:</u>	yo junto [lo ^h 'γweβo kon 'el] <f14>

A seguir, pode-se ver o Gráfico 8 mostrando a distribuição das medidas do condicionamento da consoante precedente no referente ao ponto de articulação.



Notas: F.= Frequência de sucessos. T.= Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 8 – Consoante precedente quanto ao ponto de articulação

4.2.2.3 Consoante precedente quanto ao modo de articulação

Os fatores desta variável são os únicos significativos no contexto precedente. Observe-se que o peso relativo do fator nasal favorece o aparecimento da epêntese, enquanto que a líquida desfavorece. Já a fricativa aspirada mostra um peso relativo neutro.

TABELA 5 – Consoante precedente quanto ao modo de articulação

FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
Nasal (n)	16/22	73	0,69
Líquida (q)	6/21	29	0,25
Fricativa aspirada (h)	11/18	61	0,57
Total	33/61	54	

P = 0,010 (Muito significativo)

QUADRO 4 – Exemplos do condicionamento da consoante precedente quanto ao modo de articulação

Nasal:

[uŋ 'gweko] <f3>

[çuŋ 'gweko?] <f15>

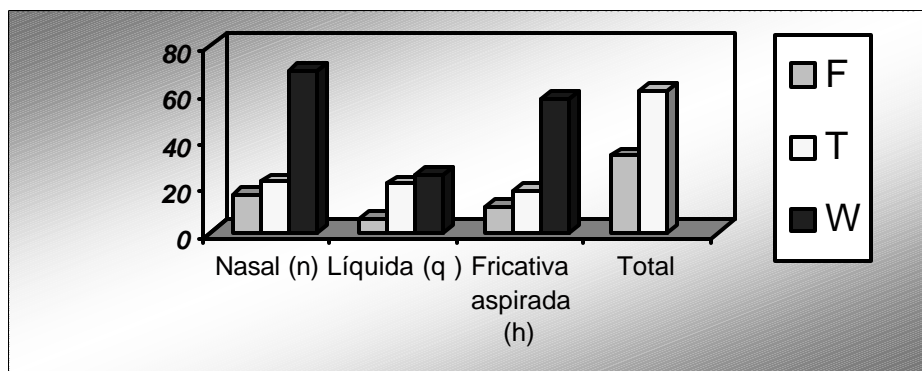
Fricativa aspirada:[lo^h 'ɣweso^h no'ma^h] <f2>mojarse ha^hta [lo^h 'ɣweso^h] <f1>junta [lo^h 'ɣweβo^h] <f14>es así que pone [su^h 'ɣweβo^h] en nido ajeno <f17>Líquida:

sin ['ser 'waʃinton] <f5>

[el 'werto] es para ayudar en la casa <f12>

a la misma quinta la podés llamar [el 'werto] <f11>

su [pri'mer 'weβo] <f22>



Notas: F.= Freqüência de sucessos.T.= Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 9 – Consoante precedente quanto ao modo de articulação

Como pode ser observado na Tabela 5 e no Gráfico 9, a variável modo de articulação da consoante precedente é a única variável referente ao contexto precedente que está significativamente associada com o aparecimento da epêntese. O valor no nível de $P = 0,010$. Do grupo de fatores, o fator nasal favorece a ocorrência da epêntese com um peso relativo de $w = 0,69$. Já o fator fricativa aspirada tem um peso neutro. O fator líquida desfavorece a ocorrência da epêntese consonantal.

4.2.2.4 Vogal precedente quanto ao ponto de articulação

Os fatores dessa variável não são significativos como mostram a Tabela 6 e o Gráfico 10. O fator dorsal tem um peso neutro. Apesar de o fator coronal aparecer com um peso desfavorecedor para o aparecimento da epêntese, provavelmente, o programa não o considere significativo pelo escasso número de ocorrências, (4 ocorrências em 12 registros).

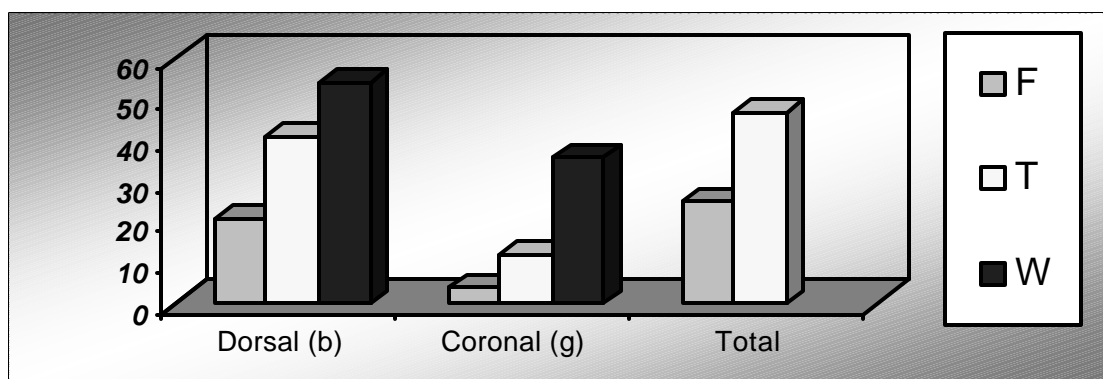
TABELA 6 – Vogal precedente quanto ao ponto de articulação

FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM de sucessos	PESO RELATIVO
Dorsal (b)	21/41	51	0,54
Coronal (g)	4/12	33	0,36
Total	25/53	47	

$P = 0,212$ (Não significativo)

QUADRO 5 – Exemplos do condicionamento da vogal precedente quanto ao ponto de articulação

<u>Dorsal:</u>
para [la 'weʃa] <f3>
ordeño, hago el queso, ['χunto 'γweβo] <f11>
<u>Coronal:</u>
[soβre'weso] <f6>
no se ['ðise 'werfano] <f2>



Notas: F.= Freqüência de sucessos. T.= Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 10 – Vogal precedente quanto ao ponto de articulação

4.2.2.5 Vogal precedente quanto à abertura

Nenhum dos fatores dessa variável mostra-se significativo, como pode ser observado na Tabela 7 e no Gráfico 11.

TABELA 7 – Vogal precedente quanto à abertura

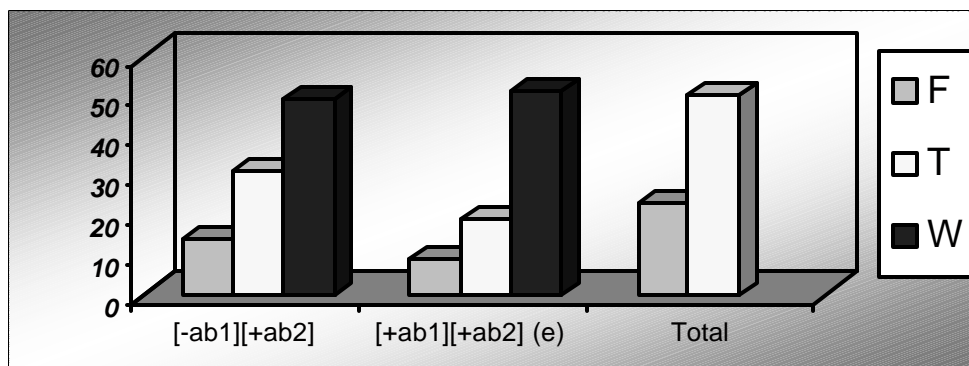
FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM de sucessos	PESO RELATIVO
[+ab1][+ab2] (a)	14/31	45	0,49
[-ab1][+ab2] (e)	9/19	47	0,51
Total	23/50	46	

P = 0,458 (Não significativo)

A aparente discordância entre o número total de vogais quanto ao ponto de articulação (53) e número total de vogais quanto à abertura (50), deve-se ao fato de que foi eliminado o fator [-ab1][-ab2] que caracteriza a vogal /i/, porque aparece em apenas três casos (cf. 3.3, oitavo passo). Na variável “vogal precedente quanto ao ponto de articulação”, a vogal /i/ integra, junto com a vogal /e/, o conjunto do fator [coronal], por isso, na Tabela 6, aparece um total de 53 vogais.

QUADRO 6 – Exemplos do condicionamento da vogal precedente quanto à abertura

<p><u>Vogal aberta:</u></p> <p>por [a'ka 'ɣwa'k'ero] <f19></p> <p>[la 'werta 'e^h] donde se plantan toda clase de verdura y todo eso <f20></p> <p><u>Vogal média:</u></p> <p>pone ['ese 'weβo] <f22></p>
--



Notas: F.= Frequência de sucessos. T.= Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 11 – Vogal precedente quanto à abertura

4.2.2.6 Vogal seguinte quanto ao ponto de articulação

Essa variável apresenta-se como significativa. O peso relativo do fator dorsal favorece o aparecimento da epêntese, enquanto o fator coronal o desfavorece, como pode ser comprovado na Tabela 8 e no Gráfico 12.

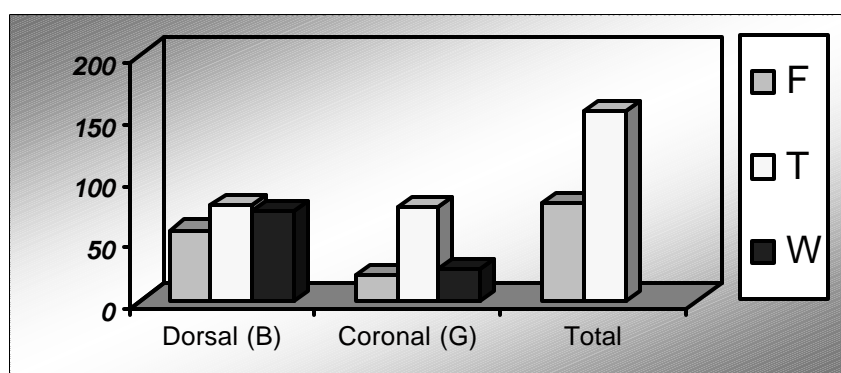
TABELA 8 – Vogal seguinte quanto ao ponto de articulação

FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM de sucessos	PESO RELATIVO
Dorsal (B)	58/78	74	0,73
Coronal (G)	21/76	28	0,26
Total	79/154	51	

P = 0,000 (Muito significativo)

QUADRO 7 – Exemplos do condicionamento da vogal seguinte quanto ao ponto de articulação

<u>Dorsal:</u>	
	[^h gwatʃo] también <f12>
	[es ^h ta γwam ^h pjando] <f3>
	[o ^h γwapo] dicen las mujeres <f2>
	[la ^h γwampas] <f1>
<u>Coronal:</u>	
	en vez de [^h weβos] <f1>
	es como [ũ we ^h βito] chiquitito <f22>
	[ũ ^h weko] puede ser en la arena <f11>
	[el ^h weβo] de cirico <f22>



Notas: F.= Frequência de sucessos. T.= Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 12 – Vogal seguinte quanto ao ponto de articulação

Na Tabela 8 e no Gráfico 12, pode-se observar que o ponto de articulação da vogal seguinte está associado com o aparecimento da epêntese. O aparecimento da consoante epentética se vê favorecida quando a vogal seguinte é dorsal. O valor no nível de $P = 0,000$, demonstrando que essa variável é significativa.

4.2.2.7 Vogal seguinte quanto ao grau de abertura

Os fatores dessa variável apresentam pesos relativos significativos. A vogal /a/, [+ab1][+ab2], favorece o aparecimento da epêntese, enquanto a vogal de abertura média /e, o/, [-ab1][+ab2], o desfavorece. A vogal /i/, [-ab1][-ab2], foi retirada da análise porque o número de registros era menor que cinco.

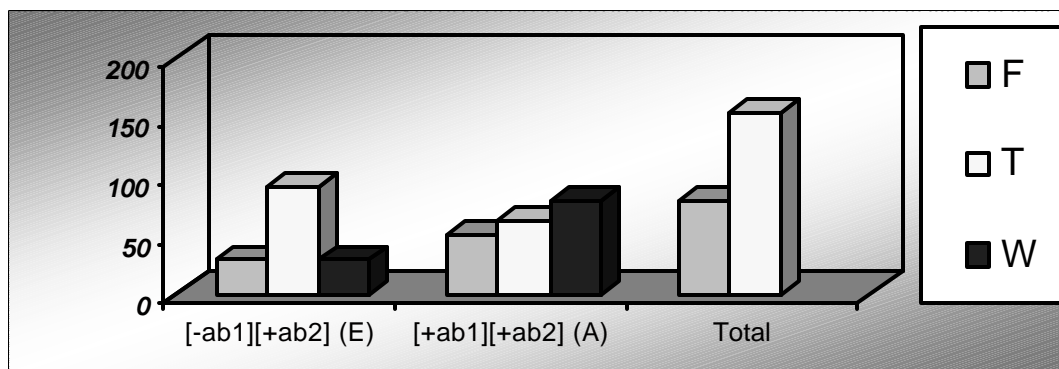
TABELA 9 – Vogal seguinte quanto ao grau de abertura

FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM de sucessos	PESO RELATIVO
[-ab1][+ab2] (E)	29/91	32	0,29
[+ab1][+ab2] (A)	50/62	81	0,79
Total	79/153	52	

$P = 0,000$ (Muito significativo)

QUADRO 8 – Exemplos do condicionamento da vogal seguinte quanto ao grau de abertura

<p><u>Vogal aberta:</u> [gwarðe'ria] <f12></p> <p>se tira el cuerito en [la 'ɣwampa] <f9></p> <p>no me ['ɣu^hta 'ɣwatfo] <f18></p> <p>[ç:'gwatfo?] <f17></p> <p>[i: 'ɣwatfo] o joven <f8></p> <p><u>Vogal média:</u> [ũ 'weko] es una cosa chiquitita <f11></p> <p>[la 'wertá] de los zapallos <f11></p> <p>['weʃa] <f12></p> <p>es como [ũ 'weko] que tiene la piedra <f16></p> <p>['werfano] <f17></p>
--



Notas: F.= Freqüência de sucessos. T.= Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 13 – Vogal seguinte quanto à abertura

Também o grupo grau de abertura da vogal está significativamente associado com o fenômeno pesquisado. A epêntese está fortemente favorecida pela presença do fator vogal [+ab1][+ab2]. O valor de $P = 0,000$ está respaldando essa leitura dos resultados. A diferença na quantidade total é devido a que só havia uma vogal com o traço [-ab1][-ab2] e foi eliminada.

4.2.2.8 Condição silábica

Os fatores dessa variável não se apresentam como significativos, como pode ser observado na Tabela 10 e no Gráfico 14. Apesar de o peso relativo do ataque dentro de palavra parecer desfavorecedor do aparecimento da epêntese, VARBRUL não o considera significativo dado o escasso número de registros (2 ocorrências em 5 registros).

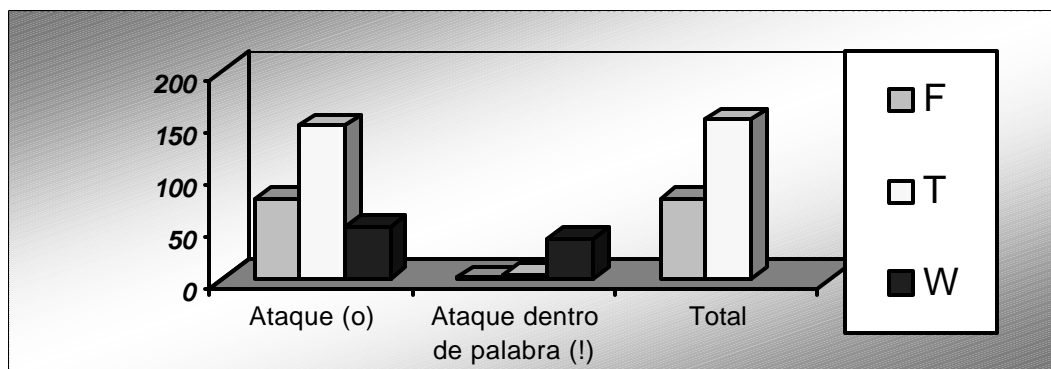
TABELA 10 – Condições silábicas

FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM de sucessos	PESO RELATIVO
Ataque (o)	77/149	52	0,50
Ataque dentro de palavra (!)	2/5	40	0,39
Total	79/154	51	

$P = 0,624$ (Não significativo)

QUADRO 9 – Exemplos do condicionamento das condições silábicas

<u>Ataque inicial absoluto:</u>	
	[¹ wɛʃa] <f22>
	[¹ ɣwatʃo] atrevido <f23>
<u>Ataque dentro de palavra:</u>	
	[soβre ¹ weso] <f6>
	[soβre ¹ ɣweso] <f3>



Notas: T.= F.= Frequência de sucessos. Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 14 – Condições silábicas

4.2.2.9 Escolaridade

Essa variável não se mostrou significativa, devido a serem neutros os pesos relativos dos dois fatores.

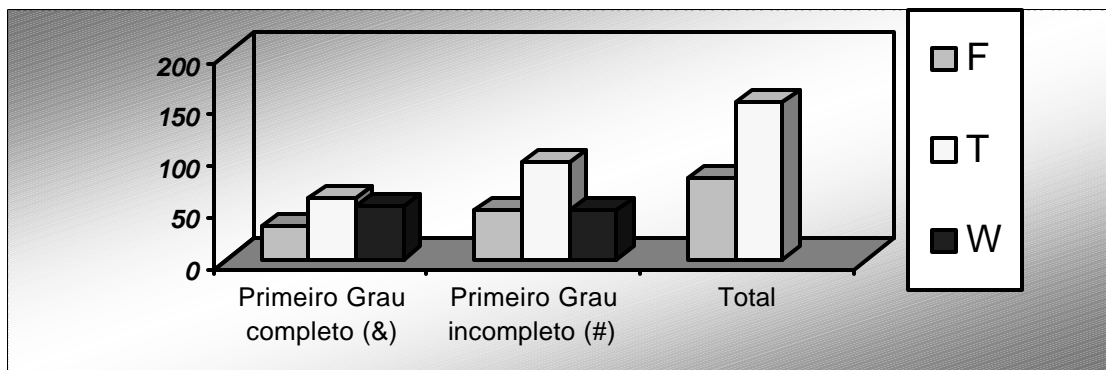
TABELA 11 – Escolaridade

FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM de sucessos	PESO RELATIVO
Primeiro Grau completo (&)	32/60	53	0,52
Primeiro Grau incompleto (#)	47/94	50	0,49
Total	79/154	51	

P = 0,690 (Não significativo)

QUADRO 10 – Exemplos do condicionamento da escolaridade

<p><u>Primeiro grau completo:</u></p> <p>Nueva York [o 'waʃinton] <f5></p> <p>poroto, [ˈɣweβo], bola >f6></p> <p><u>Primeiro grau incompleto:</u></p> <p>[ˈwaʃinton] Beltrán <f15></p> <p>un [soβreˈɣweso] <f3></p>



Notas: F.= Frequência de sucessos. T.= Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 15 – Escolaridade

4.2.2.10 Idade

Também não é significativa a variável idade dado que os pesos relativos dos dois fatores são neutros.

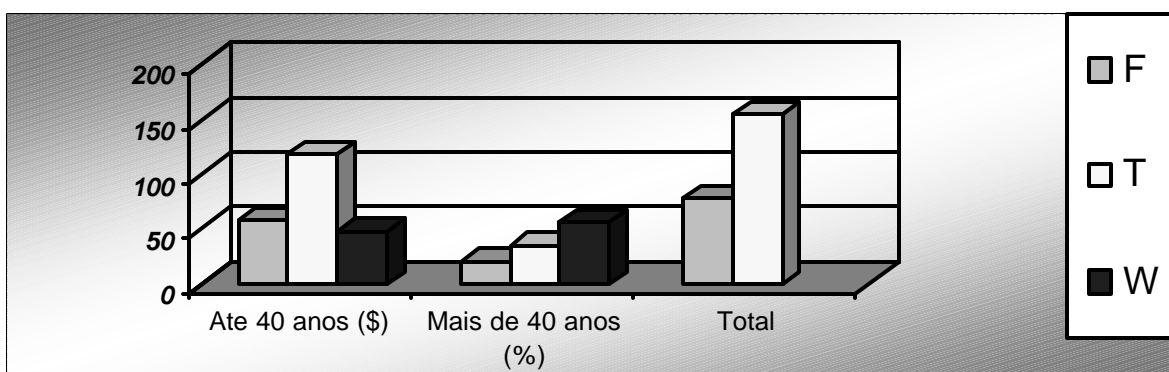
TABELA 12 – Idade

FATORES DA VARIÁVEL SELECIONADA	FREQÜÊNCIA Ocorre/total	PERCENTAGEM de sucessos	PESO RELATIVO
Ate 40 anos (\$)	58/118	49	0,48
Mais de 40 anos (%)	21/36	58	0,57
Total	79/154	51	

P = 0,345 (Não significativo)

QUADRO 11 – Exemplos do condicionamento da idade

<u>Até 40 anos:</u>	[ũ 'gweβo] podrido<f7>
	se [ʃama 'waʃinton] pero le dicen Cacho <f7>
<u>Mais de 40 anos:</u>	entonces se corre por los pelos el ['γweβo] <21>
	[el we'βito] <f17>



Notas: F.= Frequência de sucessos. T.= Total de ocorrências. W. = Peso relativo X 100.

GRÁFICO 16 – Idade

4.2.2.11 Fechamento do nível 1

O *stepup* do IVARB fechou o nível 1 pedindo para selecionar o grupo 7, grau de abertura da vogal seguinte.

4.2.3 Nível 2

No nível 2 da análise estatística, o programa combinou o grau de abertura da vogal seguinte com as restantes variáveis independentes, para medir o peso dessas novas combinações, no aparecimento ou não da epêntese. Após de selecionar o grau de abertura da vogal seguinte e o modo de articulação da consoante precedente, as combinações que se apresentam como significativas no nível 2 se mostram no Quadro 12.

QUADRO 12 – Peso relativo das combinações dos valores significativos no *output* do VARBRUL

t	0,70	E	0,24	c	0,50	E	0,24	n	0,78	E	0,23
v	0,39	A	0,85	d	0,51	A	0,84	q	0,19	A	0,86
-	0,33							h	0,54		
P = 0,007 (Muito significativo)				P = 0,03 (Significativo)				P = 0,000 (Muito significativo)			

O aparecimento da epêntese é favorecido pela presença de uma vogal aberta, no contexto seguinte, combinada com a existência de consoante, no contexto precedente. O peso é ainda maior quando a consoante do contexto precedente é nasal. Mostrou-se desfavorecedora a presença, no contexto seguinte, da vogal de abertura média /e/, e, no contexto precedente, uma pausa, uma vogal ou uma consoante líquida. São neutras a

presença de uma fricativa aspirada, no contexto precedente, assim como o ponto de articulação da consoante precedente, que já não mostrara significação no nível 1. Todavia o ponto de articulação da vogal seguinte apresentou-se como significativo no nível 1, mas perdeu sua significação quando combinado com o grau de abertura da vogal seguinte.

4.2.3.1 Fechamento do nível 2

O nível 2 fechou pedindo seleccionar o grupo 3, modo de articulação da consoante precedente. A combinação seleccionada pelo VARBRUL como mais significativa foi grau de abertura da vogal seguinte com modo de articulação da consoante precedente.

4.2.4 Final

Assim como o *stepup* tinha pedido para seleccionar os grupos 7 e 3, nessa ordem, o *stepdown* pediu para eliminar os fatores, 8, 10, 6, 4, 5, 9, 1 e 2, o que confirma, mais uma vez, o ajuste da presente análise com o modelo.

5 ANÁLISE FONOLÓGICA E DISCUSSÃO

Dos problemas listados na introdução, apenas os referidos ao processo de silabação, sua interface com a fonologia do segmento e, especialmente, os referidos às condições que regulam o ataque da sílaba espanhola serão discutidos neste capítulo. Por outra parte, a análise estatística dos dados mostrou as variáveis que estavam associadas, significativamente, ao aparecimento da epêntese diante do segmento [w]. Na segunda seção, será feita a discussão desses resultados, do ponto de vista fonológico.

5.1 As condições de boa-formação da sílaba espanhola

Para gerar sílabas bem-formadas, não bastam os princípios universais; são necessários parâmetros e condições, positivas ou negativas, diferentes para cada língua, que regulam a constituição da sílaba e, conseqüentemente, as estruturas geradas.

Para Clements e Keiser (*apud* Collischonn, 1997: 93), há diferenças entre condições positivas e negativas. As seqüências que não são geradas pelas condições positivas são totalmente mal formadas; porém, as seqüências geradas pelas condições negativas podem ocorrer em empréstimos, e não são totalmente mal formadas, embora não sejam totalmente aceitáveis. No entanto, para Itô (1986: 32), um filtro negativo é formalmente equivalente a

uma condição positiva de boa formação. Ambas as condições, positiva e negativa, são proposições implicacionais. Por exemplo, o japonês, que rejeita qualquer segmento que seja não-nasal na coda, precisa de uma condição como a seguinte:

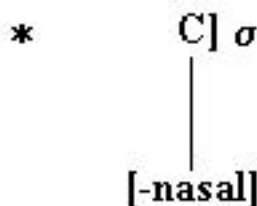


FIGURA 9 – Fórmula de uma condição negativa

Essa fórmula está dizendo que, se houver uma consoante final com uma ligação simples, sua melodia não poderá ser [-nasal]. A mesma restrição pode ser formulada como uma proposição positiva como se mostra a seguir:

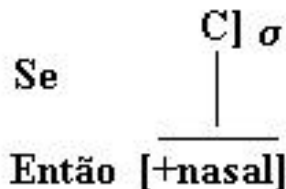


FIGURA 10 – Fórmula de uma condição positiva

As condições caracterizam-se por apresentarem-se simultaneamente e por complementarem-se para garantir uma boa formação silábica.

O molde é uma condição a respeito da associação entre o nível silábico e o nível dos segmentos. Determina, por exemplo, o número máximo de elementos CV que podem estar associados a um único elemento σ (Collischonn, 1997: 50). No caso do espanhol, a

existência do molde silábico CCVC permite inferir que são admitidos também: CV, CVC, CCV, V, VC; ou seja, todos os padrões que podem estar contidos dentro da sequência máxima representada pelo molde.

Dentre as condições específicas da língua espanhola figuram as que estabelecem quais os segmentos que podem aparecer em cada posição silábica, ou seja, há um conjunto de condições de boa-formação para cada constituinte silábico.

No que diz respeito ao ataque da sílaba espanhola, a lista de palavras de (1.a) e (1.b) mostra exemplos de ataques silábicos bem formados:

(1.a)	(1.b)
/b/ bobo [ˈbo.βo] (bobo)	bl- bloque [ˈblo.ke] (bloco)
/tʃ/ chocho [ˈtʃo.tʃo] (embevecido; gagá)	br- brin [ˈbrin] (brim)
/d/ dedo [ˈde.ðo] (dedo)	-bl cable [ˈka.βle] (cabo)
/f/ fofo [ˈfo.fo] (fofo)	-br pobre [ˈpo.βre] (pobre)
/g/ gagá [ga.ˈɣa] (gagá)	dr- dril [ˈdril] (tela forte de algodão cru)
/x/ jején [xe.ˈxen] (espécie de mosquito)	-dr madre [ˈma.ðre] (mãe)
/k/ cuco [ˈkú.ko] (bicho papão)	fl- flan [ˈflan] (pudim de leite)
/l/ [ˈle.lo] (bobo)	fr-/-fr frufú [fru.ˈfru] (frufu)
/λ/- llave [ˈla.βe ~ ˈɰa.βe ~ ˈja.βe] (chave)	-fl chifle [ˈtʃi.fle] (apito)
-/λ/ olla [ˈo.ɰa ~ ˈo.ɰa ~ ˈo.ʃa] (panela)	gl- globo [ˈglo.βo] (balão)
/m/ mamá [mã.ˈma] (mamãe)	gr- gres [ˈgres] (pasta de argila e areia)
/n/ nene [ˈne.ne] (nenê)	-gl inglés [iŋ.ˈgles] (inglês)

/ɲ/ ñoño [ˈɲõ.ɲõ] (bobo; pacato)	-gr tigre [ˈti.ɣɾe] (tigre)
/p/ papa [ˈpa.pa] (batata)	kl- clan [ˈkɫan] (clã)
-/r/ aro [ˈa.ɾo] (aro)	kr- cruz [ˈkɾuθ ~ ˈkɾus] (cruz)
/r/ rorro [ˈro.ro] (bebê)	-kl bucle [ˈbu.kɫe] (bucle)
/s/ soso [ˈso.sɔ] (sem sal; insosso)	-kr alacrán[a.la.ˈkɾan] (escorpião)
/t/ tatú [ta.ˈtu] (tatú)	tl- tascal [tɫas.ˈkaɫ] (bolo de milho)
/θ/ zarza [ˈθar.θa ~ ˈsar.sa] (sarça)	tr- tres [ˈtres] (três)
	-tl atlas [ˈa.tɫas] (atlas)
	-tr potro [ˈpo.tɾo] (potro)

Qualquer uma das dezenove consoantes do espanhol pode aparecer na posição de ataque. Pode-se propor, então, como primeira condição para o ataque silábico do espanhol que qualquer consoante pode ser associada ao ataque, se houver apenas uma casa X.

Para um molde com ataque complexo, como CCV, conforme os exemplos do grupo (1.b), a língua espanhola rege-se por condições específicas que estabelecem quais grupos consonantais conformam ataques bem-formados. Essas condições têm a ver, principalmente, com o Princípio de Sonância. O conjunto de restrições que regulam a boa formação integram a Condição do Ataque Complexo. Assim, são permitidos os agrupamentos formados de obstruintes [-contínua] ou [+contínua, +labial] com líquidas, vibrante simples ou lateral, [+soante, -nasal]. Para tanto, se houver duas casas X, é necessário restringir o modo de associação de maneira que a primeira casa seja preenchida por uma obstruinte (O) e a segunda por uma líquida (L). A formulação dessa condição já foi proposta por Collischonn (1997: 94) para o português como segue:

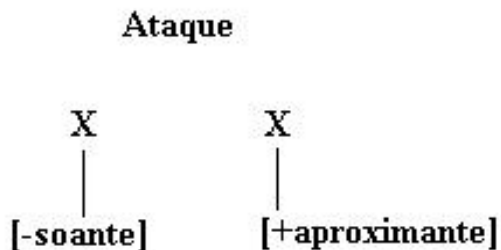


FIGURA 11 – Fórmula da Primeira Condição do Ataque

Essa fórmula expressa que, se um ataque for constituído de dois elementos, o primeiro segmento deve ser [-soante] e o segundo deve ser um segmento [+aproximante], o que implica que ele é, ao mesmo tempo, [+soante]. Essa condição permite a formação de seqüências OL, ficando excluídas seqüências de ON, OO, NN, NL.

Essa condição não é suficiente porque não consegue excluir as seqüências de sibilante e líquida /*sr, *sl, *zr, *zl, *ʃr, *ʃl, *ʒr, *ʒl/. Para sanar essa deficiência, Collischonn (*Id. Ibid*) propõe, como complemento da Primeira, uma Segunda Condição de Ataque:

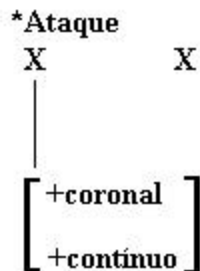


FIGURA 12 – Fórmula da Segunda Condição do Ataque

Essa fórmula deve ser interpretada nos seguintes termos: se um ataque for constituído de duas casas, então o segmento [-soante] da primeira casa não pode estar associado a [+coronal] e [+contínuo] simultaneamente. A segunda condição complementa a primeira, especificando-a.

O papel relevante do Princípio de Soância também faz-se aparente na formação dos ataques complexos. A representação gráfica da escala de sonorância das seqüências consonantais dos ataques complexos da sílaba espanhola mostra a distância entre os dois segmentos componentes:

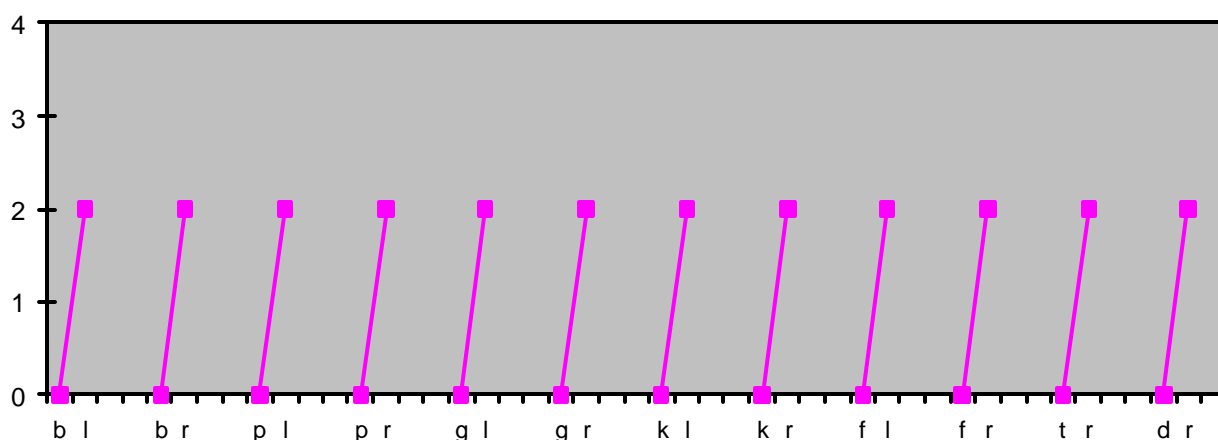


GRÁFICO 17 – Distância entre os segmentos permitidos nos ataques complexos em espanhol

O gráfico 17 apresenta, na linha das ordenadas, os valores numéricos correspondentes ao grau de sonoridade do segmento fonológico, segundo a escala proposta por Clements (1990: 294): 0 obstruente; 1 nasais; 2 líquidas; 3 glides; 4 vogais. Na linha das abscissas, aparecem as combinações consonantais permitidas em espanhol.

A magnitude resultante mostra que os sons que compõem as combinações mantêm uma distância de dois graus, na escala de sonoridade. Combinações com distâncias de um grau, como seriam *sn, *ns, *lm, *ml, *ln, *nl, *nr, *rn, *lr, *sr, por exemplo, são proibidas pelas condições do ataque silábico do espanhol. Esses encontros consonantais podem ocorrer nos limites silábicos internos: *as.no* (asno), *an.sia* (ânsia), *al.ma* (alma), *en.re.da.de.ra* (trepadeira), *car.ne* (carne), *Is.ra.el* (Israel) e tantos outros exemplos como esses.

Os agrupamentos de plosivas alveolares com líquidas são permitidos apenas entre *tr-*, *tl-* e *dr-*. O agrupamento *dl-* não é permitido, apesar de que nessa seqüência as distâncias, na escala de sonorância, são as mesmas das três outras referidas. Também não são permitidas as combinações *ɾ-* e *ɽ-*, ainda que, segundo o princípio de sonorância, também não houvesse razões para essa restrição.

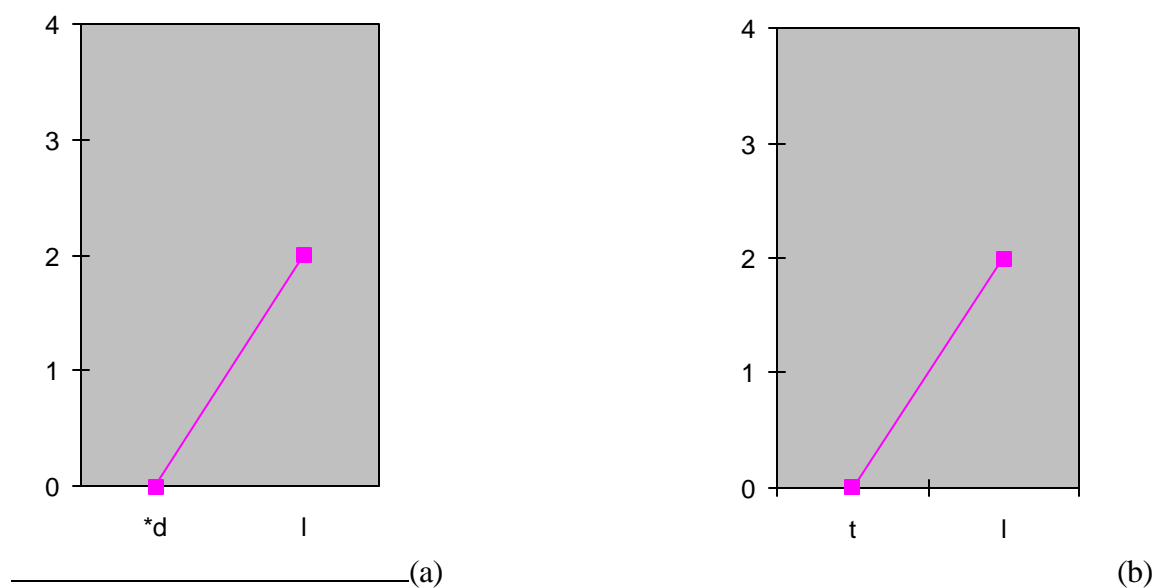


GRÁFICO 18 – Agrupamentos de alveolares dentais com líquidas

O gráfico 18 mostra a distância, na escala de sonância, que há entre os segmentos plosivos dentais e os líquidos. Apesar de que a distância é igual àquela que aparece nas combinações do Gráfico 17, as combinações *dl-* e *χr-* não são aproveitadas pela língua. Bisol (1999b: 718) interpreta a inexistência desses grupos como vazios do sistema, abertos a empréstimos ou a palavras novas.

No que respeita à combinação *tl-*, as restrições que operam nos dialetos americanos não são as mesmas que as dos dialetos europeus do espanhol; enquanto nos dialetos americanos essa combinação é permitida, nos dialetos do espanhol europeu se silaba *at.las*, *at.le.ta*, [ad.las], [ad.le.ta] (Navarro Tomás, 1963: 97; Alarcos Llorach, 1971: 172, 184, 188; Quilis, 1981: 191).

Os moldes sem ataque, V, VC, mediante o processo de ressilabação, no nível pós-lexical, adquirem um ataque, restituindo, desse modo, um molde canônico para a sílaba espanhola. Por exemplo, *con a.mor*, (com amor), se ressilaba como [ko.nã.'mor], e *tan al.to*, (tão alto), se ressilaba como [ta.'nal.to], passando para ataque o /n/ da coda de *con* e de *tan*.

5.1.1 Condições para a formação da rima

O molde que segue o CV, nas preferências da língua espanhola, é CVC, com um ataque C, e uma rima, VC, formada por um núcleo vocálico e uma coda.

As condições para rimas bem formadas estabelecem que o núcleo deve estar formado por um segmento vocálico [+sil, -cons], como em todas as línguas romanas. A coda é opcional, podendo ser ocupada essa posição por segmentos da classe [+soante], além do segmento [-soante] /s/.

No que respeita ao comprimento da rima, a extensão máxima, com três segmentos, (C)VVC ou (C)VCC¹⁴, abre um novo campo de discussão na fonologia da sílaba espanhola. A seqüência (C)VVC traz à tona a questão de existirem ou não os ditongos, no nível lexical, ou de sua existência ser apenas verificável no pós-léxico.

5.1.1.1 Ditongos e hiatos

A situação das cinco vogais do espanhol /a, e, i, o, u/, que podem ser núcleo silábico ou constituir uma sílaba, representada como molde V, por exemplo, nas palavras *a.la* ou *ma.re.a* (maré), contrasta com a situação dos chamados ditongos, bem mais complexa.

Em espanhol, tradicionalmente, são reconhecidos cinco ditongos decrescentes e oito crescentes. Na lista (2.a), agrupam-se exemplos de ditongos decrescentes; na lista (2.b), os exemplos apresentam ditongos crescentes:

(2.a)	(2.b)
[aĩ]- <i>aire</i> [ˈaĩ.re] (ar)	[ja]- <i>hacia</i> [ˈa.ɟia] (para)
[aũ]- <i>aurora</i> [aũ.ro.ra] (aurora)	[je]- <i>tierra</i> [ˈtje.ra] (terra)
[eĩ]- <i>seis</i> [ˈseĩʰ] (seis)	[jo]- <i>bodrio</i> [ˈbo.ðrjo] (comida mal feita; chateação)
[eũ]- <i>reuma</i> [ˈreũ.ma] (reuma)	[ju]- <i>ciudad</i> [sju.ˈða] (cidade)
[oĩ]- <i>voy</i> [βoĩ] (vou);	[wa]- <i>aguante</i> [a.ˈɣwan.te] (paciência/fôlego)
	[we]- <i>cuerva</i> [ˈkwer.ða] (corda)
	[wi]- <i>cuita</i> [ˈkwi.ta] (mágoa/coita)
	[wo]- <i>menguó</i> [meŋ.ˈgwo] (minguou)

¹⁴ As rimas com esse molde, (C)VCC, ou são latinismos, em processo de simplificação, novamente, ou são empréstimos de línguas estrangeiras modernas.

Uma das características dessas seqüências tautossilábicas VV é que uma vogal alta precedida ou seguida de uma vogal [-alta] ocupa sempre uma posição marginal.

Na tradição lingüística espanhola, [i, j, u, w]¹⁵ são consideradas como variantes assilábicas de /i/ e /u/, aparecendo, ora antes, ora depois do acento, ou seja, na tensão ou distensão silábica, funcionando como segmentos consoantes, incapazes de receber acento e de ser núcleo silábico. Do ponto de vista fonético, [j] e [w] são mais breves, ao mesmo tempo que estreitam a sua articulação, abreviam-se por aparecerem na tensão silábica, perdendo a sua qualidade vocálica.

No português, Mattoso Câmara (1970: 54) mostrou que a variação livre entre ditongo e duas sílabas de vogais contíguas (*su.ar* ou *suar*, *su.a.dor* ou *sua.dor*, por exemplo) é a situação geral. Partindo dessa situação, questionou a existência dos ditongos crescentes em português.

Em espanhol, acontece o mesmo com *cru.el* ~ *cruel*, *vi.a.je* ~ *via.je*, *cri.a.tu.ra* ~ *cria.tu.ra*, etc. (RAE: 1978: 52)¹⁶. Na flexão verbal, a flutuação da língua se faz aparente na conjugação dos verbos cuja raiz acaba em vogal /i/ ou em vogal /u/, como *confiar*, *gloriar*, *aliviar*, *cambiar* ou *averiguar*, *adecuar*, *perpetuar*, *graduar* e *atenuar*. Se, por um lado, a norma culta prefere *con.fí.o*, com hiato, para *a.li.vio* prefere a forma com ditongo; do mesmo modo, frente às formas com hiato, como *per.pe.tú.o*, *in.si.nú.o*, aparecem as formas *a.ve.ri.guo*, ou *li.cuo*, com ditongo. Por seu lado, a fala popular contradiz a norma culta fazendo *glo.rio*, *des.con.fío*, *li.cú.o* e *a.de.cú.o*.

¹⁵ No espanhol, recebem o nome de *paravocales*, entretanto o português as chama de *glides* ou semivogais.

¹⁶ Apesar de a gramática da RAE ter como fim fixar os usos da norma culta – não tem um objetivo teórico – constitui um rico inventário de registros dos usos da língua espanhola em seus diversos territórios.

O espanhol também apresenta a alternância ditongo~hiato nos ditongos decrescentes. São poucos os casos, mas existem: *ra.íz* ~ *ráiz*, *pa.ís* ~ *páis*, *ma.íz* ~ *máiz* (milho); as formas ditongadas são estigmatizadas mas pervivem através dos séculos. Em outros casos, palavras que eram com hiato, hoje são ditongadas, como *reina* e *vaina*, sendo que, até 1500, ainda eram silabadas *re.í.na* e *va.í.na* (Corominas, 1997: 596).

Gili Gaya, em *Elementos de Fonética General* (1971: 120), mostra as diferenças entre as combinações formadas por uma vogal e os *glides* [i, ʊ, j, w] com as combinações formadas pelas vogais /a, e, o/. Nas combinações de /a, e, o/ as pequenas diferenças no grau de abertura motivam numerosas vacilações que oscilam entre o hiato e o ditongo. Essas diferenças no grau de abertura junto com as diferenças provocadas pela posição do acento, a morfologia das palavras, a etimologia, as variantes dialetais e a maior ou menor rapidez e cuidado na dicção seriam as variáveis provocadoras dessa permanente flutuação do espanhol entre ditongo e hiato. Todos os fatores das variáveis enumeradas vão ter um peso diferente na ocorrência de ditongo ou hiato. Ilustra com exemplos atuais: [tjat̪ro] em lugar de *teatro*, [ˈpjor] para *peor*, [ˈtra̯i] para *trae*, [ˈtwa̯la] para *toalla*. E acrescenta a reflexão de que as freqüentes mudanças históricas que apresentam a tendência para resolver com um ditongo consolidado a sucessão imediata de duas vogais abertas obedecem às mesmas variáveis já anotadas, como nestes casos: *aere*>*aire* (ar); *creare*>*criar*. O espanhol mantém as duas palavras: *crear* e *criar*, com nuances no significado.

Por outro lado, a alternância que se pode observar na lista de palavras agrupadas em (3.a) e (3.b) mostra outra das dificuldades na sistematização e análise dos ditongos espanhóis. Em (3.a) aparecem os morfemas base e os derivados que ditongam e em (3.b) os vocábulos derivados que não ditongam:

(3.a)	(3.b)
puert-a [ˈpwe.r.ta]-puertita-puertaza	port-ón [por.ˈton] portazo-portero-pórtico
pie-dr-a [ˈpje.ðra]-piedrona-piedrecilla-piedrerío	pedr-ada [pe.ˈðra.ða]-pedrecilla- pedrero-pedrería
hues-o [ˈwe.so]-huesero-huesazo-hueserío	os-ario [o.ˈsa.rjo]-óseo
huevo-o [ˈwe.βo]-huevo-ahuevado-huevera	ov-ario [o.ˈβa.rjo]-aovar-aovado
huelg-a [ˈwel.ɣa]-huelguita-huelgaza-huelguero	holg-ar [ɔl.ˈɣar]-holgado-holganza
hiel-o [ˈje.lo]-hielito-hielazo-hielera	hel-ar [e.lár]-helado-heladero
hierr-o [ˈje.ro ~ ˈfje.ro]-hierrito~fierrito-fierrerío	herr-ero [e.ˈre.ro]-ferretero-herrería-ferreteria

Ainda não há acordo entre os pesquisadores, no que tange à sistematização das restrições e condições da ditongação de /e/ e /o/, em espanhol (Gil: 2000: 45-57).

O sistema vocálico do espanhol atual poderia ser descrito como sendo formado de /a ie e i ue o u/, onde /ie/ e /ue/ figurariam em lugar de /e/ e /o/ do português. Desse modo, *puerta/portal*, *piedra/pedrada*, *hueso/osario*, *huevo/ovario* seriam casos de alternância vocálica provocados pelo processo morfológico da derivação, interagindo com condições internas da língua. O desacordo nasce no momento de definir quais condições internas e os recursos teóricos utilizados para justificar as hipóteses explicativas.

Essa proposta de descrição do sistema vocálico do espanhol já foi feita, em 1946, por Navarro Tomás, em *Estudios de Fonología Española* (apud: Gili Gaya, 1971: 120). Navarro Tomás estimava que os ditongos são unidades fonológicas capazes de criar oposições como *peina/pena/pina*, *tuerca/terca/turca*, *uso/hueso/eso*, etc.

Alarcos Llorach, em *Fonología española* (1971: 150-160), considera as combinações formadas por vogais [+altas] e vogais [-altas] como unidades bifonemáticas;

atribui a [j] e [w] uma posição marginal na sílaba e as considera alofones das vogais /i/ e /u/, respectivamente; também afirma que [j] e [w] pertencem à classe de variantes “pré-nucleares” da sílaba, ou seja, que podem ocupar a posição de ataque; [i̟] e [u̟], à classe de variantes “pós-nucleares”, podendo ocupar a posição de coda; enquanto [i] e [u], são variantes que funcionam como núcleo silábico. A análise feita por Alarcos Llorach da proposta de Navarro Tomás, para quem os ditongos eram um fonema e não a combinação de dois segmentos vocálicos em posição tautossilábica, destruiu a proposta daquele permanecendo esquecida até agora, quando começou a ser feita uma releitura dos pontos resgatáveis. Juana Gil (2000: 46), em *Panorama de la fonología española actual*, recolhe, na nota de rodapé 47, o desafio de um pesquisador: “Y si pusiéramos en entredicho lo que es aceptado por todos, es decir, la bifonematicidad de los diptongos? ¿Sería muy descabellado pensar que nuestros diptongos son realizaciones monofonemáticas?” (E se questionarmos o que é aceito por todos, ou seja, a bifonematicidade dos ditongos? Seria muito descabelado pensar que nossos ditongos são realizações monofonemáticas?).

5.1.1.2 Um enfoque atual

Nos últimos anos, junto com o aumento da literatura produzida pela Fonologia Lexical, tem aparecido uma outra proposta de análise para os ditongos. Sendo que o léxico está organizado em níveis, os quais são domínios para duas classes de regras fonológicas, lexicais e pós-lexicais, os resultados de um e outro domínio são diferentes.

A respeito dos ditongos crescentes e decrescentes, a pergunta pertinente é sobre sua existência ou não, tanto em espanhol como no português.

No que diz respeito aos ditongos crescentes, há pesquisadores propondo que, no nível léxico, o molde silábico é V.V, ou seja, heterossilábico. No nível pós-lexical, o

primeiro V passa para glide, em relação tautossilábica com o segundo V, gerando-se, desse modo, um ditongo crescente [GV]; resumindo, no nível lexical, há hiato, no nível pós-lexical, há ditongo.

É a posição de Bisol (1989: 215; 1995: 164; 1999b: 723), por exemplo, quando analisa os ditongos crescentes. Para essa pesquisadora, os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do português; a seqüência VV (glide-vogal) é o resultado de ressilabação pós-lexical e se explica como a fusão de rimas de duas sílabas diferentes. Os ditongos crescentes são analisados como hiatos lexicais. No nível pós-lexical, a vogal alta pode-se converter em glide, um glide consonantizado, passando a fazer parte do ataque. No nível pós-lexical, a Condição de Ataque é inoperante, razão pela qual podem aparecer ataques que não foram licenciados no Léxico.

Situação diferente é a dos ditongos crescentes precedidos por ataques formados pelas consoantes velares /k, g/ (*Id. ibid*). Em português, não alternam com hiato e há uma tendência para a monotongação, como nos exemplos de (4):

(4)

quociente ~ cociente

quotidiano ~ cotidiano

quatorze ~ catorze

A seqüência consoante velar + glide pode ser interpretada como sendo uma unidade monofonemática /k^w/, ou seja, um segmento complexo, um segmento consonantal com articulação secundária vocálica. Segundo Bisol, essas palavras figuram no léxico profundo com esse segmento complexo; a perda da articulação secundária originaria as variantes anotadas. Os segmentos complexos, k^w, g^w, somente se manifestariam quando

seguidos de /a/ ou /o/. O inventário compreende: *água*, *adequar*, *enxaguar*, e mais outras palavras da língua.

Quando trata dos ditongos decrescentes, Bisol argumenta que, não tendo o português vogais longas, também não poderia ter núcleos ramificados; falta-lhe um molde com a forma oo, ee, aa, etc. que estaria repetindo o núcleo. Para o português, Bisol acrescenta outro argumento: que não tendo o português uma rima constituída pela seqüência VGL (vogal, líquida, glide), senão que o glide ocupa a mesma posição que a líquida na coda, não cabe a análise de núcleo ramificado.

Bisol acaba propondo que o ditongo lexical seja definido como a seqüência de duas vogais, das quais a de maior sonoridade é escolhida como núcleo e a outra é inserida na coda, como qualquer soante. Nesse caso a vogal alta passa a ser um glide. Os glides também integram a classe dos sons caracterizados como [+soante].

Resumindo, no português, as seqüências [GV] do nível pós-lexical são hiatos lexicais e os ditongos decrescentes são ditongos lexicais.

No espanhol, desde Nebrija ([1492] 1946: 48), passando por Bello ([1835] 1879: 96), tem sido acumulado um rico acervo de observações e descrições das combinações vocálicas. Assim, Bello faz uma classificação dos ditongos em “próprios” e “impróprios”. Os “próprios”, “produzidos *naturalmente*”, seriam os que se dão no interior da palavra e os “impróprios” os produzidos nas junturas silábicas. Bello pergunta-se por que acontece isso, nas junturas externas, e confessa que não tem resposta.

A análise feita por Bisol (1989: 215; 1995: 166) para resolver a situação dos ditongos crescentes em português também seria aplicável ao espanhol. Para avaliar as possibilidades explicativas da proposta, vai-se aplicar à seqüência de segmentos *punte* (ponte). Uma vez silabada, a palavra apresenta a seguinte estrutura:

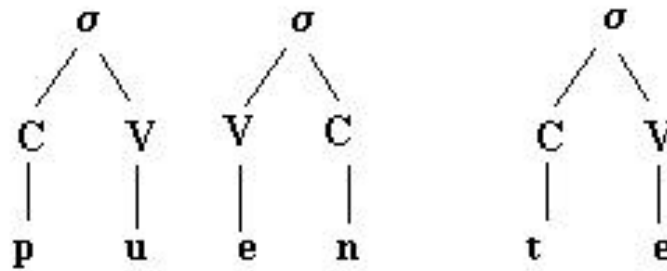


FIGURA 13 – Estrutura silábica da palavra /puente/

No nível pós-lexical, há uma fusão de rimas. Essa fusão de rimas faz com que essa sucessão de vogais seja percebida como um ditongo. O que era hiato no nível léxico passa a ser ditongo no pós-léxico. O mesmo acontece nos limites silábicos externos, nos processos de ressilabação. Como assinala Bisol (1996: 162) para o português, a ressilabação está regulada pelos princípios de Licenciamento Prosódico e de Sonância, além de restrições originadas na sensibilidade da língua perante determinados fatos métricos, tais como peso silábico e choque de acentos. As mesmas pontualizações feitas para o português são aplicáveis ao espanhol.

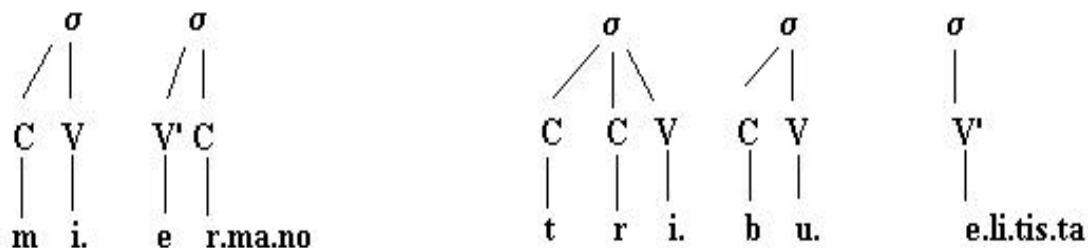
Como consequência da ressilabação, pode haver elisão, ditongação ou degeminação. A ditongação dá-se quando a vogal final de uma palavra e a inicial da outra formam um ditongo. No espanhol, é o caso das seqüências *mi hermano*, (meu irmão) e *tribu elitista* (tribu elitista):

(5)

a. /mi ermano/ → m^l[je]rmano

b. /tribu elitista/ → trib[we]litista

A seguir, apresentam-se as representações das estruturas das seqüências (5.a) e (5.b):



Exemplo 1

Exemplo 2

FIGURA 14 – Silabação de /mi ermano/ e /tribu elitista/

No exemplo (1), a ressilabação provoca que a consoante /m/, que já foi silabada como ataque da sílaba *mi*, seja reconfigurada como ataque da nova rima derivada da fusão dos núcleos /i/ e /e/. Desse modo, reconstitui-se o padrão básico CV. O princípio de Licenciamento Prosódico vai operar novamente para remapear o segundo V'. Sendo o segmento /e/, ocupante do segundo V', mais sonoro que o segmento /i/, ocupante do primeiro V, o princípio de Sonância obriga /i/ a passar para uma posição marginal, própria de C, e cede o lugar para /e/. Levin (1985: 93) propõe uma regra de “desvocalização” (*devocalization*) ou de apagamento de N que pode ser aplicada quando um segmento está precedido por outro de igual ou maior sonoridade. Nessa posição marginal, /i/ converte-se em glide. No exemplo (2), acontece o mesmo com a vogal /u/: passa para margem silábica, porque /e/ é mais sonora; conseqüentemente, /u/ torna-se um glide.

Para finalizar, segundo a teoria da sílaba atual, se bem que todas as vogais entrem como núcleos silábicos, inclusive as altas, quando o processo de ressilabação começa, as vogais altas adjacentes a vogais não-altas convertem-se em glides, no nível pós-lexical.

A resposta para a pergunta de Bello foi possível com a formalização dos processos de ressilabação e a inserção dessas formalizações em teorias mais gerais, o que mostra os esforços da fonologia atual na resolução de problemas de longa data, aproveitando as observações e descrições já feitas.

5.1.1.3 Os ditongos em posição inicial absoluta

O que acontece na ressilabação das palavras com a combinação [we] em posição inicial coloca novas questões. Um dos processos de ressilabação mais gerais é a conversão da coda em ataque (Bisol: 1999b: 722). A tendência do espanhol para fazer esse tipo de ressilabação talvez seja devido ao fato de sua gramática definir como molde padrão a estrutura CV.

Comparando o que acontece com a ressilabação das palavras iniciadas com ditongos decrescentes e o que acontece com os ditongos crescentes iniciados pelo segmento [w], pode-se comprovar que os resultados diferem. Se uma palavra iniciada por ditongo decrescente estiver precedida de consoante, a consoante da coda da palavra precedente passa a ser o ataque da sílaba seguinte, como nos exemplos de (5):

(5)

el.ai.re ⇒ [e.'lai.re] *el aire*, (o ar);

el.au.sen.te ⇒ [e.lau.'sen.te] *el ausente*, (o ausente);

un.eu.ro.pe.o ⇒ [u.neu.ro.'pe.o] *un europeo*, (um europeu);

es.oi ⇒ [e.'soi] *es hoy*, (é hoje).

O quadro 13 explicita essas ocorrências:

QUADRO 13 – Ressilabação de ditongos decrescentes precedidos de consoante

Dado	Ressilabação	Ressilabação esperada	Ressilabação percebida
el aire	e.lai.re	[e.'lai.re]	[e.'laj̣i.re]
el ausente	e.lau.sen.te	[e.lau.'sen.te]	[e.[laụ.'sen.te]
un europeo	u.neu.ro.pé.o	[u.neụ.ro.'pe.o]	[u.neụ.ro.'pe.o]
es hoy	e.soi	[e.'soj̣]	[e.'soj̣]

Se a sílaba precedente acabar em vogal, o processo fonológico que se pode observar nos casos de (6) é a fusão das duas vogais idênticas, ou seja, ocorre uma degeminação. Se as duas vogais que se encontram são da mesma categoria, juntam-se as duas vogais na rima que restou (Bisol, 1995: 166). A seguir, os exemplos:

(6)

la.au.ro.ra ⇒ [laụ.'ro.ra] *la aurora*, (a aurora);

la.ais.la.ron ⇒ [laj̣i^h.'la.ron] *la aislaron*, (isolaram ela, a isolaram);

es.tá.au.sen.te ⇒ [e^h.tauj̣.'sen.te] *está ausente*, (está ausente).

O quadro 14 representa esse fenômeno:

QUADRO 14 – Ressilabação de ditongos decrescentes precedidos de vogal

Dado	Ressilabação	Ressilabação esperada	Ressilabação percebida
la aurora	laau. 'ro.ra	[lạ. 'ro.ra]	[lạ. 'ro.ra]
la aislaron	laais. 'ala.ron	[lạ ^h . 'la.ron]	[lạ ^h . 'la.ron]
está ausente	es.taau. 'sen.te	[estạ. 'sen.te]	[es.tạ. 'sen.te]

No caso dos ditongos crescentes [ja], [je], [jo], [ju], [wa], [we], [wi], [wo], não acontece o mesmo. Já tinha observado Navarro Tomás (1963: 151) que há grupos de vogais finais que não podem ser reduzidos a uma só sílaba. Na lista feita por esse foneticista, figuram os ditongos crescentes quando precedidos de uma palavra acabada com vogal *a*, ou *o*, gerando os grupos: *aie*, *eie*, *eue*, *euo*, *oie*, *ouo*, *aiue*, *uaiai*, além de outras combinações. Navarro Tomás explica, do ponto de vista fonético, que a impossibilidade da redução decorre do aparecimento de uma vogal mais fechada entre duas vogais relativamente abertas. A depressão da perceptibilidade provocada pela vogal mais fechada constitui, segundo Navarro Tomás (*O cit.*: 150), o ponto de divisão silábica entre as demais vogais do grupo. Entre os exemplos, com ditongo crescente, que cita Navarro figuram: *apaga y enciende*, (apaga e acende), a.pa.ga.[jen]. 'cien.de; *calle y escuche*, (cale e ouça), ca.lle.[jes]. 'cu.che; *parece hueco*, (parece oco), pa.re.ce.['we].ko; *siete u ocho*, (sete ou oito), sie.te.['wo].cho; *mucho hielo*, (muito gelo), mu.cho.['je].lo; *uno u otro*, (um ou outro), u.no.['wo].tro; *casa y huerta*, (casa e horta), ca.[saj]. 'wer.]ta; *agua y aire*, (água e ar), a.gua.['jai]re.

Desde uma perspectiva fonológica, o fato pode ser explicado como uma restrição devida a choques de acentos. Há casos em que as regras de sândi tendem a não ser aplicadas se a segunda vogal for portadora de acento principal (Bisol, 2000: 323). A observação de Navarro Tomás merece ser estudada com maior cuidado à luz das novas propostas teóricas porque nem todos os casos parecem responder às mesmas causas.

Alarcos (1971: 158) observou que também não há ressilabação quando aparece [w] em posição inicial de palavra. Atribui a impossibilidade à presença de um reforço consonântico que obriga, na superfície, (*en el decurso*, em palavras de Alarcos), a constituir com [we] uma sílaba diferente daquela do fonema que precede.

Os dados do *corpus* mostram que não se dá o processo de ressilabação nos casos em que o ditongo crescente, iniciado pelo segmento [w], estiver precedido de coda consonantal. Os registros recolhidos são: *el huerto*, (o horto), *el huérfano*, (o órfão), *es huérfano*, (é órfão), *dan hueso*, (dão osso), *echar huevo*, (botar/jogar ovo), *los huesos*, (os ossos), *es un huequito*, (é um buraquinho).

Os falantes silabam como pode ser observado em (7):

(7)

[el.¹wer.to], (o horto), não fazem *[e.¹lwer.to] como fazem [e.¹lur.to], *el hurto*, (o roubo), ou [e.¹ler.pe], *el herpe*, (o herpes);

[el.¹wer.fa.no], (o órfão), não fazem *[e.¹lwer.fa.no] como fazem [e.lor.fa. ¹na.to], *el orfanato*, (o orfanatório), ou [e.¹lor.ðen], *el orden*, (a ordem, o arranjo);

[e^h.¹wer.fa.no], (é órfão), não fazem *[e.¹swer.fa.no] como fazem [e.¹su.nico], *es único*, (é único), [e.¹se.ma], *es Ema*, (é Ema), ou [e.¹soɪ], *es hoy*, (é hoje);

[dã.'we.so], (dão osso), não fazem *[da.'nwe.so] como fazem [da.'ne.so], *dan eso*, (dão isso), ou [a.se.'nũ.mo], *hacen humo*, (fazem fumaça);

[e.'tʃar.'we.βo], (jogar/botar ovo), não fazem *[e.tʃa.'rwe.βo] como fazem [e.tʃa.'re.so], *echar eso*, (jogar/botar isso), [e.tʃa.'rũ.mo], *echar humo*, (jogar fumaça);

[lo^h.'we.so^h], (os ossos), não fazem *[lo.'swe.so] como fazem [lo.'so.so^h], *los osos*, (os ursos), ou [lo.'su.so^h], *los usos*, (os usos);

[e.'sũ.we.'ki.to], (é um buraquinho), não fazem *[e.'su.nwe.'ki.to] como fazem [e.su.'nẽ.ko], *es un eco*, (é um eco), ou [e.'su.nẽr.'ma.no], *es un hermano*, (é um irmão), ou [e.'su.nũ.'mi.to] *es un humito*, (é uma fumaçinha).

O quadro 15 a seguir representa esses casos:

QUADRO 15 – Ressilabação de ditongos crescentes precedidos de consoante

Dado	Ressilabação	Ressilabação percebida	Ressilabação esperada
el huerto	el.uér.to	[el.'wer.to]	*[e.'lwer.to]
el huérfano	el.uér.fa.no	[el.'wer.fa.no]	*[e.'lwer.fano]
es huérfano	es.uér.fa.no	[e ^h .'wer.fa.no]	*[e.'swer.fa.no]
dan hueso	dan.ue.so	[dã.'we.so]	*[da.'nwe.so]
echar huevo	e.char.ue.vo	[e.'tʃar.'we.βo]	*[e.'tʃa.'rwe.βo]
los huesos	los.ue.sos	[lo ^h .'we.so ^h]	*[lo.'swe.so ^h]

Da análise dos dados, pode depreender-se que há um tempo reservado para a consoante do ataque. Pode-se, ainda, interpretar que esse tempo reservado obedece ao fato de que o molde CV está definido na gramática do espanhol como sendo o preferido, devendo ser preservado.

Na proposta de Itô (1986), o processo de silabação é automático, silaba-se todo o material existente; o que não for silabado acaba sendo apagado no ciclo seguinte. A situação ideal é que, dada uma seqüência de segmentos, todos os segmentos sejam silabados. Os elementos não silabados são desligados ou resgatados mediante epêntese (*O. cit.* 116-118). De acordo com a teoria de Itô (1986), os pontos sobre os que vai operar a epêntese já estão determinados no nível lexical por condições específicas da língua, guiada pela Preservação da Estrutura e pelo Licenciamento Prosódico (*O. cit.* 162). O Princípio de Direcionalidade estipula a direção em que vai ser feita a inserção da consoante: direita para esquerda ou esquerda para direita. Nas línguas indo-europeas a direção é de direita para esquerda, constituindo a condição de Ataque Máximo (*O. cit.* 167).

O aparecimento de uma consoante epentética diante de [w], nos ditongos crescentes, está motivada pelos requisitos de boa formação silábica do espanhol. Reserva-se, neste caso, um *locus* (*slot*) vazio para um ataque consonantal, como forma de assegurar um molde silábico de acordo com os parâmetros do espanhol. O preenchimento desse *locus* (*slot*) com material segmental –que predominantemente ocorre com a consoante [g]– é fenômeno pós-lexical.

Também Mascaró (1989) propõe que a silabação pode criar e silabar elementos vazios, introduzindo, desse modo, os pontos sobre os quais irão operar as regras de epêntese e de apagamento (*apud* Collischonn, 1997: 141-146). Como Mascaró utiliza um

modelo baseado em regras, não se ajustaria às necessidades deste trabalho, mas a proposta não deixa de ser interessante.

A seguir, aparece representado o processo de formação da epêntese:

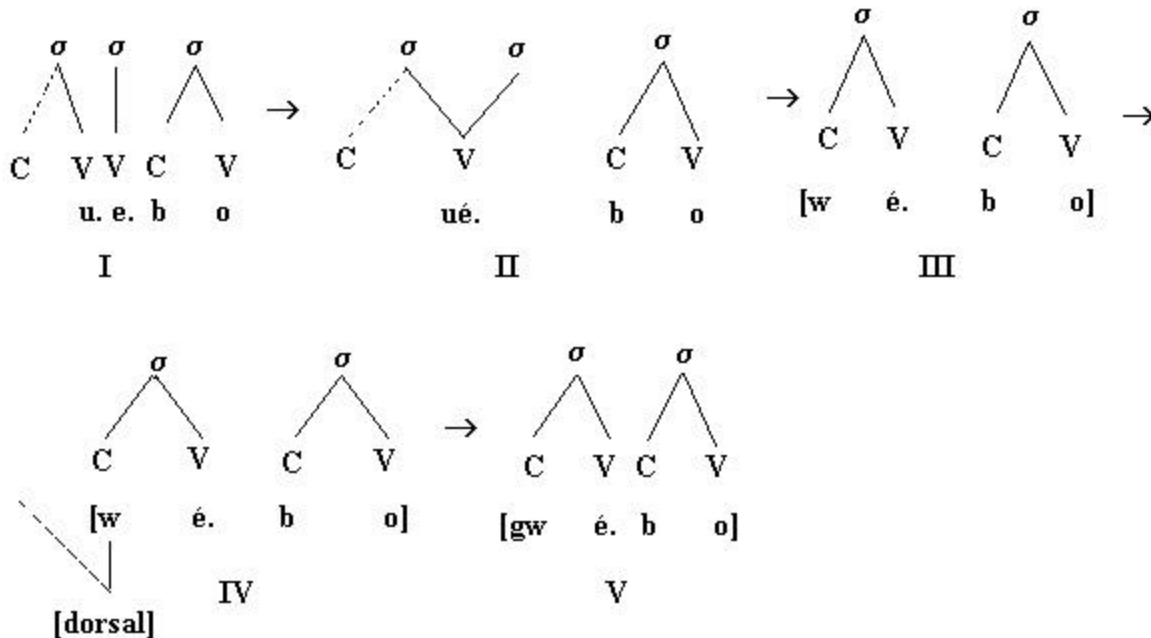


FIGURA 15 – Formação da epêntese

Na fase I, silaba-se a palavra u.e.bo, mas já há o espaço, um *locus (slot)*, reservado para uma consoante no ataque. Na fase I, então, há um espaço vazio reservado para C, e há um hiato lexical. No momento da atribuição do acento, no nível lexical, fase II, a sucessão de uma vogal [+alta] inacentuada, seguida de uma vogal [-alta] acentuada, provoca uma fusão de rimas por desvocalização de /u/. Na fase III, há ressilabação pós-lexical do hiato. Conseqüentemente, o alofone [w] ocupa o ataque, o que pode ser comprovado pela não ressilabação esperada, como exemplificado no Quadro 15, formando-se o ditongo crescente [we]. Na fase IV, sempre no nível pós-lexical, há o espraçamento do traço [dorsal] do segmento [w], criando-se uma verdadeira consoante no ataque silábico. Ativa-se, na fase V, perante esse segmento flutuante, sem silabar ainda, o Princípio de Licenciamento

Prosódico, sempre ativo na saída de cada ciclo fonológico e também no nível pós-lexical. Ressilaba-se, então, como ataque, a consoante epentética gerada. O aparecimento da epêntese, na superfície, se verá favorecido ou não, pelas qualidades do contexto.

A consoante epentética forma-se por exigências de condições de boa formação da sílaba espanhola, que prefere o molde CV. Dentro da teoria de Itô, a epêntese é um processo que ocorre junto com a silabação, ou seja, é uma operação de silabação automática. É importante lembrar que, para Itô (1986: 118), a epêntese é parte integral da silabação mesma; é uma estrutura de construção (*structure building*) e não uma estrutura de mudança (*structure changing*) (Collischonn, 1997: 191). O objetivo da epêntese é assegurar a silabação de estruturas bem formadas, em conformidade com o Princípio de Preservação da Estrutura.

O segmento [w] já foi definido como um segmento complexo (item 2: 11). Essa qualidade faz com que o segmento epentético ocorra por espriamento do traço [dorsal], no caso de aparecimento de [g], ou do traço [labial], nos casos de [b] epentética. Hoje quase não se registra a segunda probabilidade.

Uma vez formada a consoante epentética e feito o novo mapeamento silábico –dado que o Princípio de Licenciamento Prosódico está sempre ativo– a consoante epentética é escandida como ataque consonantal. Desse modo, mediante a epêntese, a sílaba recupera uma estrutura que esteja de acordo com os parâmetros da língua.

Como consequência da epêntese, aparecem, na superfície: *güeso* ['gweso], *güevo* ['gweβo], *güérfano* ['gwerfano], *güerto* ['gwerto], *güeya* ['gweʒa], *güelga* ['gwelya], *güinchester* ['gwintʃester], *Guálter* ['gwalter], *guáter* ['gwater], etc.

Resta sem responder por que não é ouvida sempre a consoante epentética?

Entre as perguntas do questionário que os entrevistadores da equipe do Instituto de Linguística faziam aos informantes, figurava a seguinte:

(8)

“—¿Cómo se llama lo que pone la gallina? (Como se chama o que bota a galinha?)

—Huevo (Ovo).”

[^hweβo] é o que se ouve com maior frequência como resposta. O aparecimento ou não da consoante epentética, na superfície, vai ser favorecido ou desfavorecido pelo contexto. No exemplo de (8), não há material fonético que favoreça a realização de [g] ou [b]; de modo que quando a palavra [weβo] está isolada, muitas vezes ela aparece sem a consoante epentética. A não efetivação da epêntese, na superfície, constitui um fenômeno sujeito a uma regra variável.

Consultado um pesquisador de prestígio como Harris¹⁷, sobre o caso em estudo, a resposta foi que a semiconsoante [w] sofre uma “forticion” ou reforçamento na posição inicial de sílaba, tornando-se uma consoante labio-velar (arredondada). Acrescentou que isso é inteiramente paralelo ao caso da semiconsoante [j] que se reforça em [y], e que se pode tornar obstruente, estridente, segundo o dialeto. Harris afirmou, também, que “existe o mesmo número de segmentos no início e no fim do processo, por ex. 4 segmentos em [webo], 4 em g^webo; 4 em [jelo], 4 em [dʒelo], (dʒ= obstruente palatal)”. Utiliza-se desse argumento para defender que não há epêntese, por isso recorre ao “reforçamento” de [w], ou “forticion”, em suas palavras.

¹⁷ Comunicação pessoal, via e-mail, datas: 29/08/1998; 03/09/1998.

5.1.1.3.1 O processo de consonantização dos glides espanhóis

O processo de consonantização sofrido pelo glide [j], nos dialetos rio-platenses, mostra uma outra estratégia da língua para resolver a situação de uma sílaba que não cumpre com as condições de boa formação silábica.

Nos dialetos rio-platenses, há uma consonantização da semivogal [j], pela perda dos traços vocálicos, nas sílabas em que aparece um glide em posição inicial. Esse processo pode ser conferido nas palavras *hierba*, *yegua*, *yeso*, *yema*, *mayo* que passaram para [ˈʃerβa ~ ˈʒerβa], [ˈʃeɣua ~ ˈʒeɣua], [ˈʃeso ~ ˈʒéso], [ˈʃéma ~ ʒéma], [ˈmaʃo ~ ˈmaʒo], respectivamente.

Entre o processo que ocorre com [j] e com [w], há diferenças. Enquanto no caso de j →ʃ~ʒ houve um desligamento progressivo dos traços vocálicos até o apagamento do segmento [j]; no caso de [w], espraia-se o traço dorsal, mas o segmento continua totalmente presente.

Enquanto que o processo de consonantização de [j] está, aparentemente, consolidado, não acontece o mesmo com [w]. É um processo ainda em andamento em todos os âmbitos do espanhol, apesar de que a variante epentética provoca, ainda, a rejeição dos falantes alfabetizados.

Como já acontecia no latim, o espanhol também teria uma tendência para consonantizar o glide inicial ou epentetizar uma consoante por espraçamento do segmento complexo [w] em posição inicial. Por exemplo, havia, no latim clássico, uma semiconsoante [w], representada com as grafias *u* ou *v*, *uenio*, *uinum*, *leuis*, que era articulada pelo povo como **b**, fricativa bilabial, desde a época do Império (Lapesa, 1969:

28); e nos fins do século I d. C. já era pronunciada como verdadeira consoante (Alarcos, 1971: 231). Em uma gramática latina atual, para uso escolar, entre as licenças poéticas descritas, aparece que os poetas podiam considerar a palavra *silva* como de duas sílabas, *silva*, ou de três, *silua* (Siegel, 1960: 321).

No latim clássico, as vogais em hiato passavam para ditongo, em casos de sílaba átona. Provavelmente, com o incremento do acento de intensidade, a vogal em hiato tornou-se semivogal, de articulação muito reduzida, que podia desaparecer: *pariete* > *parete*, *quattuor* > *quattor* (Alarcos, 1971: 232). Outras vezes, houve uma epêntese, como no caso de *manuale* > *manguale*; no espanhol de hoje, *mango* (cabo).

O espanhol estaria vivendo processos fonológicos, e usando de estratégias asseguradoras da boa formação da estrutura silábica, que o próprio latim já teria vivido e usado.

5.2 Fatores que favorecem o aparecimento da epêntese

Além dos fatos pertencentes ao domínio da sílaba, já analisados, interagem com esses os fatores próprios do nível do segmento.

A respeito de quais são os contextos que favorecem o aparecimento da epêntese, e quais a desfavorecem, a presença de uma nasal é tão claramente favorecedor, que quase pode ser interpretado como uma regra categórica. Por outra parte, as líquidas não favorecem o aparecimento de epêntese (item 4.2.2.3, Tabela 5 e Gráfico 9). A seguir, apresenta-se uma análise mais detalhada dos diversos fatores.

5.2.1 O fator nasal

A presença de uma consoante com o traço [+nasal] no contexto precedente favorece, claramente, o aparecimento da epêntese.

Dentre as características articulatórias dos sons nasais, tem-se que o véu do paladar desce fechando a cavidade oral e o ar dos pulmões passa para as fossas nasais, e isso faz com que essas consoantes se assemelhem às oclusivas, pelo fechamento da cavidade oral; no entanto, em outros aspectos, têm semelhanças com as aproximantes. Isso acontece pelo fato de que o ar não passa por uma constrição suficientemente estreita como para produzir uma turbulência local; pelo contrário, há uma contínua saída de ar (Ladefoged e Maddieson: 1996:103).

A semelhança no modo de produção, entre as oclusivas e as nasais, resulta em uma conexão entre nasais e oclusivas na fonologia de muitas línguas. Tanto é assim que a seqüência nasal + oclusiva pode ser considerada como homorgânica, em muitos casos. Dada uma seqüência de nasal + oclusiva, pode-se observar que, quando a porção nasal acaba, a oclusiva já foi iniciada, simplesmente, pela elevação do véu (Ladefoged e Maddieson: 1996: 119).

Do ponto de vista fonológico, como consequência do efeito co-articulatório, o traço [-contínuo] da nasal favorece o aparecimento de uma consoante velar, também com o traço [-contínuo].

5.2.2 O fator fricativa aspirada

A presença de uma fricativa aspirada, no contexto precedente, com um peso relativo de 0,57, também favorece, porém de modo discreto, o processo de epentetização, (item 4.2.2.3, Tabela 5 e Gráfico 9).

Nos dialetos rio-platenses, observa-se a aspiração do segmento fricativo /s/, na posição de coda, processo de variação comum a vários dialetos do espanhol. A realização fonética de fricativa aspirada aparece como sendo favorável ao aparecimento da epêntese.

Verifica-se, pois, que, a seqüência de dois segmentos com o traço [dorsal], da fricativa aspirada e do segmento [w], favorecem o aparecimento de uma consoante velar caracterizada, também, por um traço [dorsal].

5.2.3 O fator dorsal

A análise revela que o contexto seguinte formado por uma vogal dorsal, com um traço de abertura [+aberto], favorece o aparecimento de uma consoante epentética. O traço [dorsal] da vogal /a/ tem um peso relativo de 0,73, francamente favorável ao aparecimento da consoante velar [g], (item 4.2.2.6, Tabela 9 e Gráfico 13).

A seguir, apresenta-se uma representação da vogal /a/ que permite visualizar o traço [dorsal]:

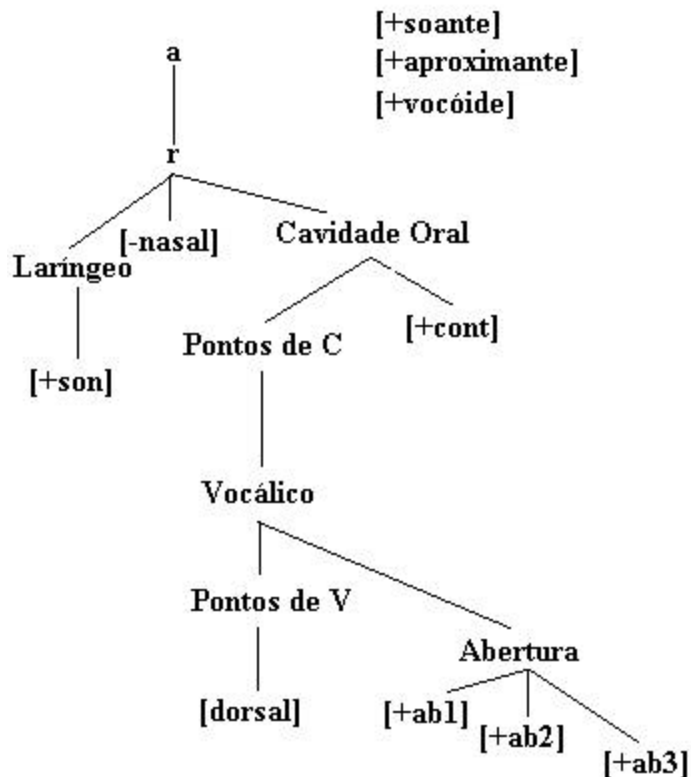


FIGURA 16 – Representação da vogal dorsal /a/

O peso desse fator, presença da vogal /a/ no contexto seguinte, pode explicar, diacronicamente, por que todos os empréstimos que entraram na língua, desde as línguas germânicas, ameríndias ou do árabe, com /á/ no contexto seguinte figuram na língua com epêntese, por exemplo: *guante*, *guapo*, *guaco*, *guampa*, *guacho*, *guarismo*, etc.

5.2.4 O fator coronal

Foram avaliadas as vogais coronais /e, i/, seguintes ao segmento [w]. Enquanto a vogal /i/ no contexto seguinte não foi considerada pelo programa Varbrul (item 3.3), a

vogal /e/ tem um peso relativo de 0,26, claramente desfavorável ao aparecimento da epêntese (item 4.2.2.6, Tabela 8 e Gráfico 12).

O fato de a vogal /e/ ser desfavorável ao aparecimento da epêntese pode explicar por que as palavras que apresentam o ditongo *we* são variáveis a respeito da epêntese. Enquanto nos empréstimos, com o agrupamento vocálico *wa* na posição inicial, predomina a variante epentetizada, favorecida pela presença de uma vogal [dorsal], os vocábulos patrimoniais, com o agrupamento de vocóides *we*, na posição inicial, epentetizam com uma frequência menor, dado que a vogal [coronal] desfavorece a epentetização.

5.2.5 O fator líquida

Por fim, o fator líquida é desfavorável ao aparecimento de epêntese (item 4.2.2.3, Tabela 5 e Gráfico 9). O traço [coronal] que caracteriza as consoantes laterais e não laterais explica esse desfavorecimento.

Da leitura e análise dos dados estatísticos referidos aos fatores lingüísticos, pode-se concluir que, se bem que por razões silábicas a epêntese seja necessária, o contexto favorecerá ou não o aparecimento da consoante epentética na superfície. Essa conclusão se depreende da comprovação de que os três fatores que se revelaram com um peso significativo favorável na ocorrência da epêntese compartilham traços com o segmento [w].

5.2.6 As Variáveis Extralingüísticas

O peso das variáveis extralingüísticas não se mostrou significativo no aparecimento ou não aparecimento da epêntese, no estudo realizado. Para a variável idade, as pessoas de mais de 40 anos aparecem como mais epentetizadoras, com um peso, discreto, de 0,57.

Esse peso não é significativo, $P=0,345$, porque não se contrapõe a um peso baixo do outro fator, pessoas que têm menos de 40 anos, que tem um peso, neutro, de 0,48. Como já se explicou, no capítulo dedicado à Metodologia, não há informantes das células sociais “escolaridade alta”, “idade superior a 40 anos”. Esse fato impediu a comparação entre essas células com as de “escolaridade baixa”, “idade superior a 40 anos” e as de “escolaridade alta”, “idade até 40 anos” e de “escolaridade baixa”, “idade até 40 anos”.

Por outro lado, a variável escolaridade não é significativa ($P=0,690$) devido a que os pesos relativos dos dois fatores considerados são, de fato, neutros: escolaridade alta, $w=0,52$, e escolaridade baixa, $w=0,49$.

Se bem que para esta mostra e para estes dados os fatores extralingüísticos não tenham peso significativo, resta o desafio de continuar pesquisando para a comprovação desses resultados.

Talvez seja necessário aplicar um instrumento que permita objetivar o peso da estigmatização social no uso de determinadas variantes lingüísticas. No caso estudado, desde o início, a norma culta do espanhol utilizou-se de duas soluções, uma para as palavras herdadas do latim, como *huevo* (lat. ovum, -i), *huerto* (lat. hortus, -i), *hueso* (lat. os, ossis), etc., e outra para os empréstimos lingüísticos, das línguas germânicas primeiro, e das ameríndias depois. Nas palavras originárias do latim, que integram um inventário curto, poucas palavras mas muito vivas, muito usadas, não podia nem pode aparecer a epêntese, mas nos empréstimos, sim. Já se viu (item 5.2.3) que há motivos de índole lingüística que explicam a postura da norma culta.

No último dicionário, a RAE decidiu que a palavra *whisky* se escreve “güisqui”, o que provocou surpresa porque os falantes que bebem uísque ainda pronunciam [wíski], mas

não foi “liberado” para os nomes próprios, empréstimos do inglês, muito usados em vários países hispano-americanos: *Walter*, *Wilson* e *Washington*, por exemplo, que nos registros populares podem aparecer como [elywá|ter], [elywá|lson] e [elywá|finton ~ elywá|zinton]. Esses empréstimos epentetizados ainda estão na fase estigmatizada.

Como há concordância, tanto entre pesquisadores como entre os falantes alfabetizados, acerca do aparecimento da epêntese diante de [w], esperava-se um maior número de ocorrências nas gravações do *corpus* levantado; mas o fato concreto é que não apareceu na frequência esperada. Por que não apareceu se é um fenômeno tão vivo? Aparecem outras formas que caracterizam os registros populares do Uruguai tais como aspiração do segmento /s/ em posição de coda: [siempre 'βamo^h] para *siempre vamos*; perda do -s como marca do plural: [lo^h gu'rise]; as duas etapas do processo de queda do segmento /d/ intervocálico e posterior ditongação do sufixo -ado: [man'tʃao ~ man'tʃau], para *manchado*; a forma verbal ['aj̃ya] em lugar de *haya*; a forma verbal ['baʒamos ~ 'baʒamos] em lugar de *vayamos*, e vários outros casos.

Uma hipótese possível é que a escola teria um tratamento diferenciado para os casos mencionados no parágrafo anterior, registrados nas gravações do *corpus*, e o caso da epêntese antes do [w]. Para os primeiros casos, a escola não tem uma posição de “combate” tão clara como para a epêntese antes do [w].

No caso da aspiração ou queda do /s/, as gerações anteriores, as pessoas que hoje têm cinquenta anos e mais, eram controladas na escola, mas não de um modo rigoroso. “No te comas las eses”, era a censura moderada que podiam receber algumas crianças na escola,

no momento da leitura em voz alta. Mas eram os casos em que quase se ouvia uma velar fricativa: [loxgu'rise] para [lo^hgu'rise^h], [la'moxka] para [la'mo^hka].

A situação é bem diferente no caso da epêntese diante de [w]. A escola tem como objetivo ortográfico esse caso porque todas as palavras com o ditongo *we* inicial se escrevem com agá, (*huésped, hueco, huérfano*, etc.). Para a escola há dois problemas juntos, a pronúncia estigmatizada e uma forma escrita difícil de adquirir pela presença de uma letra que não representa fonema nenhum.

A hipótese explicativa que se propôs é que, sendo o Uruguai um país altamente escolarizado, a pressão da escolarização faz com que as pessoas, em qualquer situação que não seja estritamente familiar, não usem as formas estigmatizadas com epêntese diante de [w]. A pressão da escola, e da comunidade apropriando-se do discurso da escola, seria o fator mais forte na eleição da forma mais prestigiosa em situações formais e na interação com pessoas de maior hierarquia. A comprovação dessa hipótese merece um refinamento dos instrumentos em futuros projetos de pesquisa.

Comprovou-se que a epêntese de [g], diante de [w], nos ditongos crescentes em posição inicial absoluta, é uma estratégia arbitrada pela língua para gerar sílabas de acordo com as condições de boa formação. As características do contexto favorecem ou não a ocorrência, na superfície, da consoante epentética. Resta, para outro estudo, achar o instrumento que permita estabelecer o peso da estigmatização no uso da variante estudada.

6 CONCLUSÃO

A epêntese consonantal diante de [w] é um fenômeno próprio do nível lexical no funcionamento do espanhol. Rejeitada como vulgarismo quando aparece diante da seqüência [we], aceita diante da seqüência [wa], tem se arrastado através dos tempos, provocando, no seu pequeno âmbito, uma turbulência conflitiva.

O fenômeno analisado é provocado pela interação de múltiplos fatores. Além dos fatores pertencentes ao domínio da sílaba, por exemplo, uma sílaba sem ataque quando a sílaba espanhola tem uma clara preferência pelo padrão universal CV, incidem fatores próprios do nível do segmento.

Os fatores pertencentes ao domínio da sílaba que incidem no fenômeno são:

⇒ as condições de boa formação da sílaba espanhola;

⇒ as restrições específicas dessa língua no que tange a essas condições.

O fator que aparece como condição primeira para que o processo se ative é a ocorrência de um ditongo crescente, no nível pós-lexical, com um segmento [w] em posição inicial. É uma sílaba marcada pelo fato de não ter um ataque consonantal. A não ressilabação desse segmento com a consoante da coda precedente, Quadro 15, como era

esperado, abre o caminho para interpretar que a consoante está sempre presente, embora em forma “latente”.

As características do contexto favorecem ou desfavorecem o aparecimento, na superfície, da epêntese. Das variáveis selecionadas para analisar se favoreciam ou não o aparecimento da epêntese, apenas as referentes ao modo de articulação das consoantes e ao ponto de articulação das vogais revelaram-se com um peso significativo. As variáveis que favorecem a ocorrência da epêntese são:

- ⇒ a presença de uma consoante [nasal] no contexto precedente;
- ⇒ uma consoante fricativa aspirada no contexto precedente;
- ⇒ uma vogal [+aberta] e [dorsal] no contexto seguinte.

Como fatores desfavorecedores da epentetização, aparecem:

- ⇒ uma vogal [coronal] no contexto seguinte;
- ⇒ uma consoante líquida no contexto precedente.

Esses dados podem explicar, em parte, por que a epêntese diante do ditongo [we] é um conflito ainda sem resolver, e porque já foi resolvido, mediante a aceitação do [g], diante do ditongo [wa].

Os dados da amostra não foram suficientes para estabelecer se as variáveis extralingüísticas têm uma incidência significativa na realização superficial da epêntese. Um mesmo falante ora epentetiza, ora não epentetiza, o que está revelando a variação existente, mas não permite estabelecer a significação dos fatores extralingüísticos nessa variação.

Para remediar algumas das dificuldades enfrentadas para resolver este trabalho, seria interessante poder montar pesquisas mais experimentais, partindo da síntese da língua e aproveitando os recursos que possa prover a Fonética. Para isso, seria necessário criar os

algoritmos necessários para gerar as sílabas conflitivas, fazer ouvi-las e testar as reações dos ouvintes. Desse modo, o fonólogo poderia controlar variáveis tais como a perceptibilidade de determinados sons —no caso do espanhol, a fricativa [ɣ], por exemplo, seria um desafio bem interessante— ou contexto fonético, com a possibilidade de ir variando um fator por vez para medir as diferenças entre condições de produção, perceptibilidade e diferenças na interpretação por parte do ouvinte.

É necessário continuar trabalhando sobre fenômenos estigmatizados, como o que motivou este trabalho, para estabelecer políticas lingüísticas mais acordes com a realidade fonológica da língua.

BIBLIOGRAFIA

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Fonología española*. 4 ed. Madrid: Gredos, [1950]1971.

_____ *Gramática de la lengua española*. 1. ed., 7. reimpressão. Madrid: Espasa-Calpe, 1995.

ALBERTI, Eugenia B. de; BERRO, Mercedes R. de; MIERES, Celia; MIRANDA, Élide. *Diccionario documentado de voces uruguayas en Amorim, Espínola, Mas de Ayala, Porta*. Montevideo: Universidad de la República. Departamento de Publicaciones, 1971.

ALONSO, Amado. *Gramática castellana. Primer curso*. Buenos Aires: Losada, 1961.

_____ *De la pronunciación medieval a la moderna en español*. 2 ed. Madrid: Gredos, 1967 (a).

_____ *Estudios lingüísticos: temas hispanoamericanos*. 3 ed. Madrid: Gredos, 1967 (b).

_____ *Estudios lingüísticos: temas españoles*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1974.

AMARAL, Luís. O abaixamento de /i/ e de /u/ no português da campanha gaúcha. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UCPel, 1996.

_____ *Criando um formulário no Microsoft Access*. Pelotas: UFPel, 1998.

BELLO, Andrés. *Principios de la ortología i métrica de la lengua castellana*[1835]. *In: Obras completas de Don Andrés Bello*. Santiago de Chile: Edición de la Dirección del Consejo de Instrucción Pública, 1872.

BISOL, Leda. Harmonização vocálica. Uma regra variável. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.

_____ Retrospectiva. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A*, v. 5, nº 2, p 185-224, 1989.

- _____ Ditongos derivados. *D.E.L.T.A., Vol 10, N° especial*. (p.123-140), 1994.
- _____ O sândi e a ressilabação. *In: BISOL, Leda. (org). Atas do Seminário de Fonologia. Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 31, n° 2, p. 159-168, 1996.
- _____ Os constituintes prosódicos. *In: BISOL, Leda (org.). Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999 (a).
- _____ A sílaba e seus constituintes. *In: MORA NEVES, Maria Elena de (Org.). Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Edit. UNICAMP, 1999. V. 7 (b).
- _____ A elisão, uma regra variável. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 35, n° 1, p. 319-330, março de 2000.
- BORZONE de Manrique, Ana M. *Manual de Fonética Acústica*. Buenos Aires: Hachette, 1980.
- BOUTON. Roberto J., *Bien campero: diccionario del conocedor del campo*. Selección y ordenamiento Germán WETTSTEIN y Raquel MORADOR. Montevideo: Arca, 1968.
- BUNGE, Mario *et al. Ciencia y método*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 1979.
- CALABRESE, Andrea. A Constraint-Based Theory of Phonological Markedness and Simplification Procedures. *Linguistic Inquiry*. v. 26 n° 3 Summer 1995 p. 373-463, The Massachusetts Institute of Technology, 1995.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CAPÍTULO ORIENTAL: Historia de la literatura uruguaya. Montevideo: CEDAL, v. 1-45 (cada volume consta de um fascículo ilustrado e um pequeno livro), 1969.
- CHOMSKY, Noam. *Lingüística Cartesiana*. Madrid: Gredos, 1969.
- _____ *Reflexiones sobre el lenguaje*. Buenos Aires: Sudamericana, 1977.

- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *Principios de fonología generativa*. Madrid: Fundamentos, 1979. (Tradução ao espanhol de *The sound pattern of English*. Part I and IV, 1968)
- CLEMENTS , George N. The Role of the Sonority Cycle in Core Syllabification. In: KINGSTON, J; e BECKMAN, M. (eds) *Papers in laboratory phonology 1: between the grammar an physical speech*. New York: CUP p. 283-333, 1990.
- CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell p. 245-306, 1995.
- COLLISCHONN, Gisela: Análise prosódica da sílaba em português. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.
- _____ A sílaba em português. In: BISOL, Leda (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 91-123.
- CONTRERAS SEITZ, Manuel Eduardo. Historia de la Lengua Española en Chile. Primera etapa (siglo XVI) *Anales: XI. Congreso de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina (A.L.F.A.L.)*, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 22 al 27 de julio de 1996.
- COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1997.
- CORREAS, Gonzalo. *El arte de la lengua española castellana*. [Ed. original 1526], Madrid: Alarcos García, 1954.
- DANIEL, Wayne. *Estadística con aplicaciones a las ciencias sociales y a la educación*. México: McGraw-Hill, 1977.
- ELIZAINCÍN, Adolfo. *Dialectos en contacto: español y portugués en España y en América*. Montevideo: Arca, 1992.
- ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis; BARRIOS, Graciela. *Nos falemo brasileiro: dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.
- ENCICLOPEDIA URUGUAYA. Montevideo: Arca, v. 1-55 (cada volume consta de um fascículo e um caderno literário), 1968.
- FISHMAN, Joshua. *Sociología del lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995.

FONTANELLA de Weinberg, María Beatriz. *El voseo bonaerense: visión diacrónica*. Bahía Blanca: Departamento de Humanidades. Universidad Nacional del Sur, 1989.

_____ (Compiladora) *El español en el nuevo mundo: estudios sobre historia lingüística hispanoamericana*. Washington: OEA (Colección INTERAMER, N° 30 - Serie Cultural), 1994.

GARCÍA-PELAYO y GROSS, Ramón. *Pequeño Larousse ilustrado*. Buenos Aires: Larousse, 1995.

GILI GAYA, Samuel. *Elementos de fonética general*. Madrid: Gredos, 1971.

GRANADA, Daniel. *Vocabulario rioplatense razonado*. Montevideo: Biblioteca Artigas, 1957.

GUMPERZ, John J. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, (First published 1982), Reprinted 1993.

_____ *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, (First published 1982), Reprinted 1995.

HARRIS, James W. *Fonología generativa del español*. Barcelona: Planeta, 1975.

_____ *Syllable Structure and Stress in Spanish. A Nonlinear Analysis*. Massachusetts: MIT Press, 1983.

HARRIS, James; KAISSE, Ellen M. Palatal vowels, glides and obstruents in Argentinian Spanish. *Phonology* 16 (1999)117-190, 1999.

HERNANDORENA, Carmen L. Matzenauer. Introdução a teoria fonológica. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

HERRANZ, Anastasio, (comp.). *El español hablado en Honduras*. Tegucigalpa: Guaymuras, 1990.

HJELMSLEV, Louis. *Principios de gramática general*. Madrid: Gredos, 1976.

ITÔ, Junko. Syllable theory in prosodic phonology. Tese de doutorado. Massachusetts: University of Massachusetts, 1986.

LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

- LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. 8. ed. 4. reimpressão. Madrid: Gredos, 1985.
- LEVIN, Juliette. A metrical theory of syllabicity. Tese de doutorado. Massachusetts: MIT, 1985.
- LIPSKI, J. M. *Fonética y fonología del español de Honduras*. Tegucigalpa: Guaymuras, 1987
- LOPE BLANCH, Juan M. (Ed.) *Estudios sobre el español hablado en las principales ciudades de América*. México: UNAM, 1977.
- LOS DEPARTAMENTOS. Montevideo: Nuestra Tierra, v. 1-18, 1970.
- LOS RANCHERÍOS Y SU GENTE: TAREAS, COSTUMBRES, HISTORIAS DE VIDA. Montevideo: Universidad de la República, Departamento de extensión Universitaria, DP. FCU, 1968.
- MALMBERG, Bertil. *Études sur la phonétique de l'espagnol parlé en Argentine*. Lunds Universitets, Lund: Hakan Ohlssons Boktryckeri, 1950.
- _____ *La fonética*. Buenos Aires: EUDEBA, 1986.
- MARTINET, André. *Économie des changements phonétiques. Traité de phonologie diachronique*. Berne: A. Francke, 1955.
- MASCARÓ, Joan. Teoría de la asimilación en las lenguas románicas. In: Demonse V. y Gorga B. *Estudios de Lingüística de España y México*. México: UNAM (p. 465-487), 1990,
- MATEUS, Maria Helena Mira. Curso de Fonologia. II Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis, 1994 (mimeo).
- MOORHOUSE, A. C. *Historia del alfabeto*. 2. ed. espanhol, Buenos Aires: (Tradução ao espanhol de *The triumph of the alphabet, a history of writing*). Fondo de Cultura Económica, 1965.
- MOTA, Helena Bolli. Adquisição segmental do português: Um modelo implicacional de complexidade de traços. Tesis de Doutorado. Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.
- NAVARRO TOMÁS, Tomás. *Manual de pronunciación española*. 11. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.

- NOSKE, Roland G. A theory of syllabification and segmental alternation: with studies on the phonology of French, German, Tonkawa and Yawelmani. Tese de doutorado. Universidade Católica de Brabant, 1992.
- PEDRETTI DE BOLÓN, Alma. *El idioma de los uruguayos: unidad y diversidad*. Montevideo: Ed. de la Banda Oriental, 1983.
- PELLEGRINO, Adela (Comp.). *Migración e integración: nuevas formas de movilidad de la población*. Montevideo: Trilce, 1995.
- QUILIS, Antonio. *Fonética acústica de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1981.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1978.
- ROSENBLAT, Ángel. *Nuestra lengua en ambos mundos*. Navarra [España]: Salvat, 1971.
- ROUSSEAU, Pascal & SANKOFF, David. Advances in variable rule methodology In SANKOFF, David. *Linguistic Variation. Models and Methods*. N. York: Academic Press, 1978.
- RUEDA RUEDA, Mercedes. Breve apunte sobre el topónimo Huerga. *Contextos*, León: Universidad de León, v. 11. n. 21-22, p. 359-369, 1993.
- SAPIR, Edward. *El lenguaje*. 2 ed. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1962.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística general*. [Tradução ao espanhol de *Cours de linguistique générale*: Ginebra, 1916]. Buenos Aires: Losada, 1999.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores. Brasília: UnB, 1993 (mimeo).
- SIEGEL, Conrado. *Gramática latina*. Buenos Aires: Guadalupe, 1990.
- SILVA, Tahís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.
- SOSA, Sonia; ISUIM, Samuel; WETTSTEIN, Germán. *Paso de las Flores*. Montevideo: Signo (Universidad de la República. Departamento de Publicaciones): 1968
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1994.

TRUBETZKOY, Nikolai S. *Principios de fonología*. [Tradução ao espanhol de *Grundzüge der Phonologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1939]. Madrid: Cincel, 1973.

VALDÉS, Juan de. *Diálogo de la Lengua*. [ed. original 1535?] Edición y notas por MONTESINOS, José F. Madrid: 1928

VIDART, Daniel. *Uruguay 67, el paisaje uruguayo*. Montevideo: Alfa, 1967